



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JOÃO VITOR PEREIRA DE QUEIROZ

OS BASTIÕES DA VERDADE: Um estudo de caso sobre o discurso conservador católico na internet

Recife

2021

JOÃO VITOR PEREIRA DE QUEIROZ

OS BASTIÕES DA VERDADE: Um estudo de caso sobre o discurso conservador católico na internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Área de concentração: Mudança Social

Orientador: Prof. Dr. Joanildo Albuquerque Burity

Recife
2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

- Q3b Queiroz, João Vitor Pereira de.
 Os bastiões da verdade : um estudo de caso sobre o discurso conservador católico na internet / João Vitor Pereira de Queiroz. – 2021.
 117 f. : il. ; 30 cm.
- Orientador: Prof. Dr. Joanildo Albuquerque Burity.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2021.
 Inclui referências.
1. Sociologia. 2. Conservadorismo. 3. Igreja Católica. 4. Análise do discurso. 5. Internet. I. Burity, Joanildo Albuquerque (Orientador). II. Título.
- 301 CDD (22. ed.) (BCFCH2021-092)

JOÃO VITOR PEREIRA DE QUEIROZ

OS BASTIÕES DA VERDADE: Um estudo de caso sobre o discurso conservador católico na internet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Aprovada em: 26/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joanildo Alburquerque Burity (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Maria Eduarda da Mota Rocha (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. Brenda Maribel Carranza Dávila (Examinadora Externa)
Universidade Estadual de Campinas

Às vítimas da COVID-19 no Brasil, em especial minha avó Joana D'Arc.

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar o discurso conservador católico na internet, em vista de demonstrar como o mesmo é construído na sociedade brasileira e junto aos católicos do país entre 2013 e 2019. Se colocando como única forma legítima de se compreender a realidade e atuar nela, esse discurso deslegitima a existência do outro, do diferente, trazendo consigo falas de carregadas de concepções antagonísticas da realidade e narrativas conspiratórias. Para analisá-lo, foi feito um estudo de caso a partir de agentes desse fenômeno, Padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster, tomando-se como material empírico a atuação dos mesmos na internet através de vídeos do YouTube. Tendo em mãos este material, este trabalho se propôs a realizar uma análise de discurso a partir da escola francesa, baseando-se sobretudo nas contribuições de autores da linguística e das ciências sociais que construíram modelos de análise empírica a partir de teorizações do último Michel Pêcheux, como Eni Orlandi e Dominique Maingueneau. Além disso, tem-se, aqui, como aportes teóricos as contribuições de Celina Lerner sobre a mentalidade conservadora no Brasil; as diferentes formas de conservadorismos analisadas por Marcos Quadros; a noção de lógicas trabalhada por Jason Glynos e David Howarth; e a teoria do discurso de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau – sobretudo noções como hegemonia, antagonismo e a ontologia relacional do social.

Palavras-chave: Conservadorismo. Discurso. Igreja Católica. Padre Paulo Ricardo. Bernardo Küster.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the conservative Catholic discourse on the internet, in order to demonstrate how it is constructed in Brazilian society and amid the country's Catholics between 2013 and 2019. Presenting itself as the only legitimate way of understanding reality and acting on it, this discourse delegitimizes the other's existence, with antagonistic conceptions of reality and conspiratorial narratives. To analyze it, a case study was made based on agents of this phenomenon, taking their performance on the internet through *YouTube* videos as their empirical material. With this material in hand, this work performed a discourse analysis inspired by its French school, based mainly on the contributions of authors of linguistics and social sciences who built empirical analysis models based on the theories of the last Michel Pêcheux, like Eni Orlandi and Dominique Maingueneau. Furthermore, this makes use of theoretical and analytical contributions such as Celina Lerner's findings on the conservative mentality in Brazil; the different forms of conservatisms analyzed by Marcos Quadros; the notion of logics brought by Jason Glynos and David Howarth; and Chantal Mouffe and Ernesto Laclau's Theory of Discourse – especially notions such as hegemony, antagonism, and the relational ontology of the social.

Keywords: Conservatism. Discourse. Catholic Church. Father Paulo Ricardo. Bernardo Küster.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	–	Temas.....	67
Quadro 2	–	Estratégias.....	69
Figura 1	–	Momento em que Küster faz postagem de vereadora como prova de sua acusação.....	71
Gráfico 1	–	Códigos de Valores e Visões em % de vídeos do <i>corpus</i>	75
Figura 2	–	Cenário do Padre Paulo Ricardo em enquadramento alternativo (criado digitalmente).....	78
Quadro 3	–	Valores.....	79

LISTA DE SIGLAS

CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPAC	Conservative Political Action Conference
CVII	Concílio Vaticano II
MPL	Movimento Passe Livre
OMS	Organização Mundial da Saúde
PSL	Partido Social Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
RCC	Renovação Carismática Católica
RJ	Rio de Janeiro
TFP	Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	SITUANDO O PROBLEMA: CONTEXTO, ESTADO DA ARTE E PROBLEMATIZAÇÃO	12
2.1	O RELIGIOSO, O POLÍTICO E A MEDIATIZAÇÃO	12
2.2	A RECENTE CONJUNTURA BRASILEIRA	14
2.3	A IGREJA CATÓLICA E A DEMOCRACIA: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO	17
2.4	O CONSERVADORISMO CATÓLICO ATUAL: EMBATES, MÍDIAS E ARTICULAÇÕES	24
2.5	EVIDENCIANDO O PROBLEMA	33
3	LEVANTANDO O EDIFÍCIO: REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLOGIA	35
3.1	AS BASES DE SUSTENTAÇÃO: DISCURSO, HEGEMONIA E LÓGICAS	35
3.2	LEVANTANDO PAREDES E COLUNAS: O(S) CONSERVADORISMO(S) NO BRASIL E NO MUNDO	42
3.3	FERRAMENTAS E MATERIAIS ADOTADOS: PERCURSO METODOLÓGICO	54
4	A PRODUÇÃO MIDIÁTICA DE PADRE PAULO RICARDO E BERNARDO KÜSTER: UMA VISÃO GERAL	62
4.1	INTRODUÇÃO AO CORPUS	62
4.2	CÓDIGOS DE ANÁLISE: TEMAS, ESTRATÉGIAS E VALORES	65
4.3	RECONHECENDO O TERRENO: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E PONTOS CENTRAIS	80
5	O DISCURSO CONSERVADOR CATÓLICO NA INTERNET: FUNCIONAMENTO E CONSTITUIÇÃO	85
5.1	ADVERSÁRIO NO CENTRO: DESQUALIFICAÇÃO, INFILTRAÇÃO E DISTANCIAMENTO RADICAL	85
5.2	PONDO ORDEM NA CASA: ONTOLOGIA ESSENCIALISTA, IDEAL DE SOCIEDADE E DÉSPOTAS NECESSÁRIOS	93
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Não é difícil se deparar com o tema do conservadorismo, sobretudo nos últimos anos. De fato, a partir das eleições de 2018, enquanto marco simbólico, percebeu-se no Brasil uma mudança gritante em termos de conjuntura política. Após 4 eleições presidenciais seguidas vencidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a maioria do eleitorado brasileiro elege Jair Bolsonaro, ex-militar e deputado conhecido pela defesa intransigente do modelo patriarcal de família, de uma noção punitivista e violenta de justiça e por posicionamentos fortes sobre os mais diversos grupos marginalizados da sociedade brasileira. O fato é: Bolsonaro parece ilustrar um fenômeno mais abrangente, o (res)surgimento de um conservadorismo violento e intolerante na cena pública em todo o país.

Nesse cenário, são canalizados os ressentimentos da população em figuras carismáticas, fortemente inseridas nas mídias, que sintetizam essa cólera e apresentam saídas simples, a partir da criação de narrativas violentas e direcionadas contra inimigos fantasiosos, que podem ser, por exemplo, tanto populações específicas como ideologias político-econômicas. Assim, esses discursos de dominação tornam-se públicos e, portanto, legitimados, tomados como verdade por alguns grupos que, a partir deles, entram em disputa simbólica ou material com outros. Vale ressaltar, ainda, que essa realidade não se limita à potencialidade, mas se concretiza de fato.

Dentre as várias forças imbricadas nesse processo está o discurso conservador católico na internet, que traz para o jogo alguns elementos próprios das disputas e dinâmicas internas da Igreja Católica. Perceber como esse discurso é construído põe luz sobre elementos presentes no fenômeno das transformações conjunturais testemunhadas no Brasil recentemente que, normalmente, não seriam percebidos, não apenas elucidando ainda mais as alianças e disputas imbricadas na política brasileira atual, mas também possibilitando a percepção das motivações e lógicas que fazem o discurso conservador brasileiro contemporâneo funcionar de forma geral e entre os católicos do país.

Para tanto, este trabalho está dividido em 4 capítulos, sendo o primeiro responsável por situar o problema que guia esta pesquisa, apresentando o que se sabe sobre o tema, suas lacunas para, então, construir a problematização e os objetivos de pesquisa; o capítulo seguinte, por sua vez, se propõe a lançar as bases teórico-metodológicas sobre as quais o trabalho é construído, apresentando os aportes teóricos e a metodologia utilizada; o penúltimo capítulo, então, apresenta

a produção midiática dos agentes do discurso conservador católico na internet, escolhidos para representar o fenômeno a partir de um estudo de casos; e, por fim, o último capítulo apresenta os pontos principais do discurso estudado aqui, revelando aquilo que lhe é próprio, a forma com que é construído e (re)negociado, além de apresentar de que forma ele se articula com o fenômeno mais amplo da recente escalada conservadora no Brasil.

2 SITUANDO O PROBLEMA: CONTEXTO, ESTADO DA ARTE E PROBLEMATIZAÇÃO

2.1 O RELIGIOSO, O POLÍTICO E A MEDIATIZAÇÃO

A relação entre o religioso e o político, incluindo-se a política institucional tal qual se tem com o estabelecimento dos Estados modernos, é uma dimensão da vida social presente em toda a história da humanidade, desde as civilizações menos complexas. Para muitos, o religioso deu corpo às primeiras formas de elaboração de sentido e normatização da vida social. Em *As formas elementares da vida religiosa* (1990), por exemplo, Durkheim encontra em elementos religiosos a base primeira sobre a qual se constroem os processos de sociabilidade e de coesão social. Mais especificamente, se se parte de uma leitura da obra durkheimiana a partir de Anne Rawls (1996), o centro da sociabilidade estaria nos rituais. Através deles, portanto, seriam introduzidas as categorias a partir das quais a realidade e tudo que a compõe seria compreendido. A linguagem, a moral, as normas de comportamento e as expectativas de ação seriam exemplos dessas categorias sociais.

Ainda que esse exemplo tenha servido ao propósito de apontar para essa relação imbricada entre os âmbitos político e religioso, é preciso ir além para compreender que a própria noção de que a vida social deve ser radicalmente dividida em âmbitos privados e públicos, propondo uma delimitação clara e intransponível entre essas esferas, parte de um ideal republicano que nunca se concretizou em sua totalidade, junto com a própria teoria da secularização, que reforça o imperativo dessa divisão. Essa ressalva se revela importante uma vez que os processos e fenômenos religiosos, como coloca Burity (2008), “são um elemento ativo e inseparável das dinâmicas culturais e políticas que estão transformando o sentido do vínculo social e do político em nosso tempo” (BURITY, 2008, p. 94). Sendo assim, as mais diversas temáticas trabalhadas nas ciências sociais, como, por exemplo, a ascensão de uma direita violenta e conservadora ao governo de um país que havia elegido, por 4 eleições presidenciais seguidas, uma chapa mais à esquerda do espectro político-ideológico, podem e deveriam ser encorajadas, também, a analisar as forças e elementos religiosos envolvidos nessa disputa.

Ao analisar um dado fenômeno social, colocar a necessidade de se ter em mente as movimentações e disputas religiosas envolvidas no mesmo não tem como propósito supervalorizar

o lugar do religioso na vida social, mas trazer à luz sua relevância comumente deixada em segundo plano pelas ciências sociais. Fazer uma leitura também a partir desse aspecto abre a possibilidade de se revelarem elementos que normalmente ficariam de fora de uma análise mais universal do fenômeno em questão. As religiões e suas dinâmicas próprias, definitivamente, não estão no centro de todo e qualquer fenômeno social, nem necessariamente os atravessam, todos, com força considerável. Porém, por diversas vezes, elementos religiosos estão, sim, imbricados em fenômenos que, aparentemente, nada tem a ver com religião, através de seus atores para quem, não raramente, “sua identidade religiosa é ou tornou-se um componente especialmente relevante” (BURITY, 2008, p. 85).

Outro elemento não menos envolvido nos processos de disputa política e transformação social, com o qual o fenômeno religioso está intimamente atrelado, é a midiatização. Lida e classificada de diversas maneiras dentro das diferentes escolas das ciências da comunicação, a midiatização da vida social é compreendida neste trabalho a partir de uma perspectiva que ultrapassa as dimensões tecnicista ou instrumental das tecnologias de comunicação, mas que também rejeita as noções midiocêntricas. Compreende-se a midiatização, portanto, pela perspectiva semioantropológica trazida por Verón (2014), ou seja, como a manifestação da capacidade humana de semiose (produção de sentido), e os fenômenos midiáticos como sua concretização, isto é, como a “exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais” (VERÓN, 2014, p. 14). Compreender a midiatização desta forma pretende revelar os elementos em jogo em dada disputa de sentido, visto que este é atravessado pelos meios através dos quais se inscreve. Dito de outra forma, como coloca Maingueneau (2000), “não é possível se contentar em falar da ‘difusão’ de um ‘conteúdo’ que seria independente do dispositivo de transmissão: as condições midiológicas de um discurso são parte integrante de sua identidade, tanto quanto os seus ‘conteúdos’” (MAINGUENEAU, 2000, p. 8).

Dessa forma, os fenômenos midiáticos, ao fazerem circular uma dada formação discursiva¹ em um dado contexto, estão necessariamente participando da disputa pela estabilização de sentido, que acontece na prática, na concretude da vida cotidiana, uma vez que “a atividade enunciativa [...] implica um modo de relação entre os homens” (MAINGUENEAU, 2000, p. 8). De maneira mais

¹ Para conferir as noções de discurso, formação discursiva e afins adotadas neste trabalho, ver primeira seção do capítulo seguinte.

concreta, é possível compreender isso a partir das palavras de Verón (2014), que define a história da midiatização como “a interminável disputa entre grupos sociais” (VERÓN, 2014, p. 17).

Mais do que iniciar um debate sobre a ontologia do político e o papel desempenhado pela midiatização na mesma, o importante neste momento é compreender que o processo de midiatização, assim como a presença do religioso destacada acima, está profundamente envolvido nos mais diversos fenômenos sociais e que, portanto, lançar mão de uma investigação que leve em conta os aspectos midiáticos de um dado objeto de estudo, pode se provar revelador, trazendo elementos que, caso contrário, não seriam percebidos. E é isto que se buscará fazer adiante.

2.2 A RECENTE CONJUNTURA BRASILEIRA

Antes de tudo, porém, é importante trazer à tona e descrever brevemente a conjuntura que será trabalhada ao longo deste trabalho: a disputa hegemônica no Brasil recente, isto é, o período de transformação política testemunhada no país na última década. De fato, não é difícil perceber a profunda ruptura política pela qual o Brasil tem passado desde 2013. Após 4 eleições presidenciais seguidas vencidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), talvez o maior representante da esquerda política brasileira, a maioria do eleitorado do mesmo país elegeu Jair Bolsonaro, ex-militar e deputado conhecido pela defesa intransigente do modelo patriarcal de família, de uma noção punitivista e violenta de justiça e por posicionamentos fortes sobre os mais diversos grupos marginalizados da sociedade brasileira.

Tendo como início simbólico as jornadas de 2013, iniciadas despretensiosamente a partir da mobilização do Movimento Passe Livre (MPL) em torno de demandas por melhorias públicas, mais especificamente contra o aumento da tarifa do transporte público na cidade de São Paulo (ODILLA, 2018), essas manifestações se transformaram rapidamente, a partir de uma “dilatação/diversificação dos participantes, o que conduziu o tom dos reclames a reivindicações distantes (senão opostas) àquelas que mobilizaram os organizadores iniciais” (QUADROS, 2015, p. 183). Essas manifestações, não apenas teriam iniciado, de acordo com Rosa (2019), “um processo de intensificação no que se refere à polarização política” (ROSA, 2019, p. 7), como teria iniciado um movimento de inversão no curso da política nacional uma vez que, até então, “todos os indicadores de curto prazo apontavam para a consolidação e o fortalecimento da democracia no país” (AVRITZER, 2018, p. 273). De 2013 em diante, então, se inicia uma “completa inversão de

condições, com a produção de um ‘mal-estar’ na democracia” (AVRITZER, 2018, p. 273), passando por uma nova manifestação, desta vez de tom conservador e anti-democrático desde seu início, passando por pedidos pelo impeachment da então presidenta Dilma Rousseff (PT), que se concretizaria no ano seguinte, e culminando na conturbada eleição presidencial de 2018.

Dentre as várias óticas a partir das quais se pode analisar essa reviravolta no cenário político nacional recente, é importante destacar a presença e o papel das novas mídias, especificamente da internet, durante todo esse processo, isto é, desde a mobilização dos movimentos de rua em 2013 até a campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018. Para Celina Lerner (2019), por exemplo, “as redes sociais digitais na Internet tiveram papel fundamental no processo de amplificação desse discurso conservador” (LERNER, 2019, p. 27), o que teria ocorrido não apenas no Brasil, mas também em outros países, como nos Estados Unidos, com a eleição de Donald Trump, e no Reino Unido, com a votação em favor do Brexit, ambas em 2016 (ROSA, 2019, p. 20; VINHAS *et al*, 2020, p. 41). No caso brasileiro especificamente², esse “enfrentamento nas redes sociais entre esquerda e direita” (AVRITZER, 2018, p. 274), altamente polarizado, não é apenas uma característica neutra de um processo político qualquer, mas, de acordo com Leonardo Avritzer (2018), quando analisado junto a um “novo nível de repressão dos movimentos populares e padrões renovados de violência policial” (AVRITZER, 2018, p. 274), assim como a outros elementos políticos, institucionais ou não, aponta em direção a um diagnóstico amargo do momento pelo qual o Brasil passa, isto é, por uma regressão democrática³.

Independente dos debates acerca da classificação deste período da história nacional, o fato é: Bolsonaro parece ilustrar um fenômeno mais abrangente, o (res)surgimento de um conservadorismo violento e intolerante na cena pública em todo o país. Nas palavras de Celina Lerner (2019), “as demandas extremistas de direita [...] encontraram nas redes digitais meio perfeito para fortalecer seu discurso” (LERNER, 2019, p. 42) e, agora, o conservadorismo, antes envergonhado, agora perde o receio de se chamar pelo nome e de expressar em voz alta seu “descontentamento a respeito da convivência com indivíduos de ‘certas categorias ou camadas sociais’” (LERNER, 2019, p. 26). Em seu trabalho, que trata da atuação dos “diversos atores que vieram a constituir o atual campo conservador” (LERNER, 2019, p. 27), observando a forma com

² Não porque nos outros países citados seja diferente, mas porque este trabalho se propõe mergulhar na situação brasileira em específico.

³ Entendida, aqui, a partir de Avritzer (2018), ou seja, “como um momento de diminuição do apoio à democracia por amplas camadas da opinião pública e de contestação de resultados democráticos” (AVRITZER, 2018, p. 276).

que eles interagem e se articulam na internet a partir do Facebook, Celina Lerner busca perceber os principais elementos atuantes no cenário político do Brasil atual⁴, que compõem a mentalidade conservadora.

Alimentado pelo ressentimento pelos anos em que estiveram de fora da hegemonia discursiva e por inúmeros medos de ameaças muitas vezes intangíveis, como o suposto avanço do comunismo no Brasil, este fenômeno, é, na realidade, constituído por diversas forças distintas, como “as religiões cristãs, o militarismo, a política institucional com viés de direita, além de seu flerte com o liberalismo econômico” (LERNER, 2019, p. 31), reunidas não em torno de suas frágeis semelhanças, mas de sua comum aversão ao inimigo criado ao qual se atribuiu a simples categorização de *esquerdista* ou *comunista*⁵. Percebendo algo semelhante ao exposto por Lerner (2019), Marcos Quadros evidenciava em 2015 a presença de atores sociais como “intelectuais, formadores de opinião e figuras midiáticas [...] nas ruas, nas editoras, na *internet*, na academia e na imprensa a fim de reconquistar o aventado protagonismo perdido do conservadorismo, inclusive com base em novas bandeiras como o antipetismo” (QUADROS, 2015, p. 232, grifo do autor), que contribuíram, de fato, para a transformação conjuntural pela qual passou e passa o Brasil.

Uma das forças que protagonizaram essa virada política merece destaque neste trabalho: as igrejas cristãs e, mais especificamente, a Igreja Católica. Como será visto em breve, ainda neste capítulo, a forma com que estas igrejas são trabalhadas dentro das ciências sociais em temáticas relacionadas à política – seja esta entendida em seu sentido institucional ou de maneira mais ampla – geralmente não leva em conta as particularidades que estão postas para esses atores religiosos. Dito de outra forma, as religiões como um todo, mas, sobretudo, a Igreja Católica⁶, carregam consigo especificidades e disputas internas, que extrapolam os elementos presentes nas disputas tipicamente políticas, como direita e esquerda, conservadorismo e progressismo, políticas de bem-estar social e economia neoliberal. Esses elementos intraeclesiais católicos são recorrentemente deixados de fora dos estudos que se propõem a perceber as motivações, as lógicas, os valores etc. em jogo para seus agentes envolvidos nos processos políticos. Não apenas pelo fato de que o fator

⁴ Sua pesquisa faz uso de uma articulação entre a análise de rede de palavras e a análise sociológica do discurso, e traz como recorte temporal o intervalo entre 2012 e 2018. Como poderá ser observado ao longo deste trabalho, a tese de Lerner (2019) é de enorme importância para a compreensão da temática problematizada nesta dissertação.

⁵ A formação desse alinhamento amigo/inimigo entre os diversos grupos acusados ou autoproclamados de conservadores a partir de seu posicionamento antagônico a um outro, classificado simploriamente como a esquerda, será mais bem trabalhado no decorrer deste trabalho.

⁶ Não por estar num lugar diferenciado em relação às demais religiões, mas simplesmente por estar no centro da análise proposta neste trabalho.

religioso é relativamente pouco trabalhado junto a essas problemáticas nas ciências sociais brasileiras, mas também porque, quando o é, a atenção recai quase exclusivamente sobre as igrejas pentecostais e neopentecostais, eclipsando a presença de outros atores igualmente relevantes e multifacetados, que demandam uma atenção específica, como é o caso católico aqui proposto.

2.3 A IGREJA CATÓLICA E A DEMOCRACIA: UM BREVE APANHADO HISTÓRICO

Falar sobre Igreja Católica, enquanto instituição historicamente antiga, globalizada e, por isso, complexa e multifacetada, exige uma dedicada atenção a cada contexto sobre o qual se fala. Não se pode classificar de forma apressada a atuação da Igreja⁷ no Brasil: em diversos contextos, ela é indistintamente posta como uma das faces do conservadorismo presente no país, enquanto em outros contextos, sobretudo em espaços de disputa internos, tem setores inteiros desqualificados por estarem politicamente mais à esquerda, como os adeptos da Teologia da Libertação. É importante destacar essa diversidade interna para complexificar o debate e perceber que não é óbvio o alinhamento de uma parcela considerável dos católicos do Brasil ao discurso violento, de regressão democrática, seja em sentido político-institucional, seja em relação ao acesso universal a direitos básicos e essenciais.

Tomando como exemplo apenas as expressões mais representativas da atuação contemporânea dos carismáticos católicos na política institucional brasileira, como o fez Carlos Eduardo Procópio (2018), pode-se perceber, de antemão, três grupos distintos: 1. o catequético-conversionista, que é marcado principalmente pela defesa da moral católica⁸, que deveria orientar a sociedade civil, e pela busca do benefício direto de seus grupos de origem; 2. o artístico-midiático, que lança artistas já consagrados no meio carismático católico à política, com uma atuação política menos bem definida, variando à direita e à esquerda; 3. o socialmente-engajado, no qual “os candidatos estabelecem um diálogo direto com as necessidades locais da população, procurando interpelar o poder público para a solução dos problemas encontrados” (PROCÓPIO, 2018, p. 122),

⁷ Em vista de colaborar com a fluidez do trabalho, referir-se-á à Igreja Católica apenas como Igreja. Quando eventualmente se estiver falando de outras denominações cristãs, outros termos serão utilizados, de forma que se explicita a diferença.

⁸ É importante destacar que comumente, tanto na academia – inclusive neste caso – como por parte dos próprios atores religiosos inseridos na política e na produção midiática, expressões como moralidade católica ou cristã levam em consideração um recorte muito específico desse termo, geralmente limitando-se às questões sexuais, reprodutivas e familiares, em detrimento de inúmeras outras pautas centrais à moral católica e cristã de forma geral, como a justiça social, a dignidade da pessoa humana, a promoção da paz, a preservação ambiental etc.

se aproximando mais do ativismo encontrado nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e, ao mesmo tempo, pondo-se em contraste com a concepção comum da atuação do carismatismo católico na política.

O trabalho de Procópio (2018) é *um* exemplo de heterogeneidade interna a *um* movimento específico dentro do cenário católico no Brasil. A Renovação Carismática Católica (RCC), apesar de representar uma grande parcela do catolicismo brasileiro, sobretudo a partir do fenômeno denominado por Brenda Carranza (2009; 2011; 2017), referência sobre essa temática nas ciências sociais do Brasil, de *catolicismo midiático*, que surgiu em reação à Teologia da Libertação, no âmbito intraeclesial, e contra o avanço dos evangélicos no campo religioso brasileiro e na política, é apenas uma dentre várias expressões católicas no Brasil. De fato, o catolicismo midiático, sobretudo a partir do final do século XX, ocupa um lugar de grande importância no campo religioso brasileiro a partir de sua inserção nos meios de comunicação e nos espaços políticos motivada pela busca de sua *reinstitutionalização* frente ao avanço evangélico, sobretudo pentecostal, mas também das pautas consideradas moralmente progressivas.

Antes de seguir com a explanação da heterogeneidade de expressões do catolicismo no Brasil e sua relação com a democracia, é interessante destacar que essa tentativa de (re)estabelecer a hegemonia indisputada da Igreja Católica no campo religioso brasileiro, ironicamente levou a RCC e sua atuação nas mídias e na política a passar por um processo de “neopentecostalização católica” (CARRANZA, 2009, p. 34). Ao analisar o *modus operandi* de católicos da RCC e dos evangélicos na política, Carranza (2017) aponta como pontos em comum entre ambos o pragmatismo político, a defesa da moralidade cristã nos espaços e nas propostas legislativas, a partir de uma atuação fervorosa da qual seus “representantes nas instâncias legislativas constituem-se em porta-vozes [*sic*] de suas igrejas, manipulam suas identidades religiosas e institucionais” (CARRANZA, 2017, p. 111). Por outro lado, a autora ainda destaca o grande ponto que diferencia esses atores religiosos: enquanto os evangélicos lançam seus pastores à política institucional, os católicos, seguindo as recomendações da Doutrina Social da Igreja, formam o laicato para que ele se torne agente da política institucional, deixando a hierarquia católica fora de uma atuação política mais explícita. Mais à frente, serão evidenciadas outras expressões e formas de inserção de agentes católicos nas mídias, tanto tradicionais como digitais, a partir de trabalhos de outros autores.

Trazendo outro exemplo, Emerson Silveira (2019) resume a diversidade de expressões católicas no Brasil em três grupos – os que lutam por justiça social, dentro dos quais estão as CEBs

e os adeptos à Teologia da Libertação; os que se opõem à modernidade e, sobretudo, à modernização intelectual, cultural, teológica e pastoral da Igreja, inspirados em figuras como Plínio Correia de Oliveira, como é o caso da Associação Cultural Montfort e dos Arautos do Evangelho; e os de manifestação mais midiática, com ênfase no consumo e no espetáculo, mas com uma “atuação moralista, aliada aos grupos reacionários” (SILVEIRA, 2019, p. 543), representados pelos grupos e comunidades da já citada RCC – e traça um percurso histórico da criação, transformação e manutenção desses movimentos tradicionalistas no Brasil a partir do século XX, sobretudo da Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)⁹ e seus atores principais, até chegar nestes grupos supracitados que, de acordo com o autor, se aliam “a grupos religiosos evangélicos ultraconservadores e a grupos políticos de extrema-direita com a finalidade de restabelecer um passado extremamente idealizado e inexistente” (SILVEIRA, 2019, p. 565).

Articulando a presença católica nas mídias e na política institucional, Giuliano Placeres (2020), por sua vez, traz uma análise acerca da relação entre as redes de televisão católicas, todas da RCC, e atores políticos ligados ou não ao movimento carismático católico. Em sua pesquisa, Placeres (2020) faz um percurso histórico da inserção católica na televisão brasileira, assim como os fatores que a motivaram, e analisa o intercâmbio entre essas redes televisivas católicas, criadas e mantidas graças às articulações feitas com diversos atores da política institucional brasileira, e os políticos que, ao trabalhar em prol desses grupos carismáticos, ganham seu apoio e, portanto, seu voto e adesão. O trabalho de Placeres (2020), ainda que parta exclusivamente da RCC e da televisão, exemplifica uma face das dinâmicas entre religião e política existentes no Brasil contemporâneo, pondo luz também sobre as disputas envolvidas nesse fenômeno e sobre as particularidades próprias que o religioso traz consigo para o processo, como, por exemplo, as tensões próprias dessa atuação que, se de um lado garantem a manutenção da presença católica nos meios de comunicação de massa, potencializando o alcance de sua evangelização, de outro, se distanciam e, por vezes, rompem com a própria Doutrina Social da Igreja Católica e com o percurso teológico e pastoral que a Igreja tem trilhado desde o Concílio Vaticano II (CVII) – e que será evidenciado abaixo.

⁹ Sociedade católica conservadora fundada por Plínio Correia de Oliveira que defende a construção de uma civilização cristã a partir da tríade presente em seu nome e dos ensinamentos católicos. Em seu site, a TFP afirma que “só na fidelidade aos princípios eternos da verdade revelada, ensinada pela Santa Igreja Católica, será possível construir uma autêntica civilização” (O FUNDADOR..., 2021).

Voltando, porém, ao tema central desta subseção, é preciso destacar que não se pode afirmar que a Igreja como um todo e em todos os seus contextos veja a democracia com bons olhos. Além e a partir dos próprios exemplos citados acima, figuras como Jackson de Figueiredo, Plínio Salgado e Plínio Corrêa de Oliveira ilustram bem um primeiro posicionamento católico na história recente do Brasil em relação ao pensamento democrático, o “reacionarismo tradicionalista” (QUADROS, 2015, p. 37). Embebido de uma mentalidade fortemente antimoderna, essa face do conservadorismo católico encontra exemplos em figuras ultraconservadoras e montanistas, como Dom Vital, forte expoente da Questão Religiosa, e o Papa Pio X¹⁰, bastiões da catolicidade.

Para os reacionários-tradicionalistas, a modernidade, com tudo que lhe é própria, deve ser destruída. Não existe, da parte deles, qualquer benevolência no olhar em relação às ideologias políticas próprias do mundo moderno. Segundo eles, “comunismo e liberalismo são igualmente detestáveis e avessos à moral católica” (QUADROS, 2015, p. 43). Para Plínio Correia de Oliveira, por exemplo, “a liberal-democracia seria apenas um instrumento” (QUADROS, 2015, p. 45), uma etapa de um plano maior de implantar o comunismo na sociedade, e, com isso, extinguir a Igreja Católica. A pluralidade, a democracia e a laicidade eram vistas como abomináveis para Oliveira.

Tal posicionamento, porém, não esgota a relação da Igreja com a democracia e com a sociedade. Para Paula Montero (2012), inclusive, a Igreja Católica no Brasil engajou-se, desde o início da República, nos “processos de legitimação das demandas de proteção aos direitos individuais, tendo atuado como força motriz importante na concepção e estabilização política dos direitos de liberdade de consciência” (MONTERO, 2012, p. 170), valores definitivamente diferentes dos trazidos acima. A Igreja no Brasil, neste ponto, não se comportou diferentemente do Magistério universal, mas em conformidade com as transformações pelas quais a própria Igreja passou no século XX, sobretudo a partir do CVII.

Convocado pelo Papa João XXIII em 1961 e encerrado em 1965, já com o Papa Paulo VI, o Concílio Vaticano II ficou conhecido por abrir a Igreja Católica a um diálogo com o mundo moderno, diferentemente de seu antecessor, o Vaticano I. De fato, o CVII é um marco simbólico da mudança de postura da Igreja Católica em relação ao mundo *ad extra*. Na *Gaudium et Spes*

¹⁰ Papa bastante celebrado pelos conservadores e ao qual recorrentemente se faz alusão como referência de fidelidade católica, Pio X é conhecido, dentre outras coisas, por sua encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (1907), na qual ele condena as *doutrinas modernistas*. Foi Sumo Pontífice da Igreja Católica entre 1903 e 1914.

(1965), constituição pastoral sobre a Igreja no mundo moderno, escrita por ocasião do Concílio¹¹, percebem-se alguns elementos importantes de abertura da Igreja ao contexto histórico no qual ela está inserida. Ao tratar sobre o bem comum, o documento coloca a dignidade humana como valor inegociável, central, e essa dignidade deve ser respeitada concretamente através da garantia de alguns direitos necessários para que se tenha uma “vida verdadeiramente humana” (PAULO VI, 1965, n. 26), dentre eles, a “justa liberdade mesmo em matéria religiosa” (PAULO VI, 1965, n.26).

Percebe-se, assim, uma atitude de respeito à pluralidade por parte da Igreja Católica, configurando, de fato, um elemento novo para a igreja de Roma. Com o Vaticano II, abrem-se novas possibilidades de compreensão teológica, litúrgica, pastoral, eclesiológica etc., e, assim, a valorização das igrejas locais e a produção teológica contextualizada. A partir disso, surgem organizações como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), historicamente conhecidos por lutar contra as injustiças sociais e em defesa das populações mais pobres e vulnerabilizadas, sobretudo no contexto pelo qual passava a América Latina, isto é, de ditaduras militares.

A abertura da Igreja Católica à democracia moderna no tocante à sociedade civil – visto que a Igreja em si nunca fora democrática, em sentido estritamente político – não é fruto de ideais política ou religiosamente progressistas, nem sequer caprichos específicos de algum pontificado. Desde o CVII, diversos outros documentos atestam uma continuidade nessa temática. Um exemplo categórico disso é a encíclica *Centesimus Annus* (2014), e o é por dois motivos: primeiro, por ter sido promulgada pelo Papa João Paulo II, bastante celebrado entre os setores conservadores da Igreja; e, depois, por ser um documento comemorativo do centenário da *Rerum Novarum* (1891), primeira encíclica a tratar explicitamente da Doutrina Social da Igreja Católica, isto é, do posicionamento católico acerca de questões socioeconômicas, no final do século XIX. Nela, o posicionamento da Igreja em relação a regimes democráticos é explícito: “a Igreja encara com simpatia o sistema da democracia, enquanto assegura a participação dos cidadãos nas opções políticas” (JOÃO PAULO II, 2014, p. 85). Além disso, o papa ainda exorta “a criação de estruturas de participação e corresponsabilidade” (JOÃO PAULO II, 2014, p. 85) da população.

Ainda em vista de demonstrar o posicionamento da Igreja em relação a valores democráticos e, portanto, destacar a não-obviedade da adesão católica a projetos de regressão

¹¹ Também aqui, em vistas de contribuir com a fluidez da leitura, “o Concílio” estará sempre se referindo ao CVII. Em eventuais referências a outros concílios da história da Igreja Católica, se fará uma distinção explícita.

democrática, é oportuno trazer uma citação direta na qual João Paulo II denuncia processos de desdemocratização e de injustiças sociais e, ao mesmo tempo, exorta a busca pelo bem comum¹²:

[...] nos Países onde vigoram formas de governo democrático [...] As questões levantadas pela sociedade não são examinadas à luz dos critérios de justiça e moralidade, mas antes na base da força eleitoral ou financeira dos grupos que as apoiam. [...] Disso resulta a crescente incapacidade de enquadrar os interesses particulares numa coerente visão do bem comum. Este efetivamente não é a mera soma dos interesses particulares, mas implica a sua avaliação e composição feita com base numa equilibrada hierarquia de valores e, em última análise, numa correta compreensão da dignidade e dos direitos da pessoa. A Igreja respeita a *legítima autonomia da ordem democrática*, mas não é sua atribuição manifestar preferência por uma ou outra solução institucional ou constitucional. (JOÃO PAULO II, 2014, p. 88, grifo do autor).

Por fim, vale destacar um documento ainda mais recente, já do pontificado do Papa Francisco, que trata sobre o atual sistema econômico-financeiro, o *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*, publicado em janeiro de 2018. Dez anos depois do início da famosa crise financeira de 2008, o documento lamenta não ter havido um esforço para superar concretamente os modos de governo que causaram a própria crise – ou seja, o neoliberalismo –, e afirma que parece ter havido a radicalização de “um egoísmo míope e limitado a curto prazo que, prescindindo do bem comum, exclui do seus horizontes *[sic]* a preocupação não só de criar, mas também de distribuir a riqueza e de eliminar as desigualdades, hoje tão evidentes.” (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, n. 5).

Indo além do discurso institucional da Igreja, pode-se destacar a atuação de atores católicos na segunda metade do século XX no Brasil que assumiram “abertamente a defesa dos perseguidos pelo regime, bem como de uma agenda democratizante que passava por um amplo esforço organizativo de base, como forma de criar uma cidadania ativa que pudesse intervir nos rumos da democratização” (BURITY, 1994, p. 173). Essa atuação em prol das populações mais vulnerabilizadas e oprimidas naquele contexto histórico foi orientada e motivada pela teologia do CVII. Exemplos desse comprometimento católico com as lutas sociais dos mais desfavorecidos vão desde a promoção de projetos de formação de lideranças rurais e de encontros episcopais para debater “as condições de extrema pobreza vivida pela Região Nordeste” (MONTENEGRO, 2019, p. 27) na década de 50, à atuação de leigos e membros do clero junto aos movimentos sociais, a despeito das pressões institucionais e hierárquicas que sofreram, sendo seus atores comumente

¹² Ainda que a noção católica de bem comum, enquanto singular e, portanto, universal, seja questionável, ela é incompatível com o neoliberalismo e seus efeitos desdemocratizantes. Sobre a relação entre o neoliberalismo e processos de regressão democrática, ver Dardot e Laval (2019).

chamados de comunistas e perseguidos pelo povo – inclusive católico –, como ilustra tragicamente a histórias do padre Henrique, assassinado pelo regime militar em maio de 1969 na cidade do Recife.

A Igreja Católica, se se leva em consideração tanto seu discurso institucional como seus atores concretos, nunca esteve plenamente de um ou outro lado de qualquer luta política. Enquanto é certo afirmar que a Igreja Católica no Brasil desempenhou um “papel constitutivo na emergência de vários movimentos [sociais]”, trabalhando para “criar fortes laços com grupos populares e seus locais de moradia, bom como construir novas linguagens de ativismo, identificação política e compromisso democrático, direitos humanos e solidariedade” (BURITY, 1994, p. 172), também é importante destacar que comumente isso foi feito em desacordo com “a própria Igreja em nome da qual atuavam” (REIS apud MONTENEGRO, 2019, p. 21), que “em franco recuo internacionalmente, recuperou e ‘domesticou’, numa certa medida, o discurso da libertação” (BURITY, 1994, p. 181), protagonista dessas lutas sociais em *opção preferencial pelos pobres*¹³ e contra os regimes ditatoriais da América Latina no século XX. Esse recuo se deu muitas vezes, ao menos declaradamente, pelo receio de ver o materialismo dar lugar ao Evangelho, inclusive na pessoa do Papa João Paulo II, citado acima como um exemplo de posicionamento institucional em defesa da democracia.

Percebe-se, então, que a Igreja Católica tem buscado – não sem conflitos, inclusive internos – sobretudo a partir e inspirada pelo Concílio Vaticano II, fomentar e exortar a democratização política e de direitos, valorizando a pluralidade e a liberdade. Tal fenômeno, como percebido a partir do que fora supracitado, não é exclusividade do Brasil, sobretudo através da CNBB ou das CEBs, mas universal, promovido em certa medida, com idas e vindas, desde a Cúria Romana¹⁴.

Ainda que assim o seja, essas duas posições diante da modernidade e da liberal-democracia presentes na história do catolicismo, isto é, de aversão reacionária-tradicionalista e de valorização

¹³ Adotada oficialmente como norteadora dos caminhos pastorais da Igreja Católica na América Latina pelo CELAM, a partir de suas Conferências Gerais em Medellín (1968) e Puebla (1979), a opção preferencial pelos pobres tem como propósito refletir sobre e combater as injustiças sociais presenciadas nos países latino-americanos da segunda metade do século XX. Pondo as populações vulnerabilizadas daquele contexto como centro da práxis evangelizadora, as igrejas locais desses países se puseram contra as explorações econômicas e opressões políticas de um contexto generalizado de ditaduras militares no continente.

¹⁴ É importante destacar que este trabalho não pretende esgotar as diversas óticas a partir das quais é possível tratar da relação entre Igreja Católica e democracia. A esta temática, caberia um trabalho específico, que se aprofundasse sobre esta questão em particular. Aqui, tentou-se apenas ilustrar rapidamente posicionamentos oficiais da Igreja, através de pronunciamentos do Vaticano, acerca dessa questão, demonstrando uma afinidade entre o discurso oficial católico e a promoção da democracia no mundo atual.

do diálogo entre a Igreja e as realidades do mundo moderno, não englobam por completo a complexidade da conjuntura atual. A própria figura do Papa João Paulo II demonstra isso, não podendo ser categorizado nem como reacionário-tradicionalista nem como simpatizante ou adepto da Teologia da Libertação. Mais especificamente tratando-se do catolicismo brasileiro, existem agentes que também não podem ser classificados perfeitamente em nenhuma dessas duas tendências, como é o caso dos católicos envolvidos nesse contexto de transformação política recente supracitado. Ao contrário, esses agentes – consideravelmente mais conservadores que o papa, diga-se – carregam elementos ambíguos e nebulosos, sobre os quais uma análise mais a fundo se faz necessária.

2.4 O CONSERVADORISMO CATÓLICO ATUAL: EMBATES, MÍDIAS E ARTICULAÇÕES

Antes de apresentar especificamente os agentes envolvidos nos processos políticos supracitados, sobre os quais este trabalho tratará propriamente, é interessante ilustrar um pouco mais o cenário do conservadorismo católico atual, tanto no Brasil como no mundo. Apresentar essas diferenças internas, ainda que dentro de um mesmo espectro conservador e alinhado à atual conjuntura política, possibilita perceber a complexidade do fenômeno aqui tratado e, também, comparar as diferentes manifestações do que se compreende por catolicismo conservador. Alguns trabalhos são de grande importância para este esforço, como os trabalhos já citados de Celina Lerner (2019), sobre a mentalidade conservadora na internet, e de Marcos Quadros (2015), em que o autor diferenciou o que ele denomina como *conservadorismo à brasileira* das demais manifestações conservadoras tradicionalmente conhecidas. Além desses dois trabalhos, a tese de Marina Lacerda (2018) que, para trabalhar o conceito de neoconservadorismo em vistas de analisar a agenda da direita contemporânea na Câmara dos Deputados, distingue termos como conservadorismo, neoconservadorismo, direitismo, direita cristã etc., também se mostra bastante relevante.

Começando por uma expressão menos agressiva do conservadorismo católico nas mídias digitais, pode-se destacar os achados da pesquisa de Ana Cássia Flores da Rosa (2018), que trata de um catolicismo que se coloca na internet com conteúdo formativo e a partir de concepções mais conservadoras da própria religião, mas a partir de uma linguagem jovem, fazendo uso de memes e piadas típicas da internet. Mais especificamente, a autora se debruça sobre o site chamado O

Catequista, buscando perceber como se dá a inserção do leigo nas dinâmicas de produção e consumo de conteúdos religiosos na internet, lançando luz sobre os desdobramentos desse processo em sua experiência religiosa. Para a autora, a internet é um lugar privilegiado para o fortalecimento dos vínculos dos internautas com ideais de catolicidade, dando-lhes, inclusive, um senso de responsabilidade e um dever de proteger esses ideais, ao ponto de criticar e denunciar outros católicos, inclusive membros do clero. De acordo com Flores (2018), “por meio de posturas de vigilância e autoafirmação da catolicidade, os leigos fomentam o crescimento de uma moralidade conservadora entre os católicos” (FLORES, 2018, p. 175). A partir desses elementos, o leigo católico passa a se compreender cada vez mais como sujeito eclesial e a se colocar publicamente em defesa da própria fé, seja em temas de liturgia ou doutrina, seja em debates e contextos político-sociais.

Um exemplo desse processo é a expressão mais recente do antigo e já citado, ainda que *en passant*, conservadorismo reacionário-tradicionalista brasileiro do início do século XX, do qual Plínio Correia de Oliveira foi talvez a figura mais expoente. Um de seus frutos mais conhecidos, a TFP, de acordo com Silveira (2019), dividiu-se, sem deixar de existir, a partir de conflitos internos, em outras duas associações católicas: “a Associação Cultural Montfort e os Arautos do Evangelho, ambas fundadas por ex-membros [da TFP] que, em linhas gerais, discordavam do culto místico em torno do fundador, Plínio Correia de Oliveira e da forma de administração do grupo por ele fundado” (SILVEIRA, 2019, p. 556). Ainda que tenham surgido a partir de fundadores diferentes e, portanto, tenham algumas particularidades que os distinguem, ambos os grupos trazem de seu antecessor comum características que Silveira (2019) classifica como *restauracionistas*, que se manifestam, sobretudo, na valorização de elementos como “missa em latim, centralismo clerical, rigor doutrinário anterior ao Vaticano II” (SILVEIRA, 2019, p. 563-564), e, com isso, a ênfase numa religiosidade tradicionalista e numa visão de mundo profundamente permeada por causalidades transcendentais. Ou seja, para esses grupos, elementos tipicamente religiosos, como a oração ou a vivência litúrgica-sacramental têm a si mesmos como fim, sem qualquer transbordamento ou consequência na vida prática das pessoas, além de uma noção de que tudo de bom acontece por obra divina, enquanto tudo de ruim seria obra do demônio. Apesar de surgirem e se proclamarem como uma resposta à modernidade, esses grupos se organizam em espaços altamente modernos, como a internet, além de se inserirem nas regras do jogo político da

democracia-liberal secularizada, ao passo que se lançam às câmaras legislativas do país, inclusive federal, como exemplificado mais abaixo.

Para esses conservadores católicos, qualquer discordância ou dissidência na forma de compreender e se relacionar com a realidade, seja ela intra ou extraeclesial, é entendida como infidelidade ou heresia, ainda que essa concepção diferente venha da própria igreja de Roma ou de outras fontes de autoridade magisterial católica, como concílios e papas. Não é à toa, por exemplo, que a Associação Cultural Montfort se posicione clara e explicitamente em seu site “contra os erros de nosso tempo, especialmente no que se refere as *[sic]* doutrinas modernistas e suas consequências que se difundiram na Igreja após o Concílio Vaticano II” (QUEM..., 2016). Os Arautos do Evangelho, por outro lado, ainda que não se posicionem explicita e publicamente em oposição ao CVII e que celebrem missas a partir do novo rito ordinário, promulgado por Paulo VI alguns anos após o Concílio, não ocupam um lugar de maior neutralidade em relação à atuação da Igreja atual. Um exemplo disso é um vídeo interno da associação que foi vazado em 2017, no qual alguns membros dos Arautos estão reunindo em torno de seu fundador, João Sconamiglio Clá Dias, contando-lhe sobre uma sessão de exorcismo na qual o demônio teria dito: “O Vaticano? É meu, é meu! [Papa Francisco] Faz tudo o que eu mando, é um estúpido!” (ZUAZO, 2017), provocando risadas dos membros presentes, inclusive de João Clá Dias.

Fazendo um breve adendo para apresentar como esses grupos e agentes conservadores católicos antipluralistas e presentes na internet com conteúdos formativos aparecem na literatura e, assim, evidenciando melhor quem/como são, dois trabalhos podem ser destacados: Silveira (2018) e Barros (2016). O primeiro se propõe a identificar, a partir do caso do Padre Paulo Ricardo, a “retórica de padres conservadores” (SILVEIRA, 2018, p. 290), ilustrando “a emergência de um novo modo de ser conservador em tempos contemporâneos” (SILVEIRA, 2018, p. 290). Já Barros (2016) trabalha três diferentes e já citados exemplos de expressões conservadoras católicas na internet em vista de apresentar funcionamentos próprios da inserção católica nas novas mídias: o padre Paulo Ricardo, a Associação Cultural Montfort e os Arautos do Evangelho.

É possível identificar, porém, algumas limitações nesses trabalhos especificamente em termos de clareza e de demonstração do embasamento dos conceitos utilizados em seus trabalhos, ou mesmo de compreensão das dinâmicas próprias da Igreja Católica. Para ser mais específico, Silveira (2018) utiliza, no mesmo texto, termos diferentes para classificar o Padre Paulo Ricardo: conservador, ultraconservador, tradicionalista, conservadorista-reacionário etc., alternando-os

como sinônimos, sem esclarecer a escolha de cada um dos termos ou o que os diferencia. Barros (2016), por outro lado, ao analisar o famoso axioma católico *extra Ecclesiam nulla salus* – isto é, fora da Igreja não há salvação –, classifica-o como exclusivista, também sem esclarecer a escolha do termo e a partir de quem o utiliza. Mais: o autor afirma, ainda, que tal axioma teria sido “superado pelo magistério da Igreja” (BARROS, 2016, p. 47) no Concílio Vaticano II, o que não condiz de fato com as transformações teológicas e de sentido pelas quais aquele axioma passou ao longo da história da Igreja Católica, permanecendo válido para a mesma até hoje¹⁵. Ambos os casos ilustram a conveniência – ainda que não seja estritamente necessário – de se unir à análise sociológica sobre um fenômeno que envolve elementos ou atores religiosos, ferramentas que percebam as particularidades internas da(s) religião(ões) envolvida(s) na temática estudada – neste caso, a teologia católica acadêmica.

Voltando à argumentação anterior, as críticas ao pontificado de Francisco, porém, não são uma particularidade de algumas associações de fiéis, em sua maioria leigos¹⁶. Membros da hierarquia católica, inclusive cardeais, têm gerado, ao longo dos últimos anos, polêmicas situações de crítica e acusação contra o atual papa. Os exemplos, de fato, não são poucos, nem isolados. O Papa Francisco é acusado de heresia por conta do documento pós-conciliar sobre a família, que flexibilizava o acesso à Eucaristia para pessoas em segunda união (PERASSO, 2016); de promover “a praga de da agenda homossexual” (CATHOLIC..., 2019)¹⁷ ao não atribuir os abusos sexuais cometidos por membros do clero à ordenação sacerdotal de homossexuais, mas ao clericalismo

¹⁵ Este axioma não entende a Igreja Católica a partir de uma perspectiva meramente institucional, mas também transcendente, espiritual, sacramental – isto é, simbólica e eficaz. Como consta no número 16 da *Lumen Gentium* (1964), Constituição Dogmática sobre a Igreja escrito no próprio CVII, “aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo, e a Sua Igreja, procuram, contudo, a Deus com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a Sua vontade, manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna” (PAULO VI, 1964). Corroborando a compreensão de que o que está em jogo na salvação não é simplesmente a participação sociológica na instituição Igreja Católica, pode-se citar outros textos conciliares, como os números 13 e 14 da *Lumen Gentium*, e o número 22 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965), também escrita por ocasião do Concílio. Diversos teólogos, como Karl Rahner (2004), Boaventura Kloppenburg (1971) e Medard Kehl (1997), trabalham essas proposições conciliares, mostrando como o axioma em questão permanece válido e de que forma se entende a Igreja Católica nele. Kehl (1997) afirma que “não se deve referir exclusividade à Igreja constituída institucional-sacramentalmente, como se fora de suas fronteiras visíveis não se desse nenhum caminho salvífico.” (KEHL, 1997, p. 92). Tendo o Concílio seguido os ensinamentos da Patrística e de Tomás de Aquino, ele compreende que a salvação é “dada a todos os homens mediante Jesus Cristo e o seu corpo, a Igreja [...] todavia, a uma Igreja que não se deve simplesmente limitar à sua forma institucional-sacramental, mas que também assume [...] sempre uma configuração *universal* sacramental” (KEHL, 1997, p. 93, grifo do autor).

¹⁶ Diferentemente da TFP e da Associação Cultural Montfort, os Arautos do Evangelho têm, dentre os seus membros, ministros ordenados, isto é, padres, como atestado no próprio site da associação: “Embora não professem votos e conservem-se no estado leigo – exceção feita de alguns que abraçam as vias do sacerdócio (...)” (ARAUTOS..., 2021).

¹⁷ “The plague of the homosexual agenda”.

(CATHOLIC..., 2019), inclusive por estar supostamente alinhado à “máfia gay” (CERNUZIO, 2019)¹⁸; e até mesmo de estupidez por ocasião do Sínodo da Amazônia, que teria como propósito mudar a Igreja a partir de ideias que “não têm nada a ver com a Revelação” (HEINE, 2019)¹⁹. Dentre os autores dessas críticas, estão os cardeais Gerhard Müller (Alemanha), Walter Brandmüller (Alemanha), Carlo Caffarra (Itália), Carlo Viganò (Itália), Joachim Meisner (Polônia) e Raymond Burke (Estados Unidos).

Nas mídias católicas conservadoras, sobretudo na internet, essas críticas dos cardeais citados acima são não somente reverberadas, como potencializadas por narrativas conspiratórias e novas acusações, cujo propósito é de provocar uma rejeição cada vez maior ao Papa Francisco, a partir de uma leitura dos fatos sobre a qual “os princípios tradicionais do jornalismo, da apuração, não se aplicam. A única coisa que importa é fornecer uma narrativa para alimentar o medo e o preconceito” (FERRAZ, 2020). Essas estratégias utilizadas pelos conservadores midiáticos católicos, de acordo com Austen Ivereigh, escritor, jornalista e biógrafo do Papa Francisco, são “muito típicas dos Estados Unidos, das técnicas que os conservadores usaram contra Obama” (IGLESIAS, 2019)²⁰, sobretudo a partir de atores como Steve Bannon, que, inclusive, teria advertido a Matteo Salvini que “o próprio papa é uma espécie de inimigo” (TOWNSEND, 2019)²¹ e articulado ações de ataque ao papa na Itália, por conta do posicionamento do pontífice em defesa dos migrantes. As articulações de Bannon em oposição ao pontificado de Francisco, entretanto, não se encerram em alianças estritamente políticas, mas se dão também com atores religiosos, visto que o Instituto Dignitates Humanae, fundado por Bannon, tem como presidente do seu conselho consultivo o já citado “cardeal Raymond Burke, [...] que acredita que redes organizadas de homossexuais estão propagando uma ‘agenda gay’ no Vaticano” (TOWNSEND, 2019)²².

Apresentando um diagnóstico semelhante sobre esse contexto, Marco Politi, escritor e jornalista que cobre o Vaticano desde meados da década de 90, afirma que

existem muitos portais de internet que dizem que o Papa é comunista, que é marxista. O que se vê é que existe uma conjunção entre ambientes teológicos conservadores e ambientes políticos conservadores. Antes era um ataque à Igreja, agora é um ataque à

¹⁸ “mafia gay”.

¹⁹ “have nothing to do with Revelation”.

²⁰ “muy típicas de Estados Unidos, de las técnicas que usaron los conservadores contra Obama”.

²¹ “the actual pope is a sort of enemy”.

²² “Cardinal Raymond Burke, [...] who believes organised networks of homosexuals are spreading a ‘gay agenda’ in the Vatican”.

credibilidade deste Papa. No Vaticano, existe uma espécie de guerra civil subterrânea (LLORENTE, 2018)²³.

Um exemplo bastante representativo desse fenômeno de desqualificação do próprio Sumo Pontífice da Igreja Católica e/ou de contestação dos lugares de autoridade tradicionalmente estabelecidos na Igreja por parte dos próprios fiéis católicos – neste caso, conservadores – é o mais recente sínodo dos bispos, o Sínodo Amazônico, celebrado em outubro de 2019 em Roma, com o lema *Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. Durante sua realização, o Sínodo foi fortemente atacado, sobretudo na internet, por setores conservadores católicos. A constante necessidade de esclarecimento do que estava realmente sendo proposto e pensado no Sínodo era perceptível nas redes sociais, nos portais de notícias e até nas próprias falas dos participantes do evento. Dois exemplos ilustram bem essa situação: a súplica de Delio Camaiteri²⁴ aos católicos não-indígenas para que respeitassem o rito amazônico proposto pelo Sínodo (CASTRO, 2019), e a nota lançada por Dom Walmor de Azevedo²⁵ no site da CNBB, na qual ele tenta esclarecer as verdadeiras motivações do Sínodo Amazônico (AZEVEDO, 2019).

No primeiro caso, percebe-se explicitamente um tom de apelo, como uma defesa a um ataque iminente, quando Camaiteri diz “por favor, não fiquem aflitos com esse rito. Adoramos um único Deus. O centro do nosso rito é Jesus Cristo, não há nada de profano, não há nada demais” (CASTRO, 2019), enquanto no segundo, é evidenciada uma crítica às pessoas que estariam propagando *fake news* contra o Sínodo. Na nota em questão, Dom Walmor afirma que “lamentavelmente, o Sínodo serviu de pauta para muitos que se dedicam a propagar notícias falsas. Foi alvo de interpretações equivocadas, inclusive dentro da própria Igreja, alimentou medos e preconceitos, distanciamentos e fechamentos” (AZEVEDO, 2019).

É interessante, ainda neste exemplo, destacar que a atuação dos setores católicos contrários ao evento não se limitou às críticas e à propagação de informações falsas. Durante o Sínodo, dois católicos entraram na igreja Santa Maria em Transpotina, próxima à Basílica de São Pedro, e roubaram “estatuetas de madeira que representavam mulheres indígenas grávidas usadas durante a

²³ “Hay muchos portales de Internet que dicen que el papa es comunista, que es marxista. Lo que se ve es que hay una conjunción entre ambientes teológicos conservadores y ambientes políticos conservadores. Antes era una ataque a la Iglesia, ahora es un ataque a la credibilidad de este Papa. En el Vaticano hay una suerte de guerra civil subterrânea”.

²⁴ Professor indígena peruano, pertencente ao povo Ashaninca, que participou do Sínodo e compôs uma mesa de entrevista coletiva no evento com “o cardeal Beniamino Stella, prefeito da Congregação para o Clero, dom Alberto Corrêa, arcebispo de Belém do Pará, padre Eleazar Hernández, pertencente ao povo indígena zapoteca do México, e Mariluce dos Santos Mesquita, religiosa brasileira da etnia Barassana” (LOMONACO e LIMA, 2019).

²⁵ Arcebispo de Belo Horizonte e presidente da CNBB.

cerimônia no Vaticano, no dia 4 de outubro passado, na presença do Papa Francisco” (VATICAN NEWS, 2019a), e as jogaram no Rio Tibre. Tal ato foi gravado, publicado (LIFESITENEWS, 2019) e celebrado na internet por conservadores católicos que as identificavam como símbolos pagãos. O Papa Francisco, inclusive, ao noticiar que as estátuas teriam sido recuperadas do Tibre, aproveitou para pedir desculpas publicamente “às pessoas que foram ofendidas por esse gesto” (DOMINGUES, 2019), e afirmou que elas “estavam ali [na igreja da Transpotina] sem intenções idolátricas” (DOMINGUES, 2019).

Finalizando a lista de exemplos e ilustrando a magnitude do incômodo intraeclesial causado por esses grupos, vale destacar a fala do Papa Francisco no discurso de encerramento do Sínodo para a Amazônia, no dia 26 de outubro de 2019, no qual ele denuncia a existência e critica o comportamento de católicos que ele classificou como “cristãos [de] elite” (ESPAÑOL, 2019)²⁶, chegando, ainda, à forte declaração de que “porque não amam ninguém, creem amar a Deus” (VATICAN NEWS, 2019b), citando o escritor francês Charles Péguy. Ou seja, a atuação desses grupos não é marginal ou irrelevante, mas se faz sentir pelo próprio bispo de Roma, autoridade máxima da Igreja ocidental.

A criação dessa atmosfera de tensão e hostilidade dentro da Igreja Católica não é fruto apenas das críticas e acusações feitas pelos cardeais ou pelos grupos conservadores supracitados. Ao contrário, existe uma outra face do conservadorismo católico atual que não está totalmente incluída nesses agentes mencionados, pois trazem consigo outros elementos, como uma profunda inserção nas novas mídias digitais e uma aliança direta com atores políticos à direita. É destes agentes midiáticos do conservadorismo que falam Austen Ivereigh, Marco Politi e Dom Walmor de Azevedo.

Ao classificá-los como midiáticos, não se quer demarcar – sobretudo a partir do pressuposto de mediação do qual parte este trabalho, explicitado no início deste capítulo – que a relação com as mídias é uma especificidade dessa expressão religiosa em detrimento de outras, distintas e anteriores. Ao contrário, parte-se da concepção de que na religião, o rito, o sacerdócio e a palavra sagrada funcionam como dimensões mediatizantes primeiras. O uso da escrita, por exemplo, nas religiões que detêm livros sagrados, como é o caso do cristianismo, corresponde a uma camada de mediação, antes mesmo que possamos falar da mídia moderna, a partir da imprensa. Além disso, como mostram pesquisas já citadas aqui – a exemplo de Carranza (2009; 2011) – a atuação católica

²⁶ A fala do Papa Francisco acerca desses grupos encontra-se no vídeo em questão entre o minuto 31 e o 34.

nas mídias, inclusive modernas, ultrapassa os esforços protagonizados pelos conservadores. A Igreja está nas mídias modernas desde que elas existem, tanto de forma oficial-institucional, como por meio de seus inúmeros atores.

Atualizados no seu uso dos meios e da linguagem das novas mídias, e como frutos deste mesmo contexto, os agentes midiáticos religiosos – conservadores ou não, católicos ou não, como voz institucional ou não – estão inseridos fortemente no ciberespaço a partir das exigências próprias deste, que não apenas lhe garantem a legitimidade nesse espaço, mas que também compõem o seu sentido, visto que, de acordo com Maingueneau (2000), “o ‘suporte’ não é verdadeiramente exterior ao que ele supõe ‘veicular’” (MAINGUENEAU, 2000, p. 8), ele traz implicações ao enunciado, atravessa-o, já comunicando algo de antemão. Algumas das características próprias da sociedade atual, que Slimovich (2018) chama de *hipermidiatizada*²⁷, são trazidos pela autora ao tratar do processo de midiática do político, como: posturas de personalização das mensagens, engajamento em conflitos com outros grupos e até “organização de pseudo-eventos para alcançar repercussão” (SLIMOVICH, 2018, p. 8). O mesmo parece acontecer no caso desses agentes contemporâneos do conservadorismo midiático. Indo além simplesmente de uma transformação técnica, a própria atuação e conteúdo propagado por esses agentes demonstram traços de especificidade.

Ainda que à primeira vista, possa parecer contraditória a presença de discursos altamente conservadores em meios midiáticos dos mais modernos, são justamente essas mídias, naquilo que lhes é próprio, que possibilitam o espalhamento desse e de outros discursos, a partir do que Slimovich (2018) chama de *alargamento do espaço público*, no qual “novos coletivos e discursos políticos, surgidos em ambientes midiáticos, sobretudo digitais, ampliam a possibilidade de participação e mobilização de atores que normalmente não participavam do debate público ou sequer o acompanhavam” (QUEIROZ, 2020, p. 5), somado à “profusa circulação de representações de encontro/conexão e diferenciação/conflito e os fortes efeitos de proximidade criados pela globalização econômica e cultural” (BURITY, 2015, p. 103-104). Este contexto atual traz às religiões e seus atores, inclusive os mais tradicionais, o imperativo de “reposicionar-se como forças

²⁷ Ana Slimovich (2018) segue o pressuposto veroniano, de que a midiática é um processo historicamente antigo e antropológico, ao qual as tecnologias de comunicação em massa e as novas mídias, como a internet, causaram uma profunda intensificação, mas não deram origem a esse processo. A sociedade *hipermidiatizada* seria, portanto, apenas esta etapa contemporânea a partir da qual, dentre outras transformações, as instituições tradicionalmente responsáveis por produzir, manter e legitimar o discurso hegemônico têm essas faculdades de controle da circulação discursiva enfraquecidas. A isto, Trivinho (2006; 2013) chama de *transpolítica*.

públicas num mundo onde existir é ser visto e ouvido nos espaços públicos da mídia, da sociedade civil organizada e da política” (BURITY, 2015, p. 104).

A inserção e atuação desses grupos conservadores católicos na internet, como já visto acima rapidamente ao relacioná-los com Steve Bannon, se assemelha bastante à conduta dos chamados neoconservadores²⁸ estadunidenses, sobretudo no conteúdo das pautas e na forma com que se colocam nas mídias em relação a temas variados, desde estritamente religiosos até exclusivamente políticos, sempre a partir de uma postura revestida de rigidez moral, caráter antipluralista e posicionamento política e economicamente à direita. Além dessas semelhanças nas pautas e no modo de agir, sobretudo em relação à sua atuação na internet, há um outro elemento importante observado nos neoconservadores dos Estados Unidos que os aproximam dos conservadores midiáticos do Brasil: suas articulações políticas em vistas da “manutenção da ordem social patriarcal e a economia neoliberal” (CARRANZA, 2020, p. 4).

De fato, tem sido possível perceber ao longo dos anos no Brasil que

parlamentares evangélicos, carismáticos e conservadores unem-se em conjecturações políticas com a finalidade de fazer valer um tipo de interpretação da verdade cristã. Igualmente se aliam numa cruzada ferrenha, lançando mão de todas as armas teológicas, argumentos disseminadores de pânico morais, campanhas difamatórias e passeatas multitudinárias (CARRANZA, 2017, p. 111).

Também aqui parece existir uma semelhança com o já citado caso do neoconservadorismo estadunidense, visto que, de acordo com Quadros (2014), há uma “conformação das estratégias políticas de candidatos à presidência da república – e, por consequência, dos seus respectivos partidos – à pauta construída pelo campo religioso” (QUADROS, 2014, p. 61). Esses grupos conservadores, portanto, têm uma influência concreta e tangível no contexto político-social no qual estão inseridos, fazendo sentir os efeitos de sua atuação por todos, inclusive por quem não tem qualquer contato com instituições e grupos religiosos.

Como coloca Carranza (2020), “se os setores religiosos não geram as crises democráticas, pelo menos formam parte delas e as adensam [...] reverberam medos e ameaças sociais, mirando nas minorias alvos precisos” (CARRANZA, 2020, p. 12). Ainda que não sejam os únicos responsáveis por esse novo contexto, no qual o conservadorismo disputa violentamente a

²⁸ Entende-se aqui o neoconservadorismo como um movimento surgido nos EUA na década de 70 a partir da aliança “entre representantes do grande capital interessados em restabelecer seu poder de classe, de um lado, e do outro a ‘maioria moral’ de parte conservadora da classe trabalhadora” (LACERDA, 2018, p. 39). Espalhado atualmente por diversos países, o neoconservadorismo carrega, de forma geral, um “ideário privatista [...], antilibertário [...], neoliberal [...], conservador [...] e de direita” (LACERDA, 2018, p. 69), além de uma compreensão de que a atuação política é um “dever moral com Deus” (QUADROS, 2014, p. 57).

hegemonia política no Brasil, os agentes do conservadorismo religioso midiático, e neste caso específico, católico, têm um papel importante na produção, manutenção e difusão desse discurso conservador. Fortemente inseridos nas mídias digitais e adaptados à linguagem e às exigências próprias deste meio, garantem a “visibilidade pública” (MARTINO, 2017, p. 103), legitimando seus discursos profundamente violentos, excludentes, intolerantes, antagonísticos e, muitas vezes, conspiratórios.

Diante do exposto acima, é possível perceber, assim como colocou Burity (2008) em outro contexto, “a relevância dos processos e dos fenômenos religiosos para a *compreensão* das transformações vividas pelas sociedades contemporâneas, e não apenas, embora também, como um caso destas” (BURITY, 2008, p. 92, grifo do autor). É partindo também desta constatação que este trabalho se propõe a mergulhar em um fenômeno antes de tudo religioso para lançar luz sobre processos mais amplos, presentes na história recente da sociedade brasileira como um todo. Antes de fazê-lo de fato, porém, é preciso, diante de tudo que fora colocado acima, evidenciar o problema que guiará esta dissertação.

2.5 EVIDENCIANDO O PROBLEMA

Está claro que, ao longo dos últimos anos, no Brasil e em outros países, houve um avanço de grupos conservadores nos espaços públicos, como a política institucional, e na cultura como um todo. Seja esse fenômeno uma “onda conservadora” (BURITY, 2018) ou o (res)surgimento de “novíssimas direitas” (ROSA, 2019), o fato é que essa nova presença é não apenas *percebida* nas mídias, nas conversas cotidianas, nas igrejas e na Academia, mas *sentida* nesses mesmos espaços. Ela tem, de fato, disputado e conquistado espaço na cena pública.

Não se pode, porém, nomear um único grupo, uma única motivação ou mesmo um único elemento causador deste novo cenário. Ao contrário, diversos são os agentes e motivações envolvidos nesse fenômeno e, também, diversas são as articulações entre eles nos diferentes contextos nos quais estão inseridos. Dentre as várias forças imbricadas no fenômeno descrito acima, o conservadorismo católico na internet se apresenta como um caso rico para a análise das lógicas envolvidas nesse processo. Por articular diferentes elementos, como uma rejeição explícita a projetos políticos, econômicos e ideológicos considerados de esquerda e, ao mesmo tempo, uma defesa intransigente de uma moralidade bastante específica em relação a direitos reprodutivos,

sexuais e familiares, chegando inclusive a, em nome da fé católica, pôr em xeque a credibilidade do papa, se debruçar sobre esse grupo pode apontar caminhos de compreensão acerca das lógicas que causam, dão sustentação e alimentam esse fenômeno.

Dito de forma mais explícita, em vistas de compreender a fundo esse avanço conservador e de que forma ele se deu, algumas perguntas acerca do discurso conservador católico na internet – como um dos agentes envolvidos neste processo e, portanto, como uma das vias de investigação do mesmo – parecem relevantes. São elas:

- a) Como o discurso conservador católico na internet se manifesta na sociedade brasileira para além dos âmbitos eclesiais?
- b) Como ou a partir de quê esse discurso é formado? Como é transformado? Quais suas características próprias?
- c) Como a mobilização e articulação de discursos religiosos e politicamente orientados à direita na internet repercutem no cenário social e político no Brasil?

Diante do exposto acima, este trabalho se propõe a analisar o discurso conservador católico na internet, em vista de demonstrar como o mesmo é construído na sociedade brasileira e junto aos católicos do país nos últimos anos. Para tanto, dispõe-se a estudar a constituição recente do conservadorismo católico e sua manifestação na internet, suas especificidades e elementos centrais; analisar o grau de consonância desse discurso com a atuação de agentes políticos envolvidos mais explicitamente nos processos de disputa pela hegemonia da ordem social, no Brasil, na última década; e identificar como o discurso conservador católico na internet se articula com e se interpela pelo contexto sociopolítico do Brasil nos últimos anos.

3 LEVANTANDO O EDIFÍCIO: REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLOGIA

3.1 AS BASES DE SUSTENTAÇÃO: DISCURSO, HEGEMONIA E LÓGICAS

Tendo em vista a construção proposta no capítulo anterior, faz-se necessário lançar as estruturas sobre as quais ela será levantada e sustentada. Essas estruturas são os aportes teóricos que lançam a base do trabalho ou, em outras palavras, oferecem uma prévia compreensão das tendências sociais e perspectivas a partir das quais o problema levantado anteriormente será compreendido.

Um primeiro ponto fundamental sobre o qual este trabalho se constrói, e que constitui, de fato, a base de sustentação da qual depende, é a teoria do discurso pós-estruturalista, sobretudo a partir das contribuições de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau. A concepção do social da qual partem esses autores e alguns de seus pares é o pressuposto teórico-analítico a partir do qual este trabalho parte e interpreta a realidade apresentada. Críticos de concepções essencialistas do social, Laclau e Mouffe vão compreender os agentes sociais como “constituídos através da unidade relativa e debilmente integrada de uma pluralidade de ‘posições de sujeito’” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 4)²⁹. Isso significa dizer que não há uma essência, como um elemento metafísica ou naturalmente dado, do social. Ao contrário, se se quer falar sobre uma essência do social, pode-se dizer que ele é essencialmente não essencialista, isto é, ele não está dado. O sentido, as relações sociais, as identidades, tudo que envolva a vida social tem como característica inalienável a contingência e a abertura ou, como colocam Laclau e Mouffe (1987), uma ontologia social não-essencialista parte “do caráter precário das identidades e da impossibilidade de fixar o sentido dos ‘elementos’ em nenhuma literalidade última” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 161)³⁰.

O social não está dado, assim como o que lhe compõe. As identidades e os discursos são constituídos sempre de forma relacional e precária ou, em outras palavras, a partir do outro e nunca de forma perfeita. Ou seja, toda identidade só se define pela posição da própria identidade numa rede de outras. Essa construção da identidade se constitui sempre a partir de um outro que a interpela, nega, ameaça ou atrai, seduz. A isto, Derrida chama *exterior constitutivo*. Mouffe (2007) deixa isso claro ao afirmar que a construção de um “nós” a partir do qual se compreende a si e à

²⁹ “constituídos a través de la unidad relativa y débilmente integrada de una pluralidad de ‘posiciones de sujeto’”.

³⁰ “Una concepción que niegue todo enfoque esencialista de las relaciones sociales debe también afirmar el carácter precario de las identidades y la imposibilidad de fijar el sentido de los ‘elementos’ en ninguna literalidad última”.

realidade “só pode existir pela demarcação de um ‘eles’, que é o exterior constitutivo do ‘nós’” (MOUFFE, 2007, p. 3)³¹, e que essa relação entre um “nós” e um “eles”, sempre construída e historicamente situada, é o que dá a “condição de possibilidade de formação das identidades políticas” (MOUFFE, 2007, p. 3)³². Corroborando com essa compreensão, Maingueneau afirma que toda formação discursiva “só pode traduzir como ‘negativas’, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu Outro, pois é através desta rejeição que cada uma define sua identidade” (MAINGUENEAU, 1997, p. 122).

Dito de outra forma, é importante compreender que as identidades são construídas sempre de maneira contextualizada e historicamente situada, sendo, portanto, passíveis de mudança. Não apenas: a construção dessas identidades é dada necessariamente de forma relacional, marcada pela disputa, pelo conflito com o outro, isto é, pela afirmação da diferença. Dessa forma, entende-se que “se um discurso parece indiferente à presença de outros, *é porque, semanticamente, lhe é crucial denegar o campo do qual depende e não porque poderia desenvolver-se fora dele*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 122, grifo do autor). Com isso, porém, não se está afirmando uma constante atitude de rejeição consciente ao Outro, visto que ele “não possui uma presença plena, mas apenas se constitui como um símbolo do não ser” (ALVES, 2010, p. 91). Por muitas vezes, inclusive, o exterior constitutivo de dada identidade pode ser indefinível, a não ser como imaginação difusa do outro – que está sempre presente, mesmo por sua ausência ou nomeação. Ainda que assim o seja, sua própria existência impede a identidade em questão, seja qual for, de ser plenamente aquilo que ela almeja, isto é, de se completar, de se tornar plenamente bem-sucedida enquanto tal. Existe, portanto, uma constante disputa.

Esse antagonismo estabelecido na base fundamental da construção de sentido, porém, mesmo frustrando “toda possibilidade de uma reconciliação final e de um nós plenamente inclusivo” (ALVES, 2010, p. 91), não impede o funcionamento da vida social por conta das chamadas *práticas articulatórias* que formam os discursos, tomando elementos dispersos no campo da discursividade – sons, palavras, imagens, pessoas, grupos e outros suportes materiais – para, com eles, construir regras de produção e circulação de sentido. Práticas que, inclusive, juntam coisas incomparáveis ou incongruentes, por vezes, em bricolagens que funcionam, embora não sejam logicamente consistentes. Dizendo de outra forma, a prática articulatória é justamente a

³¹ “sólo puede existir por la demarcación de un ‘ellos’, que es el exterior constitutivo del ‘nosotros’”.

³² “condición de posibilidad de formación de las identidades políticas”.

atividade a partir da qual um sentido é fixado, ainda que sempre precariamente, ou seja, ela é a “*construção de pontos nodais*”³³ *que fixam parcialmente o sentido*” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 193)³⁴. A prática articulatória, portanto, “constitui e organiza as relações sociais” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 162)³⁵ uma vez que é a partir da articulação que o social é construído.

São essas articulações que dão sustentação ao social, visto que elas possibilitam a formação e manutenção da hegemonia discursiva, que é a tentativa de fechamento de sentido num dado contexto histórico-social. Antes, porém, de apresentar o sentido de hegemonia do qual se parte aqui, é importante destacar como se entende o *discurso* neste trabalho, ponto fundamental tanto para a construção e compreensão do problema colocado no capítulo anterior como para sua análise.

O discurso, a partir de tudo que fora supracitado, não é compreendido aqui da mesma forma que o é pelo senso comum. Mais do que uma fala, mais do que um texto ou mesmo mais do que a cosmovisão de um sujeito qualquer, o discurso é o sistema de relações (ou de diferenças) a partir do qual a realidade é não apenas compreendida, como realizada. Discurso é prática. Para Laclau e Mouffe (1987), inclusive, todo objeto é objeto discursivo, o que não significa negar “a existência, externa ao pensamento, de tais objetos, mas sim a afirmação de que eles possam constituir-se como objetos *à margem de toda condição discursiva de emergência*” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 182)³⁶. Dito de outra forma, tudo o que existe é o campo da discursividade – isto é, a “soma” e “cruzamento” de todas as trocas, estratégias e lugares de enunciação, a interdiscursividade. Poder analisar uma dimensão da vida social ou uma prática específicas, significa poder propor analiticamente a existência de uma formação discursiva, ou seja, de um conjunto de regras de produção e circulação de sentidos associado a uma prática ou conjunto de práticas relacionadas.

É importante destacar, ainda, que as formações discursivas e suas dimensões não devem ser compreendidas de maneira dicotômica, na qual se teria “por um lado, sua relação com elas mesmas, por outro, sua relação com o exterior” (MAINGUENEAU, 1997, p. 75), da mesma forma que não se opõem as dimensões do sentido e da prática. O discurso não é o sentido que norteia a prática, ele é prática também. Como explicam Laclau e Mouffe (1987), “romper com a dicotomia discursivo/extra-discursivo é abandonar também a oposição pensamento/realidade e, por

³³ Pontos nodais são “os pontos discursivos privilegiados na fixação parcial de sentido” (ALVES, 2010, p. 91), ou seja, aquilo em torno de quê são construídas as equivalências que formam a unidade precária à qual chamamos discurso.

³⁴ “*la construcción de puntos nodales que fijan parcialmente el sentido*”.

³⁵ “*constituye y organiza a las relaciones sociales*”.

³⁶ “*la existencia, externa al pensamiento, de dichos objetos, sino la afirmación de que ellos puedan constituirse como objetos al margen de toda condición discursiva de emergencia*”.

consequência, ampliar imensamente o campo das categorias que podem dar conta das relações sociais” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 187)³⁷.

O discurso, portanto, mais do que o sentido por trás da prática que movimento o sujeito, ele é um dos lugares nos quais se disputa o sentido e a estruturação da ordem social. A existência de um discurso já é disputa no/pelo social, uma vez que o discurso “se constitui como tentativa de dominar o campo da discursividade, por deter o fluxo das diferenças” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 191)³⁸. Essa concepção de discurso, de acordo com Ana Alves (2010), “tem por intuito ressaltar que toda configuração social é significativa e que o sentido de um dado evento social não está dado de antemão, não lhe é inerente, só aparece num sistema de relações” (ALVES, 2010, p. 90).

A base teórico-analítica da qual este trabalho lança mão, portanto, rejeita toda compreensão individual(ista) e subjetivista da produção de sentido, realçando as relações e práticas sociais nas quais o discurso se constitui e opera. Essas práticas, evidentemente, são realizadas por agentes sociais. Ou seja, o discurso não é um ator hipostasiado. Só existe discurso nas práticas de atores reais, ainda que esses atores não controlem inteiramente as condições de emergência e circulação do discurso que lhes forma.

Tendo colocado aquilo que se entende por discurso, é possível, então, compreender melhor também a noção de *hegemonia* adotada por esses autores que dão sustentação a este trabalho. Mais do que elucidar o percurso traçado e as transformações passadas por esse conceito³⁹, apresentar aqui o que se entende por hegemonia possibilita uma melhor compreensão do funcionamento do social e dos elementos que lhe atravessam, sobretudo a partir da ontologia colocada acima. Uma vez colocada a impossibilidade de fechamento de sentido e a constante não-realização de toda identidade pela presença inalienável de um Outro que lhe antagoniza, a hegemonia é a tentativa de dominar o campo da discursividade, de fixar uma dada região de sentidos, numa prática de estabilização de seu fluxo contínuo, como supracitado.

Assim como visto acima, ao tratar sobre a noção de articulação e práticas articulatórias, a hegemonia discursiva desempenha o papel de prover uma unidade discursiva precária sobre a qual

³⁷ “*romper con la dicotomía discursivo/extra-discursivo es abandonar también la oposición pensamiento/realidad y, por consiguiente, ampliar inmensamente el campo de las categorías que pueden dar cuenta de las relaciones sociales*”.

³⁸ “*se constituye como intento por dominar el campo de la discursividad, por detener el flujo de las diferencias*”.

³⁹ O trabalho de Alves (2010) se propõe justamente a esse objetivo, elucidando o caminho percorrido pelo conceito de hegemonia de Gramsci a Laclau e Mouffe.

o social acontece. É importante, porém, esclarecer que isso não significa que a hegemonia constitui o centro do social, num sentido essencialista. Ao contrário, como lembram Laclau e Mouffe (1987), a “hegemonia é, simplesmente, um tipo de relação política; uma forma, vamos dizer assim, de política” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 237)⁴⁰, o que implica que “em uma formação social determinada pode haver uma variedade de pontos nodais hegemônicos” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 237)⁴¹. Ou seja, em uma dada sociedade, uma formação hegemônica não dá conta de toda a vida social, mas, ao contrário, diversas formações discursivas, situadas em lugares sociais distintos, com diferentes relações de força entre si, podendo algumas se sobreporem às outras, constantemente disputam a hegemonia da ordem social e se transformam no processo.

Diante da pluralidade de elementos dispersos em determinado contexto, é possível perceber uma multiplicidade de formações discursivas diferentes, compondo um complexo universo no qual esses discursos interagem e disputam a ordem social também de maneira plural. Na sociedade atual, altamente complexificada, só é possível a unidade a partir de uma certa pluralidade de articulações de suas cadeias de equivalência e diferença⁴², que constantemente se relacionam, medem força entre si e disputam a ordem hegemônica. A hegemonia, portanto, “supõe o caráter incompleto e aberto do social, que só pode se constituir em um campo dominado por práticas articulatórias” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 192). Em uma sociedade menos plural, com menos diferenças possíveis disputando o ordenamento social, “não há formas hegemônicas de articulação” (LACLAU e MOUFFE, 1987, p. 235)⁴³, que constituem *uma* forma de relação política.

O esforço de demonstrar como um discurso é construído em um contexto social e histórico específico tem sentido a partir do momento em que se compreende a ontologia do social como aberta, contingente e precária, como proposto pela teoria do discurso, sobretudo a partir de Laclau e Mouffe. Tendo sedimentado a base, porém, é preciso começar a levantar outras estruturas que darão forma e sustentação a este trabalho. Dando continuidade às noções colocadas pela teoria do discurso, e como desdobramentos dela, as contribuições de Jason Glynos e David Howarth nas *Lógicas da Explicação Crítica* são de fundamental importância para alcançar os objetivos

⁴⁰ “*Hegemonía es, simplemente, un tipo de relación política; una forma, si se quiere, de la política*”.

⁴¹ “*En una formación social determinada puede haber una variedad de puntos nodales hegemónicos*”.

⁴² É importante destacar, para uma melhor compreensão do que consistem as lógicas de equivalência e diferença, que elas são, de acordo com Jason Glynos (*et al*, 2020), fundamentalmente “lógicas de *significação*” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 15), que “nunca operam sozinhas” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 15), mas, ao contrário, sempre estão relacionadas de alguma forma.

⁴³ “*no hay formas hegemónicas de articulación*”.

norteadores desta pesquisa. Esses autores propõem que o conceito de “lógica”, utilizado em vários dos últimos textos de Laclau, pode ser a base de uma proposta metodológica que operacionalize análises empíricas amparadas na teoria do discurso. Eles entendem por *lógicas* “os propósitos, regras e pressuposições ontológicas que tornam possível, inteligível e vulnerável uma prática ou regime” (GLYNOS *et al*, 2009, p. 11)⁴⁴. Dizendo de outra forma, o conceito de lógicas vai “não apenas caracterizar [uma prática], mas capturar as condições que fazem essa prática ‘funcionar’” (GLYNOS *et al*, 2009, p. 11).

Analicamente, as lógicas são classificadas por Glynos e Howarth em três tipos: sociais, políticas e fantasmáticas. Ainda que se possa e que seja oportuno fazer essa distinção, essas três lógicas não existem isoladamente, mas dependem umas das outras:

as lógicas políticas pressupõem a operação das lógicas sociais e fantasmáticas. E nosso exame das lógicas sociais levanta questões sobre a operação das lógicas políticas e fantasmáticas. E, na medida em que elas têm uma relação com normas, poderíamos dizer que as lógicas fantasmáticas também têm uma relação com as lógicas sociais e políticas” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 19)⁴⁵.

Como será visto abaixo, essa noção de lógicas traz implicações para a investigação do ponto de vista metodológico. Antes, porém, é interessante destacar aquilo que cada um dos três tipos de lógicas traz de próprio, aquilo que lhes diferencia em categorias diferentes. Primeiro, a lógica social é aquela que descreve as características, aquilo que compõe o discurso estudado. Existe uma dimensão “fotográfica” à lógica social: ela revela aquilo que está presente no discurso num dado momento específico, isto é, revela os “aspectos de uma prática [discursiva] que são relativamente estáveis e sedimentados” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 18)⁴⁶, que a fazem funcionar como tal e ser assim identificada. Ter em mãos as lógicas sociais de uma prática discursiva é ver aquilo que a constitui, é reconhecer o que a faz ser o que é. A lógica social, portanto, é a forma do discurso, é sua estrutura, seu funcionamento rotineiro, aquilo que constitui a coerência interna de uma prática discursiva.

As lógicas políticas, por outro lado, vão demonstrar como o discurso é construído. São elas que permitem contemplar de que forma e a partir de quê sentidos e práticas são construídos e transformados. Perceber as lógicas políticas, portanto, é perceber o que está sendo contestado,

⁴⁴ “the purposes, rules and ontological presuppositions that render a practice or regime possible”.

⁴⁵ “While analytically distinct, the three logics are dependent on one another. Political logics presuppose the operation of social and fantasmatic logics. And our examination of social logics opens up questions about the operation of political and fantasmatic logics. And insofar as they have a relation to norms, we could say that fantasmatic logics also have a relation to social and political logics”.

⁴⁶ “aspects of a practice which are relatively stable and sedimented”.

defendido, negociado etc., dentro de uma formação discursiva em disputa/relação com outras. É interessante gastar um tempo maior com as lógicas políticas, visto que elas são mais “intimamente associadas com a dimensão política das relações sociais” (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 134)⁴⁷. As lógicas políticas, portanto, dão conta de compreender as forças envolvidas e mobilizadas em processos de transformação social, ou seja, que dinâmicas e sujeitos estiveram envolvidos na instituição de um discurso ou mesmo de uma nova ordem social.

Dizendo de outra forma, as lógicas políticas não apenas revelam como práticas discursivas são construídas, mas também como são desconstruídas. Isso acontece uma vez que “a própria instituição de um novo regime ou prática social pressupõe a possibilidade de uma ordem social anterior ser eficazmente deslocada de sua posição hegemônica e, portanto, destituída” (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 142)⁴⁸, sendo as lógicas políticas, portanto, “essenciais para os processos de contestação e instituição das práticas e regimes sociais” (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 142)⁴⁹.

Tendo colocado isso, é importante, ainda, sobretudo diante da intenção de aplicá-las numa análise sociológica, levantar um outro aspecto acerca das lógicas políticas: sua relação umbilical com casos e agentes concretos. As lógicas políticas não existem nem podem ser aferidas num plano abstrato e intangível. Ao contrário, elas são sempre “identificadas em alguma conjuntura ou operando em um caso particular” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 18)⁵⁰, isto é, “requerem identificação” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 15)⁵¹. Ou seja, as lógicas políticas devem ser “explicitamente compreendidas em relação a contextos específicos e às normas que os agentes consideram ser problemáticas ou dignas de defesa” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 15)⁵², dando conta de perceber especificamente quais aspectos estão sendo negociados, negados, reafirmados a partir das cadeias de equivalência e diferença num dado contexto.

Por fim, as lógicas fantasmáticas são aquelas que dão conta de perceber de que forma o discurso “físca ideologicamente [seus] sujeitos” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 12)⁵³. Como colocam

⁴⁷ “political logics are most closely associated with the political dimension of social relations”.

⁴⁸ “the very institution of a new regime or social practice presupposes the possibility that a previous social order is successfully displaced from its hegemonic position and thus de-instituted”.

⁴⁹ “integral to the processes of contestation and institution of social practices and regimes”.

⁵⁰ “identified at some juncture or operating in a particular case”.

⁵¹ “require identification”.

⁵² “explicitly understood in relation to specific contexts and the norms that agents consider to be either problematic or worthy of defence”.

⁵³ “grip subjects ideologically”.

Glynos e Howarth (2007), “se as lógicas políticas [...] mostram *como* práticas sociais vêm a ser ou são transformadas, então as lógicas fantasmáticas fornecem os meios para entender *por quê*” isso acontece (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 145)⁵⁴. Elas, portanto, evidenciam as vias pelas quais um discurso ou prática é incorporado ou rejeitado a nível individual ou coletivo, uma vez que operam no âmbito da fantasia⁵⁵. De forma simples, isso significaria dizer que pelas lógicas fantasmáticas, pode-se compreender elementos mais ou menos importantes para um sujeito que, a partir deles, está(ria) propenso a acolher ou rejeitar certas práticas ou discursos.

As fantasias, portanto, ditam o que é ou não aceitável, desejável, permitido etc. através da negação ou ocultação, segundo Glynos e Howarth (2007), do caráter fundamentalmente contingente das relações sociais. A partir dessa noção, a fantasia “promete uma plenitude-por-vir uma vez que um obstáculo nomeado ou implício seja superado [...] ou que prenuncia um desastre caso o obstáculo se prove intransponível” (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 147)⁵⁶. As lógicas fantasmáticas, uma vez que operam no âmbito da fantasia, “em geral aparecem disfarçadamente, como em piadas, deslizos, [e] narrativas atribuídas a um outro” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 15)⁵⁷.

Respectiva e resumidamente, então, as lógicas sociais são responsáveis por *caracterizar* o discurso, ou seja, “descreve[r] os padrões de articulação discursiva que especificam as instituições e pessoas como entidades independentes” (GLYNOS *et al*, 2009, p. 11)⁵⁸; as lógicas políticas mostram *como* os discursos são produzidos e transformados; e as lógicas fantasmáticas demonstram *a partir de quê* um discurso é incorporado ou rejeitado por individual e coletivamente (GLYNOS *et al*, 2009).

3.2 LEVANTANDO PAREDES E COLUNAS: O(S) CONSERVADORISMO(S) NO BRASIL E NO MUNDO

Diante do exposto acima, é possível compreender que falar sobre o contexto recente do Brasil, com o qual se preocupa este trabalho, constatando uma ruptura na hegemonia discursiva

⁵⁴ “If political logics [...] show how social practices come into being or are transformed, then fantasmatic logics provide the means to understand why”.

⁵⁵ O conceito de fantasia trabalhado por Jason Glynos e David Howarth articula elementos da teoria do discurso de Laclau e Mouffe e da psicanálise francesa, sobretudo de Jacques Lacan. Sobre isso, ver Glynos *et al* (2019; 2020).

⁵⁶ “promises a fullness-to-come once a named or implied obstacle is overcome [...] or which foretells of disaster if the obstacle proves insurmountable”.

⁵⁷ “usually appear covertly, such as in jokes, slips, narratives attributed to an other”.

⁵⁸ “describe patterns of discursive articulation that individuate institutions and persons as independent entities”.

que se tinha anteriormente, e, diante disso, buscar compreender de que forma um discurso específico esteve envolvido nessa mudança, lançar mão da ferramenta teórico-analítica que são as lógicas é de fundamental importância, sendo as sociais responsáveis por caracterizar o discurso aqui estudado; as políticas, por evidenciar tanto de que forma houve a transformação conjuntural testemunhada recentemente no Brasil como a maneira pela qual o discurso conservador católico na internet se formou; e as fantasmáticas, por apontar àquilo que leva os agentes desse discurso a incorporá-lo em detrimento de outras formações e práticas discursivas.

Sendo assim, um próximo passo precisa ser dado: é preciso especificar o que se entende por conservadorismo. Fortemente presente nos mais diversos espaços da conjuntura atual – das Academia às mais cotidianas conversas –, esse termo pode e comumente significa inúmeras coisas diferentes. Ora utilizado para desqualificar, ora utilizado para valorizar, existe uma polissemia que lhe cerca. Uma vez que este trabalho pretende se debruçar sobre um discurso classificado aqui como *conservador*, é preciso elucidar, então, como ele é entendido aqui.

Antes disso, porém, é importante dizer de forma direta o que ele *não é*: sinônimo de fundamentalismo. Na cena brasileira, como aponta Burity (2018), “‘fundamentalismo’ é uma categoria de combate, mobilizada quase sempre do lado dos adversários” (BURITY, 2018, p. 49) dos atores religiosos na política institucional, geralmente pentecostais. Esse termo, portanto, de forma geral “se dá nas disputas de fronteira entre pentecostais e seus outros” (BURITY, 2018, p. 48), sendo utilizado apenas por estes, uma vez que os denominados fundamentalistas raramente se autodenominam dessa forma. Diante disso, acredita-se que esse termo não contribui para a discussão aqui proposta não sendo adotado, portanto, como sinônimo de conservadorismo nem servindo de classificação adequada para atores sociais de manifestações politicamente mais regressivas.

O conservadorismo, por outro lado, ainda que também seja polissêmico e utilizado ocasionalmente como categoria de acusação, tem seu valor analítico e, por diversas vezes, diferentemente do fundamentalismo, é também usado para autoafirmar-se, isto é, como um valor positivo. A primeira coisa importante de se destacar em relação a esse termo, é que ele não comporta uma única expressão ou grupo, isto é, ele não pode ser entendido “como um bloco monolítico de pensamento e ação” (QUADROS, 2015, p. 34), sendo mais oportuno falar de conservadorismos, no plural, e, a partir daí, diferenciar algumas das principais expressões desse

fenômeno. Só então se poderá compreender melhor, por exemplo, de qual conservadorismo trata este trabalho ou com quem seus agentes se articulam⁵⁹.

Uma primeira expressão conservadora que merece destaque aqui é a já citada reacionarista-tradicionalista, frontalmente aversa à modernidade e tudo que ela representa. Os reacionários-tradicionalistas têm como características típicas concepções idealistas e nostálgicas da sociedade pré-moderna e o autoritarismo. Para aqueles que o compõem, o reacionarismo-tradicionalista “é intrinsecamente incompatível com a modernidade e almeja nada menos que extirpá-la da história, ressuscitando um tempo que já deixou de existir” (QUADROS, 2015, p. 43), geralmente identificado na cristandade europeia, católica, patriarcal e hierárquica. Esses reacionários-tradicionalistas “propõem um regresso às tradições cristãs de outrora, o que ocorreria por meio de uma ação política sem tréguas que ofertaria nova esperança de redenção para as sociedades roídas pelo pecado, pela anomia e pelas ideologias progressistas” (QUADROS, 2014, p. 50). Figuras representantes dessa expressão conservadora no Brasil, como visto no capítulo anterior, foram Plínio Correia de Oliveira e Jackson de Figueiredo.

É interessante destacar que, mesmo que tenham como valores os ideais de tempos pré-modernos, essa expressão político-ideológica e o conservadorismo de uma forma geral são fenômenos tipicamente modernos. O pensamento conservador, em suas mais diversas – e, inclusive, mais regressivas – expressões, não pode ser compreendido como uma simples conservação de ideais antigos, mas sempre como uma articulação/reação diante de dinâmicas modernas. Como lembra Celina Lerner (2019), o conservadorismo surge “em resposta a um movimento que rompia com uma ordem existente e dada como natural” (LERNER, 2019, 51), sendo seu primeiro uso enquanto oposição às transformações da modernidade, ainda segundo a autora, apenas encontrado no século XIX. Celina Lerner (2019), inclusive, interpreta esse apego nostálgico e idealizado a tempos passados, construído e propagado por pessoas que não lhe vivenciaram, como uma reação à insegurança do futuro: “Se não há futuro, é para o passado que os olhos se voltam” (LERNER, 2019, p. 58). Este ponto parece relevante para ratificar uma das dimensões autoimunitárias do cenário atual, como visto mais abaixo. Mais do que a defesa

⁵⁹ Isso não significa dizer que as diversas expressões conservadoras “correm em faixa própria”. Há, hoje, várias formas de atuação conjunta ou ressonâncias entre conservadorismos. A tese de Celina Lerner (2019), por exemplo, demonstra bem algumas das articulações entre distintas expressões do conservadorismo, encontradas no Brasil. Da mesma forma que são plurais e heterogêneas, elas se ligam em linhas gerais, como pode ser observado nos trabalhos de Lerner (2019) e Quadros (2015).

puramente ideológica da manutenção de valores considerados naturais e a-históricos, o conservadorismo é uma “estratégia de combate a adversários políticos em uma *luta real por poder político*” (LERNER, 2019, p. 53, grifo nosso), sobretudo uma vez que, como dito anteriormente, não há essa separação asséptica entre o ideal e o real.

Outro tipo de conservadorismo bastante conhecido é o conservadorismo liberal, que reage de forma bastante diferente às novidades modernas em comparação com os reacionários-tradicionalistas. Os conservadores liberais, buscam a preservação de uma ordem baseada nos valores e tradições *já testados* ao longo da história, sem que isso implique necessariamente em elementos religiosos. Para eles, “a tradição não remonta necessariamente à verdade divinamente revelada, repousando antes nos costumes sociais já testados pela marcha do tempo, o que pode incluir valores como livre mercado, liberdade individual, governo limitado e democracia” (QUADROS, 2014, p. 51). A união entre liberais e conservadores se deu em resposta a eventos históricos, sobretudo a partir da disputa política contra a União Soviética no contexto da Guerra Fria.

Essa aliança, porém, se transformou sobretudo a partir da década de 1970 nos Estados Unidos, radicalizando o sentimento anticomunista e, principalmente, incorporando fundamentalmente as demandas da direita cristã. Desse movimento de radicalização, surgem os neoconservadores, com o propósito de moralizar a política a partir da moralidade tradicional judaico-cristã, preparando “o terreno para as características da governança neoliberal, porque o discurso político-religioso permite [...] mobilizar uma cidadania submissa” (LACERDA, 2018, p.62). É o chamado neoconservadorismo que, desde o final dos anos 1980, atua para chegar ao poder político-institucional a partir das regras do jogo e, chegando lá, “batizá-lo”, permeando a sociedade dos ensinamentos cristãos – ou, no mínimo, freando a “interferência do Estado nos valores morais familiares e religiosos” (LACERDA, 2018, p. 188).

Para os neoconservadores, essa atuação é verdadeiramente missionária e desejada por Deus. Sua subida ao poder, portanto, mais do que um projeto particular de poder, responde a uma vocação divina para a evangelização dos povos, nacional e internacionalmente. Dessa forma, inclusive, é justificada a política externa estadunidense de George W. Bush, isto é, pelo imperativo moral de levar a democracia e os valores cristãos a todos os países, “mesmo que para tanto seja preciso arcar com os ônus do enfrentamento militar” (QUADROS, 2014, p. 57), seguindo a lógica do remédio amargo, presente em suas políticas sociais. Essa dimensão internacional é observada por Juan

Vaggione e Maria das Dores Machado (2020), que aludem a uma certa homogeneidade nas pautas defendidas pelos neoconservadores em diversos países da América Latina, “que vai além do contexto nacional de cada país” (VAGGIONE e MACHADO, 2020, p. 9)⁶⁰. No caso do Brasil, por exemplo, o anticomunismo se manifesta, diferentemente do caso estadunidense, como um “combate ao ‘socialismo do século XXI’, ou a Cuba, ou ao bolivarianismo – esse último como equivalente de antipetismo” (LACERDA, 2018, p. 190).

O neoconservadorismo, porém, não pode ser compreendido apenas pela defesa da moralidade tradicional judaico-cristã e forte sentimento anticomunista. Outros valores lhe são centrais, como a rejeição do “assistencialismo, [d]o inchaço excessivo do Estado” (QUADROS, 2014, p. 53) e, por consequência, das presenças das “políticas de Estado de bem-estar social, que reduziam a desigualdade, e também os movimentos LGBT e feminista” (LACERDA, 2018, p. 189), no poder público daquele contexto estadunidense original. Como Marina Lacerda (2018) deixa claro, porém, no caso brasileiro, ainda que a rejeição a elementos como esses façam parte da atuação legislativa desses grupos no Brasil, os neoconservadores “apenas adere[m] a esse contramovimento, em forma de apoio na disputa discursiva e em votos” (LACERDA, 2018, p. 190). É interessante, ainda, destacar que a mobilização neoconservadora em pautas morais é voltada para “proteger e garantir a moralidade sexual baseada na família heterossexual” (VAGGIONE e MACHADO, 2020, p. 7)⁶¹, inclusive através de uma atuação legalizadora ou legislativa, como é demonstrado no já citado trabalho de Lacerda (2018) sobre os neoconservadores na Câmara dos Deputados. Para esses grupos, como demonstra a autora, não basta condenar moralmente, mas legislar contra, impedindo legalmente práticas sexual e reprodutivamente imorais.

A partir desses diferentes conservadorismos, é possível iluminar os achados empíricos, presentes nos próximos capítulos, auxiliando na diferenciação dos casos estudados com outros já conhecidos. Somando-se aos elementos trazidos por Quadros (2014; 2015), a já citada tese de Celina Lerner (2019) também contribui grandemente aos esforços propostos aqui, visto que a autora faz uma “descrição densa da mentalidade conservadora no Brasil em sua manifestação nos últimos anos” (LERNER, 2019, p. 61) não apenas mapeando as várias faces do conservadorismo na internet, mas também explicando como ela se articula e se compreende. Uma das características

⁶⁰ “*that goes beyond each country’s national context*”.

⁶¹ “*protect and guarantee a sexual morality grounded in the heterosexual family*”.

mais evidentes nessa mentalidade é sua concepção radicalmente antagonística do Outro. Para os agentes do conservadorismo encontrados por Lerner (2019) na internet, qualquer elemento ou valor que se diferencie do núcleo que compõe essa identidade conservadora é um inimigo a ser combatido, afinal, “não ser como ‘nós’ é uma afronta. Em outras palavras, a ação ameaçadora [...] existe porque o elemento ameaçador existe e sua existência basta para que se configure uma situação de ameaça” (LERNER, 2019, p. 225), restando aos justos, verdadeiramente interessados pelo bem da sociedade, a destruição dos dissidentes.

Essa relação antagonica, como já visto anteriormente, está no fundamento de toda sociedade e na formação/manutenção de toda identidade. É a partir do “eles” que se pode entender quem compõe o “nós”, e não há como construir um cenário no qual todos estejam incluídos de forma igual. Como lembra Mouffe (2007), “toda ordem está baseada na exclusão de outras possibilidades” (MOUFFE, 2007, p. 4)⁶² e, nestas, outras identidades, outros grupos, outras pessoas. Sempre haverá uma disputa, seja pela hegemonia, seja pela supremacia⁶³. O problema, de acordo com Mouffe (2007), é quando essas forças antagonicas queiram eliminar-se mutuamente. Para a autora, o conflito legítimo “deve adotar uma forma que não destrua a associação política. Isso significa que deve existir algum vínculo comum entre as partes em conflito, de maneira que *não tratem seus oponentes como inimigos que devem ser erradicados*” (MOUFFE, 2007, p. 4)⁶⁴. Com isso, Chantal Mouffe não cai na crença de que se possa chegar a um consenso a partir de meras negociações entre as partes, nem advoga que o antagonismo deva ser entregue a sua própria dinâmica, o que pode gerar essa destruição da “associação política”. O consenso não é possível, e as diferentes forças envolvidas na política não são simples adversários. A autora, então, traz a noção do *agonismo*, ou seja, de uma relação adversarial, na qual é reconhecida a legitimidade do Outro de existir.

A relação agonística certamente não parece ser adotada pelos conservadores na internet encontrados por Lerner (2019). Ao contrário, a autora encontra como característica comum desses grupos, o *imperativo da força*, que seria a única forma eficaz e legítima de agir diante do outro.

⁶² “*todo orden está basado en la exclusión de otras posibilidades*”.

⁶³ A disputa, quando é antagonística, não tem sempre o desfecho numa hegemonia, que sempre supõe um elemento de identificação e de consentimento. Por vezes, há uma disputa que é autoritária, impositiva, excludente, na qual “Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a ‘liquidar’ ou a submeter inclusive com a força armada” (GRAMSCI, 2002, p. 62). A esta, Gramsci chama supremacia.

⁶⁴ “*debe adoptar una forma que no destruya la asociación política. Eso significa que debe existir algún vínculo común entre las partidas en conflicto, de manera que no traten a sus oponentes como enemigos que deben ser erradicados*”.

Como ela resume: “ser reconhecido pelos de dentro do círculo como diferente, como não pertencente ao lado bom, já constitui por si só uma ameaça e pede uma imediata reação violenta” (LERNER, 2019, p. 231).

Percebendo esses mesmos elementos, Pablo Rosa (2019) levanta também um outro ponto: essa concepção antagonística e intolerante para com tudo que for entendido como Outro – e, neste caso, como esquerdista ou comunista⁶⁵ – é alimentada por narrativas conspiratórias que instrumentalizam e radicalizam as potenciais ameaças advindas de contextos de crise econômica e/ou política. Em outras palavras, esses grupos conservadores, chamados por Rosa (2019) de “novíssimas direitas”, fazem leituras conspiratórias sobre a sociedade contemporânea, surfando nas crises de seu contexto, potencializando-as e criando novas e intangíveis ameaças que, caso não combatidas com veemência, destruirão a sociedade ocidental tal como é conhecida. O Outro, portanto, não pode ser encarado como adversário legítimo, contra o qual se deve disputar a ordem social a partir das regras do jogo, reconhecendo sua existência como legítima. Ao contrário, todos aqueles que não se encontrarem dentro do “nós” “tornaram-se os inimigos políticos da ordem instituída pela tradição neoconservadora antiliberal ou mesmo iliberal e que devem ser estigmatizados, patologizados, criminalizados e, no limite, eliminados, no intuito de fortalecer a ‘raça’ dos ‘cidadãos de bem’” (ROSA, 2019, p. 66). Há, portanto, uma radicalização da relação antagonística, extrapolando a posição defendida por Mouffe sobre antagonismo⁶⁶.

É importante destacar, ainda, que não existe um “tipo ideal conservador” (LERNER, 2019, p. 221), mas uma articulação entre diferentes expressões desse grande “nós” ao qual se chama “cidadãos de bem”, dentro do qual, estão presentes grupos e pessoas que, a princípio, pouco teriam em comum. Os diferentes grupos que compõem esse discurso conservador mais amplo darão uma ênfase maior ou menor para certos elementos dessa grande identidade, de acordo com suas particularidades. Para os católicos, por exemplo, a banalização do religioso ou a blasfêmia terão um apelo e um investimento emocional maior do que para os militares ou mesmo para os economicamente liberais. Ainda que assim o seja, o conjunto negativo que compõe os inimigos é

⁶⁵ Para o discurso conservador católico na internet, *comunista*, *socialista*, *marxista*, *esquerdista* e *revolucionário* são termos sinônimos. Ao usar qualquer um desses termos neste trabalho, não se está citando os atores concretos e distintos entre si que correspondem a esses termos, mas àqueles denominados dessa forma pelos agentes do discurso conservador católico na internet.

⁶⁶ Mesmo na relação antagonística, o recurso à violência não existe na maioria das situações. Há mecanismos mais sutis e eficazes de isolamento da dissidência interna, aos quais se recorre mais comumente. O que está sendo apresentado por Quadros (2015), por Lerner (2019) e por Rosa (2019) é uma concepção classicamente antagonística do conflito por parte dos atores de quem falam. Esta concepção foge daquela defendida por Chantal Mouffe.

compartilhado por todos e tomado como um grande bloco indistinto internamente⁶⁷. São eles: “comunistas, esquerdistas, petralhada, vagabundos, bandidos, corruptos, traficantes, maconheiros, favelados, negros, pessoal dos direitos humanos, feministas, ateus e gays. No plural. Mesmo que haja referência nominal a um ou outro personagem [...], a figura é tomada pelo todo” (LERNER, 2019, p. 224).

É interessante, ainda, perceber que essa forma de conceber, por um lado, a si e aos seus aliados de forma diferenciada, levando em conta as particularidades de cada um, e, por outro, o “eles” sempre de forma indistinta e monolítica faz parte da estratégia de distanciamento radical do Outro, evidenciando uma incompatibilidade cuja única implicação é a sobrevivência de um ou do outro. Não há possibilidade de conciliação ou mesmo de convivência, uma vez que a vida social desejada por “eles” é exatamente o oposto da desejada pelo “nós”. Dizendo de outra forma,

Os elementos que estão fora da parte central, são vistos de forma monolítica. Não há individualidade, detalhamento, noção de história ou das partes que os compõem num sentido mais empático. Os elementos negativos são entendidos a partir da perspectiva do centro e por isso se assemelham mais a blocos do que a várias pessoas unidas cada qual com sua personalidade. [...] Sendo esse caráter coletivo imutável, a única coisa a fazer diante de um elemento de caráter negativo e que lhe ameaça é eliminá-lo pela força. (LERNER, 2019, p. 230).

Um ponto importante para a compreensão desse fenômeno como um todo e, portanto, deste trabalho é a *ameaça*. A atitude desses grupos conservadores no Brasil contemporâneo, a forma com que compreendem a si e ao Outro, e seu *modus operandi* não são motivados por uma convicção ideológica inteiramente racional ou pela defesa consciente de projetos políticos concretos. Ao contrário, a grande força que mobiliza a maioria dos atores envolvidos nesse processo supracitado é a atitude de proteção da sociedade que conhecem, isto é, de reação às ameaçadoras estratégias de destruição da vida social tal como se (re)conhecem. Essas ameaças, como dito acima, partem de crises reais e bastante concretas, como a crise financeira de 2008, os ataques terroristas nos países centrais do ocidente, as crises migratórias na Europa etc., e, a partir delas, potencializam medos e ressentimentos, radicalizando, portanto, antagonismos. Diante desse contexto de crises recentes ao redor do planeta, ganha força um processo de

intensificação do antagonismo, da máxima vigilância, da suspensão/abdicção de direitos e garantias em nome da proteção contra essas ameaças intangíveis e da rapidez na arregimentação de defesas contra o outro, mesmo que ao custo do fogo amigo, da

⁶⁷ Essa indistinção acontece enquanto predomina o momento do antagonismo “puro”. Quando houver uma pluralidade de frentes de atuação e combate, os próprios adversários serão múltiplos e não-unificados, o que forçará uma leitura mais matizada pelos conservadores, identificando interlocutores mais diversos e inimigos mais parciais. Não entraremos nisto neste trabalho.

generalização da desconfiança, do medo e da agressividade reativa, dos danos colaterais (BURITY, 2018, p. 26).

Nesse contexto marcado por uma profunda insegurança em relação ao futuro, o conservadorismo surge como resposta perfeita. Aquilo que se perdeu é justamente o que deve voltar. Dessa forma, a mentalidade conservadora, posta à margem da hegemonia discursiva ao redor do mundo e especificamente no Brasil nas últimas décadas, ressurgiu forte e fortalecida, levada aos extremos, diante das ameaças e projetos protagonizados pela esquerda. Enquanto os avanços sociais e políticos conquistados de forma democrática na história recente do país e os atores responsáveis por eles são encarados como “figuras do mal a exorcizar, esquecer ou punir” (BURITY, 2018, p. 21), o conservadorismo se põe no lugar de “fundamento abalado, mas ainda capaz de reação e retomada, da ordem e do progresso, da ordem com(o) progresso, prometidos pela República” (BURITY, 2018, p. 21).

É certo que a presença do pensamento conservador e a disputa do mesmo por uma posição hegemônica não é exclusiva do momento atual. Ao longo da história recente da sociedade ocidental e, mais especificamente, do Brasil é possível observar um certo pêndulo hegemônico, próprio da precariedade ontológica de qualquer discurso, do qual o conservadorismo fez parte, experimentando perdas e vitórias. Se se olha para o contexto vivenciado recentemente no Brasil, percebe-se uma etapa acanhada do conservadorismo, que, como visto no capítulo anterior, era ignorado e rejeitado pelo discurso hegemônico. É importante, porém, como coloca Lerner (2019), perceber que a adesão massiva e quase instantânea ao discurso conservador, de forma que pudesse disputar com grande força a ordem social, demonstra que o mesmo e os elementos que o compõem certamente não foram ressuscitados por completo, mas mobilizados. Ou seja, a velocidade e força com que o discurso conservador ressurgiu publicamente no Brasil demonstra que, em certa medida⁶⁸, seus valores “já estavam presentes na sociedade, mas [...] estavam reprimidos” (LERNER, 2019, p. 47).

Nesse movimento de saída dos rincões da sociedade para disputar o centro político e cultural, a internet desempenhou um papel fundamental para os agentes do discurso conservador,

⁶⁸ Não se pode afirmar que o discurso conservador estava inteiramente constituído, apesar de reprimido, e que agora vem à tona. Isso ignoraria a dimensão relacional que a ideia de reação indica. Sem aquilo a que reage esse conservadorismo não (pré)existe. Essas forças mobilizadas estavam presentes e eram reprimidas, mas isso não significa dizer que (res)surgem agora arbitrariamente, como quem acorda de forma espontânea. Elas foram mobilizadas em reação a algo, ou seja, os elementos conservadores existentes na sociedade brasileira foram articulados de forma relacional, em contato com o contexto histórico-social específico em questão.

uma vez que ela é transpolítica e glocalizada, ou seja: capaz de desprender-se do controle soberano das instituições tradicionalmente estabelecidas e profundamente marcada pela conectividade e interatividade, superando-se a dicotomia entre global e local, pondo em contato distintos atores e discursos espalhados geograficamente⁶⁹. A internet, portanto, “engendrou o crescimento de novos movimentos e sua aceitação na esfera pública” (LERNER, 2019, p. 43), inclusive grupos extremistas ou mesmo revisionistas conspiratórios. Esse movimento, ainda que conte com uma certa espontaneidade própria do alargamento do espaço público explicado por Slimovich (2018), também citado no capítulo anterior, foi, na realidade, planejado e impulsionado por agentes conservadores com grande capital político e econômico que, de acordo com Lerner (2019), “trouxeram para o ambiente digital as preocupações e as estratégias discursivas da velha política e souberam tirar vantagem da ausência de controle e da redução de custos, ambas possibilitadas pela arquitetura distribuída da rede, para multiplicar o alcance de sua militância” (LERNER, 2019, p. 45).

A partir de todo esse contexto supracitado, então, são mobilizadas algumas forças presentes na mentalidade conservadora brasileira, fazendo emergir

um discurso de ódio e perseguição contra o Outro [...] com a criação de teorias conspiratórias, apelo ao anti-intelectualismo contra as universidades e meios de comunicação, na utilização da propaganda para moldar uma narrativa sobre um passado mítico visando construir um presente e futuro inspirados nessas premissas através da hierarquização, na autoridade, vitimização, no discurso de lei e ordem (ROSA, 2019, p. 28).

Esse processo, antes mesmo de chegar ao Brasil, já se fazia sentir ao redor do mundo ocidental, sobretudo nos Estados Unidos, com a atuação da denominada *alt-right*. Caracterizada pelo posicionamento extremado à direita, ao ponto de “rejeitar o movimento conservador convencional” (HAWLEY, 2017, p. 11)⁷⁰ – daí, inclusive, a origem de sua denominação como direita *alternativa*, em tradução livre –, culminando num profundo sentimento *nacionalista branco*⁷¹, o movimento *alt-right* ganhou fama inclusive fora dos Estados Unidos por sua atuação na internet disseminando ódio a tudo que é considerado esquerdismo, criando e disseminando

⁶⁹ Para maior aprofundamento acerca dos conceitos de transpolítica e glocalização, ver Trivinho (2006; 2013).

⁷⁰ “*rejects the mainstream conservative movement*”.

⁷¹ De acordo com George Hawley (2017), dentro do próprio campo da extrema direita estadunidense, existe uma diferenciação entre as alcunhas de “*white supremacist*” (supremacista branco) e “*white nationalist*” (nacionalista branco). Enquanto os primeiros, defendem que os brancos sejam socialmente dominantes numa sociedade na qual “pessoas de origens raciais múltiplas vivem juntas” (HAWLEY, 2017, p. 13), os nacionalistas brancos defendem “a completa separação racial em Estados separados” (HAWLEY, 2017, p. 13).

teorias conspiratórias envolvendo globalistas e marxistas, que estariam empenhados em implodir a sociedade judaico-cristã ao, dentre outras estratégias, infiltrar-se nas igrejas e enfraquecer a noção tradicional de família em disputas políticas e judiciais. A *alternative right* estadunidense tem sua versão brasileira⁷² orientada principalmente por Olavo de Carvalho e seus seguidores, que vão desde Eduardo Bolsonaro, deputado federal (PSL/RJ) e filho do atual presidente, e ministros do atual governo federal a figuras influentes dos meios católicos na internet.

Ainda que tenha ganhado maior destaque recentemente, sobretudo a partir das eleições de 2018, sendo apresentado pela mídia como guru de Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho tem uma atuação na internet que remonta à primeira década dos anos 2000, quando “já em 2002, ele criou o blog ‘Mídia sem Máscara’ com o objetivo de combater o ‘viés esquerdista da grande mídia brasileira’” (LERNER, 2019, p. 44). Longe de ser um caso isolado, diversos agentes do conservadorismo brasileiro somaram esforços ao autodenominado filósofo para ocupar espaços e ganhar voz a partir da internet e, mais recentemente, das redes sociais.

Dentre os vários exemplos que podem ser dados para ilustrar esse fenômeno, o conservadorismo católico na internet se mostra especialmente importante para este trabalho. Na realidade, central. Contribuindo para o fortalecimento do discurso conservador e provocando conflitos e disputas tanto intra como extraeclesiais, seja de forma direta ou indireta, estimulando seus seguidores a defenderem o conservadorismo católico nos diversos âmbitos sociais nos quais estão inseridos, os agentes do conservadorismo católico na internet constituem uma das forças envolvidas no processo de disputa hegemônica testemunhada no Brasil nos últimos anos. Dito de outra forma, ainda que não seja esta a única ou a mais potente das forças envolvidas nesse processo,

⁷² Como todo movimento político originado em outra cultura – como observado acima no caso do neoconservadorismo –, ao instalar-se no Brasil, a noção de direita alternativa articula-se com novos elementos, sofre adequações e renegociações próprias desse processo de migração geográfica e cultural, deixando intacto, muitas vezes, apenas o núcleo duro que o constitui. Diante disso, é importante pôr a ressalva que essas transformações, pelas quais certamente passou e passa o movimento *alt-right* no Brasil, ainda não estão claras, fazendo-se necessário um estudo acerca dessa problemática, como fez Marina Lacerda (2018) ao comparar o neoconservadorismo brasileiro e o estadunidense, por exemplo. Além disso, como coloca o próprio Hawley (2017), a *alt-right* não é definida com facilidade, visto que as pessoas que “se descrevem como parte da Alt-Right querem coisas diferentes” (HAWLEY, 2017, p. 11). A escolha deste trabalho por classificar atores do bolsonarismo e do olavismo como parte dessa *direita alternativa brasileira*, se ancora sobretudo na semelhante forma com que atuam na internet e como se apresentam, pondo-se à parte das manifestações conservadoras e de direita tradicionais, por ver nelas uma maior infidelidade daquilo que seria ser “de direita”, além de suas alianças e alinhamentos explícitos com simpatizantes da versão estadunidense desse movimento. À primeira vista, porém, o caso brasileiro parece não se encaixar perfeitamente na noção descrita na nota de rodapé anterior de nacionalista branco, ainda que carregue consigo veias fortemente racistas.

a presença massiva do discurso conservador na internet contribuiu para o surgimento da nova hegemonia de governos de extrema direita numa escala global.

Um exemplo típico de um agente midiático do discurso conservador é Bernardo Küster, leigo católico, pupilo de Olavo de Carvalho, *youtuber* e jornalista autoproclamado. Küster não é simplesmente um *youtuber* independente e desarticulado, mas, ao contrário, já teve vídeo seu divulgado no canal oficial do atual presidente (BOLSONARO, 2019a) e também de Olavo de Carvalho (CARVALHO, 2018), além de ter sido convidado para participar da primeira *Conservative Political Action Conference* (CPAC) no Brasil⁷³, em 2019, na qual palestrou sobre o Sínodo da Amazônia com o intuito de, segundo o próprio, “expor o que a mídia não fala, para expor justamente o que não se quer que nós falemos” (FRUTUOSO, 2019). É interessante, ainda, para ilustrar a ligação entre Bernardo Küster e o atual governo, representante por excelência da nova conjuntura política brasileira, o fato de que Küster é um dos investigados pelo inquérito das *Fake News* junto ao STF (BRASIL, 2020), ao lado de Sarah Winter, de Luciano Hang e do blogueiro pró-Bolsonaro, Allan dos Santos (INQUÉRITO..., 2020; PALMA *et al*, 2020).

Bernardo Küster é apenas um dentre vários outros possíveis exemplos da presença conservadora católica no amplo fenômeno testemunhado no Brasil ao longo dos últimos anos, isto é, o avanço do discurso conservador em direção à hegemonia discursiva no país, que fez “a bandeira do conservadorismo volta[r] a tremular sem constrangimento em terras brasileiras” (LERNER, 2019, p. 26). Junto a Küster, compõem o fenômeno do discurso conservador católico na internet outros agentes como associações de leigos católicos, a exemplo do Centro Dom Bosco, do qual a deputada federal Chris Tonietto (PSL/RJ) é uma das fundadoras (ASSAD, 2018), ou figuras fortes nos meios midiáticos católicos, como o padre Paulo Ricardo, cuja atuação na internet remonta a 2010, tendo também participações em diversos programas de emissoras de televisão católica e outros tipos de presença nas mídias, como publicação de livros e DVDs.

Tendo posto os aportes teóricos sobre os quais este trabalho se sustenta, é necessário também destacar as ferramentas e métodos utilizados para sua construção, assim como o material

⁷³ De acordo com a página do evento no Twitter, a CPAC é o “maior evento conservador dos EUA” (COM MAIS..., 2019), e foi trazido para o Brasil por Eduardo Bolsonaro, de acordo com o El País (GORTÁZAR, 2019). O evento contou com a participação de figuras como Matt Schlapp, presidente da *American Conservative Union*; Mike Lee, senador republicano estadunidense; além de Olavo de Carvalho e alguns ministros do governo Bolsonaro, como Damare Alves, Ernesto Araújo, Onyx Lorenzoni e Abraham Weintraub.

com o qual essa obra será concretizada. Sendo assim, faz-se necessário elucidar o percurso metodológico adotado nesta pesquisa.

3.3 FERRAMENTAS E MATERIAIS ADOTADOS: PERCURSO METODOLÓGICO

Em vistas de alcançar os objetivos propostos, este trabalho identificou na análise do discurso um método de importância fundamental, uma vez que as contribuições e possibilidades trazidas pela análise do discurso, permitem contemplar como os sentidos são produzidos e produzem o social, quais são as lógicas (GLYNOS e HOWARTH, 2007; 2009) em jogo nessas transformações e de que forma elas ocorrem. Diante disto, este trabalho se propôs a realizar uma análise de discurso a partir da escola francesa, baseando-se sobretudo nas contribuições de autores da linguística e das ciências sociais que construíram modelos de análise empírica a partir de teorizações do último Michel Pêcheux (2015), a exemplo de Eni Orlandi (1994; 1997) e Dominique Maingueneau (1997; 2000; 2003). A análise do discurso, como concepção metodológica e como conjunto de procedimentos analíticos esteve, por sua vez, ancorada na perspectiva metodológica retrodutiva proposta por Jason Glynos e David Howarth (2007; 2009), com base na teoria do discurso pós-estruturalista tratada acima.

A partir da proposta de *articulação* utilizada por Glynos e Howarth (2007; 2009), que se propõe a “evitar a tentação de subordinar fenômenos empíricos particulares sob uma generalização normativa abrangente e a resistir a um ecletismo que simplesmente combinaria sem alterações elementos (potencialmente) incomensuráveis” (GLYNOS *et al*, 2009, p. 12)⁷⁴, procurou-se ligar a análise do discurso ao estudo de casos. Assim como colocado por esses autores, acredita-se aqui que a escolha do método depende do problema, além de se ter a contingência como pressuposto ontológico, não só dos fenômenos sociais estudados, mas da própria forma de se fazer ciência social. Tendo isto em vista, faz-se necessário, sempre, buscar articular as abordagens metodológicas que se mostrarem relevantes para responder o problema proposto, reunindo-as de forma criteriosa – ou seja, reconhecível intersubjetivamente pela comunidade acadêmica – e orientada pelo problema.

⁷⁴ “avoid the temptation to subsume particular empirical phenomena under an over-arching lawlike generalization, and to resist an eclecticism that would simply combine without alteration (potentially) incommensurable elements”.

A escolha do estudo de caso se deu pelo fato de se ter encontrado nele uma possibilidade de se estudar o fenômeno a partir daquilo que lhe é próprio, construindo uma explicação que leva em conta seu contexto específico, seu caráter contingente, enfim, suas particularidades. Acredita-se que buscar “um conhecimento contextualmente específico” (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 204)⁷⁵ se mostra uma estratégia pertinente de investigação porque a partir dele torna-se possível “relacionar nossas lógicas mais gerais com uma instância particular” (GLYNOS e HOWARTH, 2007, p. 204)⁷⁶. Ou seja, o estudo de caso se revela basilar para que se evite a construção de uma ciência que parta de uma teoria geral ou de uma metodologia pronta e as aplique no real, afinal “ciência social boa é orientada pelo problema, e não pela metodologia (FLYVBJERG, 2006, p. 26)⁷⁷. Um fenômeno específico, portanto, exige uma explicação específica, que leve em conta a contingência do caso, articulando-o, depois, com explicações gerais. Estas, porém, não são adotadas antes da problematização do fenômeno.

Sendo assim, a análise aqui presente aconteceu a partir de dois casos que, quando pertinente, foram comparados a fim de demonstrar os diferentes elementos entre si e, dessa forma, a abrangência do fenômeno que compõem. É importante destacar, porém, que estas comparações levaram em conta a especificidade de cada agente em seu devido contexto, evitando uma compreensão imanente do fenômeno estudado, conforme orientam Glynos e Howarth (2007). O primeiro critério utilizado para a escolha dos casos, vale destacar, foi justamente a diferença entre eles, buscando, assim, explorar o alto grau de variância interna ao fenômeno.

Diante do exposto acima, dois casos foram selecionados: o padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster, ambos já citados anteriormente. A partir dos dois, sempre respectivamente, tem-se em mãos um discurso clerical e um laical; um presente nas mídias há uma década e outro há poucos anos; um católico desde sempre e outro convertido do protestantismo; um com mais de 50 anos de idade e um recém passado dos 30; um de postura mais professoral e o outro, mais satírica; um com estudos formais em teologia e o outro, não. Padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster, como será observado nos capítulos a seguir, certamente carregam algumas semelhanças – próprias das exigências impostas pelo discurso conservador católico –, mas, uma vez observada a normatividade própria do discurso que comungam, a atuação dos dois demonstra o espaço dentro do qual é

⁷⁵ “contextually specific knowledge”.

⁷⁶ “to link our more general logics together in a particular instance”.

⁷⁷ “Good social science is problem-driven and not methodology-driven”.

possível elaborar esse discurso com as particularidades de cada um, evidenciando-se a heterogeneidade possível dentro de uma mesma identidade.

O outro critério utilizado para escolhê-los como casos do fenômeno aqui estudado foi a relevância, o alcance e a legitimidade alcançada por esses dois personagens do catolicismo brasileiro contemporâneo – tanto dentro como, e principalmente, fora da internet e da própria Igreja Católica. Não é difícil, com uma simples pesquisa na internet, encontrar os nomes de Bernardo Küster e do padre Paulo Ricardo ligados a figuras públicas ou a eventos de alcance e relevância considerável. Apoiados e seguidos de perto por centenas de milhares de internautas⁷⁸, esses agentes raramente são vistos de maneira neutra, seja pelos que os seguem, seja pelos que são afetados por seus posicionamentos. Pelo contrário, a atuação dos dois foi e é causa de desconforto e conflitos explícitos entre membros da própria Igreja Católica – inclusive de figuras importantes do catolicismo brasileiro, seja por contribuições teológicas ou pelo lugar que ocupam na hierarquia ministerial da Igreja – e mesmo em âmbitos completamente aquém à Igreja, como ilustram, por exemplo, trabalhos como os de Maria das Dores Machado (2018) e Ivanderson Silva (2018), que, ainda que não tenham como ponto central ou problema motivador de seus trabalhos uma análise sobre atores religiosos em si, trazem à luz exemplos de figuras representantes do religioso para demonstrar como se dão as disputas acerca, no caso específico desses autores, do sintagma *ideologia de gênero*.

Como exemplo desses desconfortos e conflitos, o padre Paulo Ricardo já teve, em 2012, seu afastamento pedido à Arquidiocese de Cuiabá através de uma carta assinada por 27 padres, como o próprio atesta e responde em seu portal oficial na internet (RICARDO, 2012), além de outras críticas dentro do âmbito católico e mesmo da Academia, como o artigo publicado pelo teólogo e professor de Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense, Fábio Py (PY, 2021), no qual ele traça o perfil do padre e elucida seu alinhamento com Bolsonaro.

O desconforto gerado por Bernardo Küster no âmbito católico no Brasil, por outro lado, é consideravelmente mais perceptível. Talvez por não fazer parte da hierarquia católica, isto é, por ser um leigo, é mais fácil encontrar mais casos de conflitos publicamente conhecidos em que ele esteja envolvido. Para ilustrar isso, pode-se citar como exemplo seu embate judicial contra Leonardo Boff (GALHARDO, 2020), importante teólogo latino-americano do século XX, um dos

⁷⁸ Apenas no *YouTube*, Bernardo Küster tem 925 mil inscritos em seu canal, enquanto padre Paulo Ricardo tem 1,14 milhão. Dados de 15/03/2021

fundadores da Teologia da Libertação, e o artigo publicado pelo padre Zezinho (ZEZINHO, 2018), uma das figuras mais famosas em termos de catolicismo midiático, atuando com catequeses nas mídias de massa e na internet, contra a postura crítica de Küster à CNBB e a membros da hierarquia católica.

Ainda ilustrando o alcance e a relevância desses agentes, é importante destacar o reconhecimento de ambos e a legitimidade que lhes foi dada, ao ponto de serem considerados representantes do povo católico para além dos contextos eclesiais. Começando com o padre Paulo Ricardo, pode-se citar como exemplo da credibilidade por ele alcançada suas inúmeras participações nos mais importantes ambientes legislativos do país, isto é, a Câmara dos Deputados e o Senado. Neles, o padre participou por várias vezes de audiências públicas e seminários, todos ligados a pautas relacionadas aos direitos humanos, como aborto, família, sexualidade, eutanásia etc. O padre foi convocado para debater esses temas no Congresso Nacional por cinco vezes – quatro na Câmara e uma vez no Senado –, sendo elas: em julho de 2013 (ALESSANDRA, 2013), outubro de 2013 (RICARDO, 2013a), agosto de 2015 (SENADO, 2015), setembro de 2015 (COMISSÃO..., 2015) e em agosto de 2016 (SIGNIFICADO..., 2016).

Outro exemplo relevante para demonstrar o alcance do qual goza o padre dentro do discurso conservador presente na internet é o fato de ter um vídeo seu divulgado no canal oficial do *YouTube* de Jair Bolsonaro (BOLSONARO, 2019b). Isto, porém, não é exclusividade sua, uma vez que Bernardo Küster também tem vídeo próprio divulgado no canal oficial do atual presidente (BOLSONARO, 2019a) e de seu guru, Olavo de Carvalho (CARVALHO, 2018) – além de vídeos com o próprio, inclusive pessoalmente (KÜSTER, 2019b). Por fim, outro episódio importante de se destacar foi a participação de Küster na manifestação ocorrida na Avenida Paulista, em São Paulo, no dia 26 de maio de 2019, na qual ele discursou em dois caminhões a favor, por exemplo, do pacote anticrime do então ministro Sérgio Moro e da reforma da previdência encabeçada pelo ministro Paulo Guedes⁷⁹.

Em relação à coleta dos dados, foram escolhidos vídeos do padre Paulo Ricardo e de Bernardo Küster, em dois períodos diferentes: 2013-2015 e 2018-2019. A escolha desses períodos se dá por esses recortes temporais representarem, respectivamente, o início da maior visibilidade de uma crise hegemônica que se iniciava no Brasil e o ápice, até então, desse processo, que culminou no estabelecimento da ordem atual. Ainda que se saiba que esses processos não

⁷⁹ Um de seus discursos feitos nesse dia está disponível na íntegra em seu canal do *YouTube* (KÜSTER, 2019e).

começam, de fato, em 2013, nesse ano “uma conjunção de contratendências emerge [...], desencadeando uma nova *crise de hegemonia* no Brasil” (BURITY, 2018, p. 29, grifo do autor). Diante dessas profundas transformações, esse período se revela como interessante para verificar o efeito que a atuação de Padre Paulo Ricardo⁸⁰ na internet pode ter tido para além dela. O segundo recorte, por sua vez, pode ser simbolicamente considerado o ápice deste processo por decretar oficialmente a ascensão de um novo discurso aos espaços políticos de maior poder no país. Os anos de 2018 e 2019 compõem o processo último de culminância desse fenômeno e o início, ao menos oficialmente, de seu estabelecimento. Além disso, neste biênio pôde-se observar o acirramento de disputas e conflitos internos à Igreja Católica no Brasil, de forma semelhante ao observado na sociedade brasileira como um todo. Nesse contexto, os agentes conservadores católicos nas novas mídias foram fortes promotores de antagonismo e catalização de ressentimentos.

Dentro desses recortes temporais, foi construído o *corpus* de análise, levando em consideração o material que se mostrou mais consistente para efeito de análise, tendo em vista o problema aqui trabalhado e os objetivos propostos. Foram selecionados 6 vídeos de cada caso buscando-se o critério da representatividade, dentro de critérios específicos que melhor elucidariam os objetivos deste trabalho. Essa seleção primeira foi feita levando em conta três elementos da produção interna dos canais desses agentes: o período, o tema e o formato. Em relação ao primeiro, respeitou-se o recorte temporal citado acima, de forma que, na medida do possível, cada ano tivesse a mesma quantidade de vídeos compondo o *corpus*. Uma vez que o recorte temporal escolhido é composto de 5 anos e que foram estipulados 6 vídeos para cada caso, um dos anos referentes à produção de padre Paulo Ricardo precisaria ter um vídeo a mais. Esta decisão foi baseada, então, na temática dos vídeos, buscando priorizar a representatividade da produção dos agentes estudados. Diante disso, para o Padre Paulo Ricardo, foram selecionados 2 vídeos de 2013 e 1 vídeo referente a cada um dos outros anos, isto é, 2014, 2015, 2018 e 2019. No caso de Bernardo Küster, o *corpus* é composto de 3 vídeos de 2018 e 3 vídeos de 2019.

Além do critério temporal, como já dito, o tema de cada vídeo foi também levado em consideração para construir o *corpus* analítico. Foram priorizados vídeos relacionados à política, seja em termos de conjuntura ou de forma mais geral, e/ou à Igreja Católica diante dela. Além disso, priorizou-se também manter o mesmo formato para todos os vídeos analisados de cada canal.

⁸⁰ Durante este primeiro recorte temporal, não é possível analisar o caso de Bernardo Küster pois o mesmo só iniciou sua atuação na internet a partir de 2017.

Uma vez que cada um dos casos escolhidos aqui atua de forma diferente na internet, os vídeos do padre e de Küster têm formatos diferentes. Procurou-se, porém, manter o mesmo tipo de vídeo em relação à produção interna de cada um. No caso de Bernardo Küster, praticamente todos os seus vídeos seguem o mesmo formato, não tendo sido necessário especificar o tipo de vídeo escolhido. Todos os seus vídeos são produzidos e editados, em linhas gerais, da mesma forma. Para Padre Paulo Ricardo, por outro lado, dentre as várias categorias de vídeos em seu canal, foram escolhidas as gravações de seus programas ao vivo, uma vez que elas tratam majoritariamente dos temas selecionados aqui e que constituem espaços relativamente não-controlados, nos quais é possível acessar mais elementos presentes no discurso analisado a partir de seus deslizes ou derrapagens.

Dentre os vídeos escolhidos para compor o *corpus* referente ao padre Paulo Ricardo, há um que se propõe a analisar o quadro político do Brasil, diante das Jornadas de Junho, em 2013 (RICARDO, 2013c); um que promove o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, de Olavo de Carvalho (RICARDO, 2013b); um que se propõe a dar a visão católica em relação ao capitalismo (RICARDO, 2014); um que responde às acusações de que os conservadores católicos constituem uma igreja paralela ou uma seita dentro da Igreja Católica (RICARDO, 2015); uma aula sobre a relação entre a aparição de Fátima e o comunismo (RICARDO, 2018a); e, por fim, um vídeo que reflete acerca da pergunta “todo governo é uma quadrilha de ladrões?” (RICARDO, 2019), que dá nome ao vídeo. É importante destacar que esses temas não necessariamente são tratados de forma central nos vídeos em si, como será visto no capítulo seguinte. Ao contrário, eles servem muitas vezes como pretexto para que o padre se debruce sobre outros assuntos.

No caso de Bernardo Küster, seus vídeos analisados tratam respectivamente das seguintes temáticas: a infiltração marxista dentro da Igreja (KÜSTER, 2018a); a estratégia leninista para vencer eleições (KÜSTER, 2018c); a presença de traidores dentro da Igreja Católica (KÜSTER, 2018b); esclarecimento de mentiras sobre Olavo de Carvalho (KÜSTER, 2019a); análise acerca do Sínodo Amazônico (KÜSTER, 2019d); e, por fim, o controle das instituições por parte da esquerda para vencer as eleições municipais (KÜSTER, 2019c). Também no caso de Küster os temas aos quais seus vídeos se propõem não necessariamente são aprofundados ou tratados como se promete a princípio. O percurso argumentativo de cada um dos vídeos, tanto do padre como de Bernardo Küster, será explanado brevemente no capítulo seguinte, com vista a ilustrar melhor do que se tratam. Neste momento, cabe destacar o percurso que levou a suas escolhas.

Após a definição dos vídeos selecionados, eles foram transcritos com auxílio do aplicativo online *Sonix*⁸¹. Em seguida, as transcrições foram exportadas e analisadas também com ajuda de *software* de análise qualitativa, o *QDA Miner Lite*⁸². Com este programa, foi possível codificar mais facilmente o texto, separando as categorias em cores distintas, podendo colocar comentários nos grifos do texto, gerando dados e tabelas separadas ou não pelas categorias e códigos criados. O *corpus* foi classificado de acordo com seus elementos, como características ou temáticas encontradas, tendo em vista o problema e os objetivos do projeto.

Uma vez feita essa organização e classificação do *corpus* bruto, foi construído o *objeto discursivo* para, então, submetê-lo às técnicas de análise do discurso, visto que para a AD, é preciso mergulhar nos enunciados, não sendo possível, portanto, uma análise baseada apenas no que se observa de forma geral no *corpus*. Isto foi feito com o auxílio da estrutura metodológica e conceitual fornecida pelas lógicas de explicação crítica propostas por Glynos e Howarth, já referidas. A partir dessas contribuições, se pôde vislumbrar mais eficazmente as condições de emergência, de circulação e de eficácia política do discurso investigado, possibilitando, assim, a investigação das relações discursivas com outras formações presentes no interdiscurso. A produção dos agentes do discurso conservador católico na internet, portanto, foi analisada a partir dessa articulação entre a análise do discurso da escola francesa com o modelo de análise proposto em *Lógicas de Explicação Crítica*, de Glynos e Howarth (2007).

Para compor esse objeto discursivo, os trechos selecionados foram escolhidos a partir do critério da representatividade, buscando dar conta da problematização proposta no capítulo anterior, evidenciando aquilo que parece central para o discurso aqui estudado. Assim, foram selecionadas sequências que evidenciassem 1. tanto as características mais recorrentemente evidenciadas na atuação dos dois agentes, como aquelas que são particulares de cada um; 2. as alianças estabelecidas entre os agentes aqui estudados e outros atores envolvidos na conjuntura atual; 3. (des)continuidades entre o discurso conservador católico na internet e outras formações discursivas conhecidamente conservadoras, possibilitando, assim, a percepção de sua construção e manifestação em comparação com outras expressões já conhecidas do fenômeno do conservadorismo católico.

⁸¹ Disponível em <https://sonix.ai/>. Acesso em 15/03/2021.

⁸² Disponível em <https://provalisresearch.com/products/qualitative-data-analysis-software/freeware/>. Acesso em 15/03/2021.

Ainda sobre a análise do *corpus*, é importante destacar, antes de tudo, que será levada em conta a dimensão semiótica do material, como gestos, cenários, enquadramentos etc. Ou seja, os vídeos serão analisados por seu conteúdo sonoro, mas também pela imagem, uma vez que gestos, expressões e afins também “falam”, também são componentes do discurso.

Depois de colocar as bases de sustentação teórico-analíticas e de apresentar o material e as ferramentas utilizados na construção deste trabalho, é chegado o momento de pôr a mão na massa de fato, apresentando aquilo que foi encontrado acerca do discurso conservador católico na internet a partir dos casos supracitados.

4 A PRODUÇÃO MIDIÁTICA DE PADRE PAULO RICARDO E BERNARDO KÜSTER: UMA VISÃO GERAL

4.1 INTRODUÇÃO AO CORPUS

Nos capítulos anteriores, foi apresentado o plano de fundo deste trabalho, identificando sua problematização e objetivos, desembocando nos aportes analíticos que guiam a leitura do problema colocado e, por fim, a apresentação do material e estratégias metodológicas adotados em vistas de se alcançar o que fora proposto. Neste capítulo, será dado mais um passo em direção à compreensão do discurso conservador católico na internet, a partir do estudo dos casos supracitados. O primeiro esforço a que este capítulo se propõe é o de esclarecer ainda melhor quem são os agentes estudados neste trabalho.

Começando por quem tem um tempo maior de atuação nesse campo, o padre Paulo Ricardo está no *YouTube* desde 08/04/2010, de acordo com as informações oferecidas pelo próprio portal de vídeos, somando desde então mais de 168 milhões de visualizações⁸³ em seus vídeos. Além do *YouTube*, o padre também está em diversas redes sociais, como *Twitter*⁸⁴, *Facebook*⁸⁵, *Instagram*⁸⁶, *WhatsApp*⁸⁷ e *SoundCloud*⁸⁸, além de ter o seu próprio site. Isto apenas levando em conta a atuação em redes sociais digitais, sem contar com seus livros lançados, por exemplo, pela Editora Canção Nova, editora oficial da mais tradicional comunidade católica da RCC⁸⁹ no Brasil, a Canção Nova⁹⁰, e pela Editora Cleofás, idealizada inicialmente para publicar e divulgar obras do teólogo conservador também ligado à Canção Nova, o professor Felipe Aquino (EDITORA..., 2021?).

⁸³ Esta informação, assim como a quantidade de inscritos em seu canal, é pública, podendo ser encontrada no próprio canal do padre no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/c/PadrePauloRicardodeAzevedoJ%C3%BAnior1967/about>. Acesso em 16/03/2021.

⁸⁴ Disponível em https://twitter.com/padre_paulo. Acesso em 16/03/2021.

⁸⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/padrepaulo>. Acesso em 16/03/2021.

⁸⁶ Disponível em <https://www.instagram.com/pepauloricardo/>. Acesso em 16/03/2021.

⁸⁷ Disponível em https://api.whatsapp.com/send?phone=554391431212&text&app_absent=0. Acesso em 16/03/2021.

⁸⁸ Disponível em <https://soundcloud.com/padrepauloricardo>. Acesso em 16/03/2021.

⁸⁹ As denominadas *novas comunidades* são uma realidade nova na Igreja Católica, surgidas sobretudo do seio dos grupos de oração da RCC. No geral, elas são compostas de leigos e seguem uma espiritualidade e atuação midiática bastante semelhantes às expressões evangélicas pentecostais. No Código de Direito Canônico da Igreja Católica, as novas comunidades não estão previstas; elas seriam consideradas associações de fiéis. Sobre as novas comunidades, conferir Carranza *et al* (2009).

⁹⁰ A Canção Nova é uma das comunidades católicas que apoiaram explicitamente Jair Bolsonaro durante e após sua campanha presidencial, inclusive promovendo encontros entre o então candidato e figuras de liderança da comunidade, como seu fundador, o Monsenhor Jonas Abib (PLACERES, 2020). O padre Paulo Ricardo também tem ligações com a Canção Nova. Além de publicar livros em sua editora oficial, o padre tem uma página no site da

Suas redes sociais digitais publicam basicamente o mesmo conteúdo, com as diferenças que cada plataforma impõe. Divulgam a publicação de vídeos novos em seu canal do *YouTube* ou de textos em seu site oficial, além de ocasionalmente publicar alguma frase de figuras conhecidas do catolicismo ou mesmo anúncio de descontos em seus cursos. Seu site, porém, tem uma diversidade maior em termos de conteúdo, inclusive porque atualmente não é apenas o padre quem produz os textos ali publicados. A atuação do padre em suas plataformas atualmente se resume aos seus vídeos, publicados gratuitamente em seu site e no *YouTube*, e seus cursos, material exclusivo para assinantes do seu site.

A própria produção do padre Paulo Ricardo em seu canal do *YouTube* mudou ao longo dos anos. A partir de um levantamento de sua produção dentro do recorte temporal proposto na metodologia acima, percebeu-se que suas publicações eram quase exclusivamente abertas ao público, tratando sobre variados temas – desde estritamente religiosos até temáticas políticas –, enquanto depois, especificamente a partir de 2015, houve uma migração produtiva para os cursos pagos e privados em seu site, mudando o conteúdo de seu canal do *YouTube* majoritariamente para breves homilias diárias e pequenos vídeos de divulgação de seus cursos.

Independentemente do que motivou a mudança na produção midiática do padre Paulo Ricardo, é possível perceber que apenas um de seus programas manteve uma média ao longo dos anos, o *Ao Vivo*. Estes vídeos são geralmente os vídeos mais longos de seu canal, com duração em torno de 40 minutos a 1 hora. Em alguns de seus programas ao vivo, sua exposição inicial dura cerca de 30 minutos, seguida de um intervalo para o início da segunda parte, na qual o padre responde às dúvidas levantadas pelos que acompanham o programa. Às vezes, porém, o padre fala ininterruptamente durante o vídeo, sem que haja intervalo ou perguntas. Após a transmissão ao vivo, a gravação do programa é publicada em seu canal com leves edições, como um corte direto entre a primeira e a segunda parte do programa, cortando o intervalo, quando é o caso. Este, porém, é o único tipo de corte de edição observado em seus vídeos ao vivo.

comunidade na qual publicava textos (POSTAGENS..., 2021), além de ter sido convidado para presidir diversas missas televisionadas em sua sede e para participar de inúmeros outros programas da TV Canção Nova.

Tabela 1 – Produção do Padre Paulo Ricardo no YouTube (2013-2015; 2018-2019)

Ano	A Resposta Católica ⁹¹	Parresía ⁹²	Ao vivo ⁹³	Homílias e Reflexões ⁹⁴	Aulas ⁹⁵	Direção espiritual ⁹⁶	Outros ⁹⁷	Total de vídeos
2013	53	12	39	5	5	0	5	119
2014	31	3	33	13	0	6	3	89
2015	8	1	24	110	11	4	5	163
2018	7	0	36	361	61	4	33	502
2019	7	1	36	366	31	0	7	448

Fonte: Canal do YouTube do Padre Paulo Ricardo (2021)

Além de permitir perceber equívocos e deslizos na fala do padre, como supracitado, a gravação de seus programas ao vivo permite vislumbrar um esforço argumentativo maior, diante do tamanho do programa, permitindo a aparição de mais temas, estratégias discursivas etc. Além disso, ao escolher trabalhar com este tipo de vídeo, abre-se o leque de possibilidades temáticas, uma vez que, neles, o padre trata de temas variados – enquanto, por exemplo, na *Resposta Católica* haveria mais vídeos falando sobre temas relacionados à fé católica, e no programa *Parresía*, temas ligados à conjuntura mundial. Os vídeos ao vivo do padre Paulo vão desde aulas sobre o universo literário do escritor católico J. R. R. Tolkien (RICARDO, 2013d; 2018c) até alertas contra a atuação de instâncias de poder nacional, como o Supremo Tribunal Federal (RICARDO, 2018d).

Seguindo para o outro caso desta análise, Bernardo Küster está no *YouTube* desde 09/08/2006 e tem, até a redação deste capítulo, 96 milhões de visualizações, somando-se todos os

⁹¹ Programa do canal do padre Paulo Ricardo, no qual ele responde “às dúvidas da fé, moral e doutrina” (A RESPOSTA..., [201-?b]).

⁹² Programa do canal do padre Paulo Ricardo, no qual ele busca tratar sobre temas difíceis e truculentos, geralmente relacionados a questões morais. De acordo com seu site, neste programa “Os assuntos mais relevantes do momento para a Igreja são tratados com franqueza e coragem” (RICARDO, [201-?a]).

⁹³ Em seus programas ao vivo, padre Paulo Ricardo trata de temas variados, geralmente em formato de aula. Uma vez que este foi o formato escolhido para compor o *corpus* de análise acerca da produção do padre Paulo Ricardo, ele será melhor definido abaixo, ao longo do texto.

⁹⁴ Nesta categoria, estão incluídas reflexões feitas em momentos específicos, como meditações de Natal ou de Páscoa.

⁹⁵ Em algumas ocasiões, algumas aulas dos cursos ministrados pelo padre Paulo foram publicadas na íntegra em seu canal. Além delas, porém, esta coluna conta também com pequenos trechos retirados de suas aulas e outros vídeos curtos com o intuito de promover seus cursos.

⁹⁶ Programa com poucos episódios, na Direção Espiritual, o padre dá conselhos sobre como viver melhor alguns elementos próprios da fé católica, como a vida de oração, o discernimento vocacional ou mesmo a busca pelas virtudes. Alguns vídeos deste programa são exclusivos para assinantes do site.

⁹⁷ Nesta categoria, entram os vídeos que não se encaixam nas demais. Nela, estão inclusos vídeos de momentos de oração ao vivo, como as Novenas Pelo Brasil, gravadas antes de cada turno das eleições de 2018; vídeos gravados por outrem e simplesmente divulgados no canal do padre, como um suposto exorcismo feito pelo Papa Francisco na Praça de São Pedro (RICARDO, 2013e); ou mesmo vídeos de celebrando figuras específicas, como a homenagem *post-mortem* feita ao padre José Crevacore (RICARDO, 2018b).

seus vídeos. É interessante destacar o início da atuação de Küster enquanto midiático, retificando a primeira impressão passada pela data de sua inscrição no *YouTube*. O vídeo mais antigo de seu canal é uma gravação de setembro de 2008, com cerca de 30 segundos, de um passeio de barco por dentro da Gruta Azul na ilha de Capri (KÜSTER, 2008). O próximo vídeo de seu canal teria sido publicado apenas de janeiro de 2014 (KÜSTER, 2014), também não compondo o corpo de sua atuação midiática, visto que esse vídeo é apenas uma reprodução com legendas em português de um vídeo publicado pelo canal do *YouTube* da *Oxford Union Society*, no qual o autor anglicano e ex-ateu, Peter Hitchens, argumenta em favor da existência de Deus (UNION, 2012). De acordo com a própria descrição do vídeo publicado por Küster, a tradução do vídeo original e aplicação de legendas teriam sido feitas pelo Ministério de Comunicação da Primeira Igreja Batista de Londrina⁹⁸, onde Bernardo⁹⁹ chegou a trabalhar (TIBA, 2018).

Finalmente, seu próximo vídeo, publicado já em julho de 2017 (KÜSTER, 2017), dá início à sua atuação como agente midiático católico ou, simplesmente, *youtuber* católico. Os vídeos de Bernaro Küster abordam temas variados, geralmente comentando algo em destaque na mídia – desde comentários políticos ou denúncias de desvios religiosos dentro da Igreja Católica a ataques contra grupos e pessoas específicas – sempre a partir de um mesmo formato, fazendo uso de diversos recursos de edição como cortes rápidos, apresentação de trechos de outros vídeos ou imagens das pessoas de quem se fala, além de efeitos de filtro e zoom para reforçar algo que esteja sendo dito. Algumas dessas características e estratégias serão evidenciadas melhor ao longo deste capítulo.

4.2 CÓDIGOS DE ANÁLISE: TEMAS, ESTRATÉGIAS E VALORES

Antes de descrever, de forma geral, a atuação dos agentes aqui estudados e dar uma visão geral dos vídeos que compõem o *corpus* de análise, evidenciando os pontos a serem aprofundados na análise derradeira do objeto discursivo construído, é importante apresentar os códigos com os quais o material dos vídeos foi classificado. É preciso, porém, evidenciar um ponto anterior: os códigos que serão apresentados abaixo são o produto final do contato com o material analisado.

⁹⁸ Bernardo Küster é um católico recém-convertido. Até recentemente, era cristão protestante, chegando a fazer parte de diversas igrejas, como a Presbiteriana e a Batista de Londrina (TIBA, 2018).

⁹⁹ Em vistas de contribuir com a fluidez do trabalho, algumas vezes será feita referência à Bernardo Küster pelo uso apenas de um de seus nomes, isto é, de seu primeiro nome ou sobrenome.

Eles foram construídos em contato com aquilo que foi sendo encontrado nos vídeos, em várias etapas de refinamento, buscando dar conta também do que poderia aparecer nos que ainda não tinham sido analisados, procurando-se alcançar uma representatividade satisfatória da atuação midiática de Bernardo Küster e padre Paulo Ricardo. Nesse processo, alguns códigos foram alterados e readequados de forma que esses pontos fossem observados.

Os códigos utilizados para auxiliar na análise dos vídeos são divididos em três categorias maiores, cada uma com um propósito diferente na construção da análise: tema, estratégias e valores. Respectivamente, cabia à primeira categoria marcar o tema de que se estava tratando nos vídeos, podendo ele ser o mesmo do começo ao fim de um mesmo vídeo ou podendo variar, sendo, inclusive, em alguns casos, basicamente o mesmo ao longo de quase todo o enunciado, mas com pequenas referências a outros temas a título de exemplo ou mesmo como forma de lembrar o que estaria por trás do cenário narrado. Alguns desses pontos ficarão mais evidentes em seguida. Os códigos referentes ao grupo “tema” tinham por objetivo, então, demarcar do quê os agentes em questão estavam falando em seus vídeos. Os temas são: *sexualidade e família*; *Globalismo e Grande Mídia*; *Igreja Católica*; *Comunismo*; *Alianças*; e *“Eles” na Igreja*.

É importante, ainda, destacar que esses códigos marcam apenas o fato de que se está falando sobre esses assuntos, sem, porém, evidenciar a princípio de que forma se fala. De forma mais clara: ao codificar um trecho com o código “sexualidade e família”, se está apenas circunscrevendo a fala dentro dessa temática, sem que isto signifique necessariamente – tendo em vista apenas a presença dos códigos referentes aos temas – que se esteja defendendo um modelo específico de sexualidade ou de família. Este não é o caso, porém, quando se olham os dois temas explicitamente relacionados à Igreja. O tema “Igreja Católica” é utilizado quando se está falando sobre algo relacionado à fé, à espiritualidade, à teologia, à história ou outros elementos referentes ao catolicismo que são, do ponto de vista dos locutores, legítimos ou legitimamente católicos. Por outro lado, o código ““Eles’ na Igreja”¹⁰⁰ serve para indicar quando Küster ou o padre estão se referindo à presença dos inimigos dentro da Igreja Católica. Diante disto, mais uma ressalva deve ser feita: o código “Comunismo” delimita esta temática em âmbitos extraeclesiais. Se se fala da ameaça comunista em âmbitos católicos, o código anterior será utilizado. Esta diferenciação é necessária uma vez que: nem sempre se fala dos comunistas relacionando-os com a Igreja Católica; nem sempre se fala do “eles”

¹⁰⁰ A escolha do nome desta categoria foi baseada na explicação do funcionamento da política “nós” e “eles”, descrita anteriormente.

dentro da Igreja enquanto comunistas; além de que essa diferenciação entre os âmbitos intra e extracatólicos se revela importante para ambos os agentes, mobilizando valores e medos distintos.

Ainda sobre os temas, é importante destacar mais dois pontos. Primeiro, ressaltar que o tema “Globalismo e Grande Mídia” inicialmente era dividido em dois códigos distintos. Conforme a análise caminhou, porém, percebeu-se que ambos são indistintos em certa medida dentro do discurso conservador católico, operando lógicas semelhantes, com também semelhantes motivações e oferecendo basicamente os mesmos perigos. Essas duas forças aparecem de certa forma, portanto, como irmãs ou como duas asas de uma mesma ameaça. Além disso, o segundo ponto a destacar é que o código “Alianças” tem por intuito demarcar quando Padre Paulo e Bernardo estão apresentando explícita ou implicitamente atores aliados, fontes de informação alternativa ou autores de referência em seus vídeos, estabelecendo uma rede de relações e pontos de identificação.

Quadro 1 - Temas

Tema	Descrição
“Eles” na Igreja	Católicos que compõem o "eles" dentro da Igreja. Os não-conservadores. Ou seja, qualquer católico que não comungue do discurso destes agentes.
Alianças	Alianças e atores com quem os agentes estudados se articulam, tomam e/ou apresentam como referência etc.
Comunismo	Forças ou estratégias esquerdistas e progressistas presentes na sociedade.
Igreja Católica	Apresentação ou alusão à fé, à espiritualidade, à teologia, à história ou outros elementos referentes ao catolicismo que são, do ponto de vista destes agentes, legítimos ou legitimamente católicos.
Globalismo e Grande Mídia	Fundações internacionais e financiamentos, ou atores e instituições da mídia tradicional suspeitos/mal-intencionados.
Sexualidade e família	Temáticas relacionadas a modelos de família e/ou sexualidade, direitos reprodutivos e sexuais, relações de gênero etc.

As outras duas categorias de códigos, por outro lado, revelam mais elementos presentes no enunciado dos agentes estudados. Mais do que simplesmente demarcar elementos explícitos, como aquilo do que declaradamente se fala, as estratégias e os valores demonstram pontos que, na maioria das vezes, estão implícitas no enunciado, tendo de ser recuperadas a partir da observação atenta ou mesmo com o auxílio das estruturas metodológico-conceituais, como citadas no capítulo anterior.

A categoria denominada “estratégias” tem por objetivo demonstrar a forma com que se constrói o discurso na fala dos agentes. Ou seja, ela foca no *como* e no *para quê*. Ao falar de estratégias, se está falando da forma com que os locutores articulam seu discurso, com que

constroem suas narrativas. Dito de outra forma, as estratégias se referem aos recursos retóricos utilizados pelos agentes no momento em que os temas acima são apresentados. Elas revelam o como e o para quê os enunciados – sendo estes mais do que falas orais – são ditos.

Dentro da categoria mais ampla de estratégias, estão os seguintes códigos: *Argumentação fundamentada*; *Autoafirmação/autovalorização*; *Blindagem*; *Construção do inimigo*; *Desinformação*; *Desqualificação*; *Interpelação*; *Medos e antagonismos*; e *Pré-construído*. Antes de definir cada um dos códigos, é importante comentar dois breves pontos que se relacionam. O primeiro, é o fato de que, ainda que todos os códigos apareçam para ambos os casos, Bernardo e Padre Paulo, alguns são consideravelmente mais presentes para um dos dois. É o caso da “Argumentação fundamentada” e da “Blindagem”. Ambos são consideravelmente mais utilizados pelo padre Paulo Ricardo do que por Bernardo Küster, o que contribui para a descrição de ambos que será feita abaixo. Mais do que a quantidade com que cada código aparece na atuação midiática de cada um, o importante é perceber como e para quê aparecem. Diante disso, o segundo ponto a levantar sobre as estratégias é que, ainda que elas apareçam para Küster e para o padre, elas são utilizadas e se manifestam de forma diferente com cada um.

Ao descrever em linhas gerais a atuação de ambos e, posteriormente, ao trazer uma análise mais minuciosa dos dois, isto ficará mais evidente. Antes disso, porém, alguns exemplos podem ilustrar bem isso de antemão. No código “Desqualificação”, por exemplo, no qual o(s) adversário(s) em questão é(são) menosprezado(s) ou depreciado(s), percebem-se maneiras bastante diferentes de se lançar mão desta estratégia. Se, por um lado, Bernardo Küster se utiliza de memes e um humor mais jovem, típico da internet, para desqualificar seus opositores, com piadas, apelidos e vídeos engraçados, o padre Paulo desqualifica revelando as supostas “verdadeiras intenções” e/ou as contradições dos opositores. Mesmo quando o padre utiliza sarcasmos e humor, ele se coloca num lugar de superioridade intelectual, isto é, numa atitude professoral, como quem está rindo do absurdo que é o outro ou sua lógica.

Outro exemplo ainda é a forma com que ambos fazem uso da “Interpelação”, que estabelece a noção de luta como vocação e imperativo moral para os que estão do lado do bem, chamando-os para o combate. Bernardo Küster interpela seus seguidores a batalhar contra seus adversários denunciando-os para as autoridades, como o Núncio Apostólico, ou mesmo para si, ainda que esses adversários sejam membros do clero, inclusive bispos e cardeais. Longe de chamar seus alunos – como chama os que lhe acompanham – a fazerem denúncias contra bispos, Padre Paulo interpela

os seus a estudarem as fontes que ele indica e repassarem aquilo que aprenderam, espalhando, portanto, a “verdade”, numa espécie de projeto de formação de um *think-thank* católico-conservador.

Quadro 2 - Estratégias

Estratégias	Descrição
Argumentação fundamentada	Utilização de autoridades, documentos ou argumentos racionais para se fundamentar.
Autoafirmação/valorização	Enaltecimento próprio ou dos seus, geralmente se colocando no lugar de autoridade, seja como bastião da verdade, seja como mártir-profeta.
Blindagem	Álibi ou defesa prévia de potenciais acusações e pressões, sobretudo em relação à Igreja.
Construção do inimigo	Apresentação das estratégias e/ou do <i>modus operandi</i> do inimigo ¹⁰¹ . Também estão incluídas as personalizações da ameaça (seja numa pessoa, num governo, numa ideia etc.).
Desinformação	Utilização de informação falsa, falaciosa, incompleta e/ou fora de contexto com o propósito de enganar o interlocutor. Estão incluídas neste código a construção ou apresentação de fontes de informação de visões conspiratórias.
Desqualificação	Depreciação do adversário através, seja através da ridicularização, da apresentação argumentada de suas incapacidades ou associando-os a atores já conhecidos negativamente.
Interpelação	Chamado ao combate e à defesa do bem.
Medos e antagonismos	Apresentação de cenários caóticos e ameaçadores, absurdos e elementos revoltantes, motivações perversas do inimigo etc. com o intuito de provocar/alimentar medo e/ou raiva.
Pré-construído	Alusão a fontes ou fatos supostamente conhecidos, sem que se deixe claro quem são ou de onde vem essa informação.

Tendo feito as ressalvas acerca das estratégias, é importante descrevê-las com certa minúcia, em vista de deixar claro como funciona cada uma e o que especificamente está sendo levado em consideração nas codificações. No caso da “Argumentação fundamentada”, ao empregar esse código, não se está levando em consideração a plausibilidade do argumento ou se este está em acordo com o pensamento da fonte de autoridade citada para lhe fundamentar. Ou seja, o código se propõe a perceber os momentos em que referências, figuras e/ou documentos são evocadas para legitimar o argumento levantado pelo interlocutor, mesmo que essas fontes estejam tendo seu sentido deturpado. Essas fontes, frequentemente são figuras de autoridade amplamente reconhecidas no meio católico, de forma especial pelos conservadores, de forma que a alusão a elas

¹⁰¹ É importante lembrar que essa figura do “inimigo” pode ser uma pessoa, mas também uma ideia, um modelo de sociedade etc.

rejeite qualquer contestação. São alguns exemplos dessas referências católicas: os papas Bento XVI, João Paulo II, Pio XI e Leão XIII; ou documentos como a *Rerum Novarum*, a *Centesimus Annus* e mesmo o Catecismo da Igreja Católica. Estão também incluídos neste código os argumentos de contestação, comumente aliados à estratégia de “Blindagem”, nos quais o locutor apresenta o pensamento do outro, valorizando-o de alguma forma e admitindo ver razão para pensar dessa maneira, apenas para cortá-lo em seguida com o argumento melhor, mais completo e/ou mais à par da verdade.

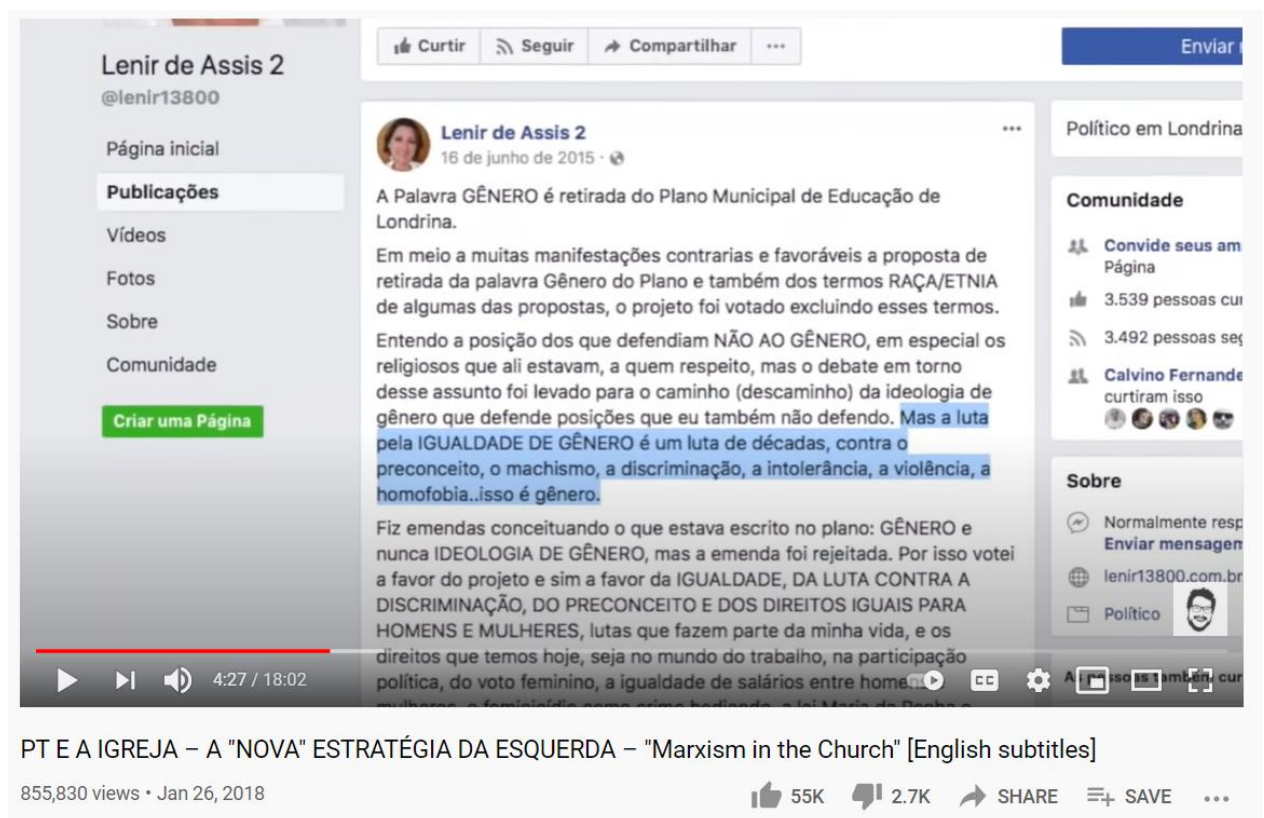
Aproveitando esse ponto recém-colocado, é relevante destacar que no código “Blindagem” está incluída essa compreensão do pensamento do outro. Essa estratégia, portanto, não se manifesta apenas como uma defesa explícita de si contra mal-entendidos que poderiam vir, ela também demonstra a capacidade dos agentes – sobretudo do padre, como destacado acima – de entender também os que lhe são diferentes. Um ponto interessante sobre esta estratégia é o fato de que ela já está respondendo a um outro. Ou seja, a blindagem pressupõe um outro que estaria dizendo o que o locutor está negando, ou que estaria acusando o locutor de pensar da forma que ele está deixando claro que não pensa. A “Autoafirmação/valorização”, por sua vez, aparece geralmente de duas formas: colocando-se ou colocando algum aliado diretamente no lugar de detentor da verdade, interessado no bem das pessoas; ou destacando a tentativa dos inimigos de calá-los, a fim de calar a propagação da verdade.

Um ponto relevante que ajuda a compreender sobretudo a última forma de manifestação da “Construção do inimigo” descrita no quadro acima é o fato de que geralmente, a mera presença desse inimigo já é justificativa para qualificar negativamente aquele/aquilo ao qual ele está relacionado. Ou seja, a presença de X já é suficiente para que se rejeite ou se tema aqueles com quem X está ou aquilo com que X se envolve.

No caso da “Desinformação”, é importante destacar, assim como feito acima com a “Interpelação” e a “Desqualificação”, a diferença no manejo dessa estratégia por parte de cada um dos agentes aqui estudados. No caso do padre Paulo, esse código aparece exclusivamente mobilizando narrativas conspiratórias, diagnósticos e previsões descoladas da realidade e/ou apresentando fontes de informação que propagam esse tipo de discurso. Bernardo Küster, por outro lado, além desses elementos presentes na atuação do padre, também faz uso de *fake news*. Há uma diferença. Küster não apenas traz leituras conspiratórias e irreais dos eventos ao redor do mundo e/ou na história, mas também cria e espalha notícias falsas, como quando acusou uma vereadora

de Londrina, sua cidade natal, de votar a favor da inclusão da *ideologia de gênero* no Plano Municipal de Educação da cidade, buscando desqualificá-la. É interessante perceber também que ao fazer a denúncia, Küster põe em seu vídeo a imagem de uma postagem da própria vereadora em seu Facebook como prova de sua acusação – ferramenta de edição bastante utilizada por ele –, ainda que nessa postagem, a política esteja dizendo justamente que não foi isso que ela fez, afirmando, ainda mais, que não defende as posições do debate acerca desse tema.

Figura 1 - Momento em que Küster faz postagem de vereadora como prova de sua acusação



Fonte: (KÜSTER, 2018a)

Sobre os “Medos e antagonismos”, além de apresentar cenários caóticos e ameaçadores para causar medo ou absurdos e elementos revoltantes para causar aversão/raiva, está inclusa neste código também a própria entonação raivosa ou de revolta ao falar sobre algo/alguém que se antagonize, também mobilizadas para gerar o mesmo sentimento em quem assiste aos vídeos.

Por fim, o Pré-construído é o estoque de informações que supostamente todos carregam consigo. Ou seja, é aquilo que se supõe que qualquer um saiba previamente. Esse pressuposto pode estar se dirigindo apenas àqueles que acompanham os agentes aqui estudados, isto é, aos seus. É o

pressuposto para os seus. São exemplos do pré-construído expressões como “disseram”, “conhecemos”, “sabemos bem” etc. O intuito é estabelecer um conhecimento dado-como-certo.

Tendo terminador de apresentar as estratégias encontradas nos vídeos, é importante fazer o mesmo com a categoria que se chamou de “valores e visões”, dentro da qual encontram-se 8 códigos, sendo eles: “*Contestação da hierarquia católica*”; “*Aversão à igualdade*”; “*Estudo/erudição*”; “*Ortodoxia católica*”; “*Religiosidade tradicionalista*”; “*Sexualidade e família tradicionais*”; “*Visão conspiratória*”; e “*Igreja na Política*”. Assim como foi feito com os códigos das categorias acima, estes foram elaborados e reelaborados de acordo com os achados. A maioria desses códigos evidencia de forma clara como os agentes interpretam e valorizam certos elementos. Com a presença do código “aversão à igualdade”, por exemplo, está claro de antemão que existe uma rejeição a discursos e mesmo a elementos que promovam e busquem uma igualdade entre as pessoas. No caso de “Igreja na Política”, porém, o código pretende destacar quando está sendo manifestada a visão desses agentes em relação à inserção e/ou relação entre Igreja e Política¹⁰², independentemente se se está defendendo uma separação radical ou uma união. Geralmente a concepção percebida é a de que a Igreja deve ser a referência cultural e moral para a sociedade, sem que, porém, os membros de sua hierarquia se envolvam diretamente com a política institucional. A Igreja Católica, assim, ensina e evangeliza a sociedade que fica, então, livre para funcionar dentro desses parâmetros estipulados pela Igreja.

A categoria de “Valores e Visões”, então, busca demonstrar aquilo que está implícita ou explicitamente presente na atuação desses agentes, isto é, aquilo que compõe seu imaginário. É preciso ter clareza da diferença entre os códigos desta categoria e os das supracitadas. Alguns deles terão semelhanças e ligações, inclusive em seus nomes. É possível perceber, por exemplo, “Sexualidade e família” enquanto tema e “Sexualidade e família tradicionais” enquanto valor. Como esclarecido anteriormente, a presença do primeiro, sendo seu propósito demarcar o tema de que se fala, não se está levando em consideração de que forma o agente se relaciona com esse tema ou como constrói um pensamento ao seu redor. Este é um passo posterior, possível a partir da codificação dos valores. De forma semelhante acontece com “Visão conspiratória”, por exemplo. Enquanto as estratégias, fazendo uso do código “Desinformação” vão apresentar a utilização de narrativas conspiratórias ou fontes alternativas como recursos retóricos para produzir e propagar

¹⁰² Política, aqui, tanto no sentido mais comum, de política institucional, como no sentido mais amplo, isto é, do social como um todo.

certos sentidos, o código “Visão conspiratória” atesta à presença desses sentidos no imaginário dos agentes estudados, lançando luz sobre como esses valores se situam no discurso deles.

Se as *estratégias* dão conta de perceber como o falante quer convencer quem os ouve de algo e para quê ele se utiliza de certas artimanhas retóricas, os *valores* demonstram aquilo de que ele está convencido ou aquilo de que se quer convencer. Olhando por outro ângulo, pode-se dizer que as estratégias dão conta de demonstrar as lógicas fantasmáticas, apontando a dimensão de como se constrói a pegada¹⁰³ do discurso; que os valores demonstram as lógicas sociais, identificando aquilo que está estabilizado e normatizado dentro do discurso; enquanto a articulação das duas e o exercício de situá-las no contexto em que se encontram, vinculando-as com outros atores, permite perceber as lógicas políticas presentes no discurso, evidenciando, portanto, a forma com que esse discurso é (re)ativado, transformado, (re)negociado, contestado etc.

É importante, antes de prosseguir com a definição dos códigos citados acima, deixar claro que não há como verdadeiramente separar as lógicas de forma categórica, relacionando-as exclusivamente com esta ou aquela categoria de análise criada aqui, nem muito menos com um ou outro objetivo específico. Como lembra Glynos em entrevista recente, “ainda que tenhamos uma ideia relativamente clara sobre o que é a lógica social, a lógica política ou a lógica fantasmática, inevitavelmente haverá manifestações muito particulares no mundo real e concreto” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 19)¹⁰⁴. Como já visto no capítulo anterior, essas lógicas muitas vezes se manifestam de forma intrincada e interdependente. No parágrafo anterior, elas foram trazidas e postas em relação com as categorias de codificação propostas aqui de forma algo simplória, com o único intuito de clarear suas diferenças pelo uso da comparação.

Seguindo com a definição dos valores e visões encontrados, o primeiro a destacar é a “Contestação à hierarquia católica”. Pelo que foi visto acima, com a estratégia de blindagem, isto é, seu uso quase exclusivamente por parte do padre Paulo, sobretudo em assuntos de Igreja, e também pelo que foi dito em relação à forma com que Küster faz uso da estratégia de interpelação, pode-se antecipar de que forma e em que casos a contestação da hierarquia é um valor. Aparecendo exclusivamente nos vídeos de Bernardo Küster, e apenas naqueles em que ele fala sobre a Igreja, a contestação à hierarquia católica é um dos valores que, quantitativamente, menos aparece, mas é bastante relevante. Esse código é, de fato, um exemplo de como a quantificação não é central para

¹⁰³ No sentido de fisgo, *grip*.

¹⁰⁴ “Although we may have a relatively clear idea about what a social logic, political logic, or fantasmatic logic is, these will inevitably have a very particular instantiations in the concrete, real world”.

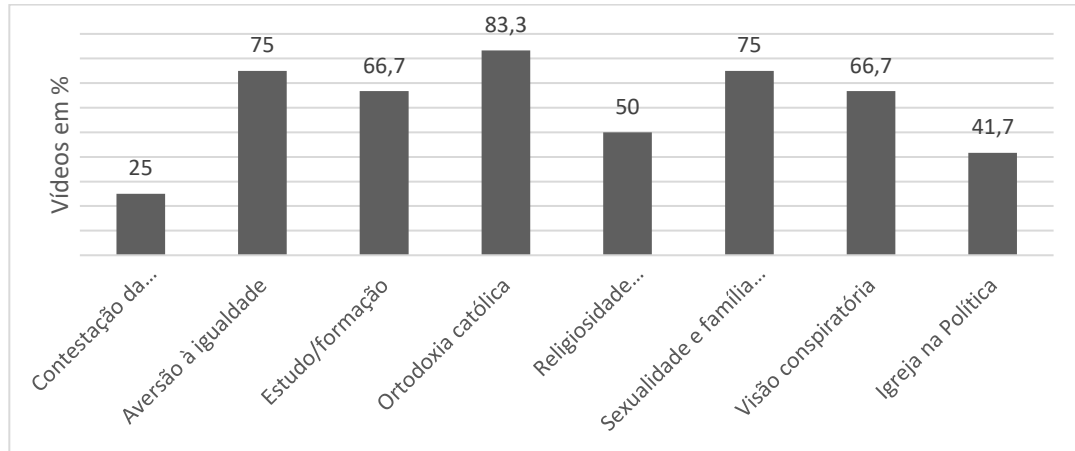
a explicação de um fenômeno discursivo. Sua presença, ao contrário, ocupa um lugar central na atuação de Bernardo Küster ao ativar seu lugar de católico: é o que aparece com mais intensidade quando Küster fala sobre a Igreja Católica. O código demarca a naturalização da atitude de contestar lugares de autoridade católica tradicionalmente estabelecidos.

Adiantando um pouco da descrição dos agentes que virá adiante, Bernardo tem valores e elementos políticos atravessando todos os seus vídeos. Aquilo que está ameaçado, as forças a temer, as estratégias e motivações do outro, ou mesmo a resposta que o “nós” deve dar, tudo parte de ou chega ao porto da política. É atravessado por ela. Ao falar propriamente sobre política, porém, raramente se faz alusão à Igreja ou a elementos católicos. Com o padre Paulo dá-se o contrário: ainda que o tema seja estritamente político, suas referências, seus argumentos ou mesmo aquilo que o motiva partem do mundo intraeclesial. Elucidar esse ponto é importante para esclarecer ainda melhor a aparição contida, em termos quantitativos, do código de contestação à hierarquia católica. Ou seja: não só este código não aparece nos vídeos do padre, como não aparece em todos os vídeos de Küster. Se se faz um levantamento de em quantos vídeos, dentro do *corpus* construído, esse código aparece, o resultado será de apenas 25%, visto que metade do *corpus* é composto de vídeos de padre Paulo Ricardo, e a outra metade, de Küster, é dividida também em duas partes: uma, que trata de temas exclusivamente políticos e outra, que trata da Igreja, geralmente envolvendo elementos políticos também. Ainda assim, um ponto chama a atenção: sempre que fala sobre a Igreja, no *corpus* construído aqui, Bernardo manifesta afrontas diretas a figuras de autoridade eclesial, como bispos e cardeais.

Antes de seguir com a definição dos códigos de análise, é importante destacar que o fato de que o padre não parece valorizar uma contestação à hierarquia católica, não significa que ele não tenha críticas e posicionamentos claros, opondo-se, de alguma forma, aos membros do clero. A forma com que ele se coloca, porém, busca blindá-lo da acusação de que ele manifestaria essa contestação, além de não autorizar – muito menos explicitamente – que os leigos que o assistem façam o mesmo. A ressalva do padre, e a forma cautelosa com que ele tece críticas a membros da hierarquia se deve provavelmente a seu lugar de ministro ordenado, que apesar de lhe conferir certa autoridade entre os leigos, também lhe prescreve consequências mais tangíveis e lhe impõe mecanismos mais concretos e eficazes de controle legitimados pelo Código de Direito Canônico. Recorrentemente, ao falar de grupos específicos da Igreja Católica, como a CNBB, o padre vai

lançar mão de mecanismos retóricos para contornar críticas que ele mesmo havia feito quando se falava de um adversário genérico.

Gráfico 1 - Códigos de Valores e Visões em % de vídeos do corpus



Fonte: O autor (2021)

A mesma ressalva sobre a quantificação pode ser feita em relação aos códigos “Igreja na Política” e “Religiosidade tradicionalista” visto que, uma vez que Küster não fala sobre a Igreja nos vídeos em que trata de temas políticos, esses códigos não aparecem em metade da sua produção analisada aqui, fazendo com que a frequência com que aparecem, no total de vídeos, caia. Esses três códigos – os dois destacados neste parágrafo, e o do parágrafo anterior –, porém, são de extrema relevância para esta pesquisa, visto que eles evidenciam, a partir dos dois casos estudados aqui, a forma como o religioso e o político da identidade conservadora católica se manifestam e se articulam.

O código “Igreja na Política”, como dito acima, pode variar na forma com que aparece. No caso da “Religiosidade tradicionalista”, porém, o código aponta a presença de uma noção de religião ritualista, puramente sacramental/celebrativa e/ou desprovida de desdobramentos sociais. Nesta, estão inclusas atribuições de causalidades transcendentais e espirituais para realidades corriqueiras e/ou práticas, além de uma noção essencialista da realidade, isto é, da compreensão de que os bons são essencialmente bons, e “eles” são essencialmente maus, perversos.

Há, porém, uma única exceção em relação aos valores relacionados à Igreja Católica e sua ausência nos vídeos de Küster que não falam sobre a Igreja: a “Ortodoxia católica”. Este é o elemento que mais aparece dentre os códigos de valores e visões. Definido como a exaltação,

valorização, defesa ou alusão a um ideal de fidelidade à doutrina da Igreja, seja esta doutrina teológica ou social, assim como a um tempo passado/idealizado da história da Igreja. Um dos pontos centrais da atuação de Padre Paulo, esse é o único dos valores relacionados ao catolicismo que aparecem em um vídeo de Küster que, a princípio, não teria relação com esse tema. Mais especificamente, este código aparece no vídeo em que Bernardo desmente 10 supostos boatos sobre Olavo de Carvalho, dentre os quais estaria o fato de que Olavo teria negado as atrocidades da Inquisição. A partir disso, então, Küster introduz um tema católico a esse vídeo, defendendo esse período da história da Igreja que, segundo ele, produziu “maravilhas [...] por exemplo, para o Direito: o direito ao contraditório, direito a ampla defesa, a presunção da inocência, e tantas outras coisas” (KÜSTER, 2019a). Como será visto de forma ainda mais clara no capítulo seguinte, esta fala ilustra a defesa a um tempo passado e idealizado da história da Igreja Católica.

Ainda sobre estes códigos relacionados à Igreja, é importante destacar que não se está fazendo qualquer juízo de valor acerca dos mesmos. O que está em jogo aqui é perceber como compreendem a realidade e quais são os elementos relevantes para o discurso conservador católico na internet, a partir da percepção do mesmo na produção midiática de Bernardo Küster e padre Paulo Ricardo. Não importa, aqui, entrar no mérito de se esses valores são estimulados pela própria Igreja ou não. Busca-se apenas compreendê-los, tomando-se as distâncias necessárias para isso. Pôr seus valores e suas visões de catolicismo em contato com o discurso católico oficial é um outro esforço analítico, que não cabe neste momento. Ainda que assim o seja, a presença do código de ortodoxia católica também não atesta a legitimidade do que está sendo dito em relação ao discurso oficial da Igreja em seus documentos, ou mesmo ao daqueles que são citados na fala de Küster e do padre. Ou seja, codificar um enunciado como revelador de certa ortodoxia católica, não significa, necessariamente, que o que é apresentado como ortodoxia e fidelidade à doutrina católica pelos agentes estudados seja, de fato, ortodoxia e fidelidade. Por vezes, alguns enunciados podem fazer referência e comunicar este valor, mas de forma descontextualizada, falaciosa ou manipulativa.

Seguindo para os códigos que não necessariamente têm a ver com o catolicismo, um dos que mais aparecem nos vídeos refere-se à visão de “Sexualidade e família tradicionais”. Neste código, revela-se a concepção do discurso conservador católico na internet referente a tudo que fizer parte do âmbito sexual e familiar, desde direitos reprodutivos, questões comportamentais, como machismo e patriarcalismo, a questões de gênero e orientação sexual etc. Como visto em

capítulos anteriores, essas questões são bastante trabalhadas atualmente nas ciências sociais. Ainda que este trabalho não se proponha a problematizar os fenômenos envolvidos e implicados por essa visão tradicional em relação a essas temáticas, não há como não destacar esse elemento, uma vez que ele aparece de forma central nos valores revelados por esse discurso. Inclusive, como será visto adiante, a proteção da família, e desse modelo específico de família, é o ponto no qual se gasta mais energia por parte dos atores desse discurso.

Outro ponto que parece ter um lugar importante para esse discurso é a aversão à igualdade. Ela se manifesta rejeitando toda e qualquer expressão de movimentos sociais, lutas por direitos democráticos, busca por uma sociedade menos desigual etc. Um movimento social não requer explicação sobre por quê é ruim. Ele já o é e é plenamente. Neste código, está incluso o neoliberalismo. Este elemento foi demonstrando mais e mais relevância ao longo da análise, uma vez que demonstra ocupar um papel de maior importância para os agentes estudados até mesmo do que a Igreja Católica, visto que, diante de um impasse, não são os liberais que estão errados numa contradição com os católicos, mas estes últimos são, no mínimo, mal-informados e, por isso, estariam se opondo àqueles. O neoliberalismo, aqui, é entendido e identificado como mais do que um sistema econômico, sendo também uma forma de compreender a realidade e as pessoas. Para a lógica neoliberal, a sociedade é uma grande competição, dividida entre os vencedores e perdedores, sendo aqueles atrasados e atrapalhados pela existência destes. Ou seja, o neoliberalismo é parte constituinte ou, talvez, o elemento motivador dessa aversão à igualdade – junto com certa visão essencialista e holística de sociedade herdada da Igreja Católica de alguns séculos atrás, que enfatizada uma “organicidade, na hierarquia e no todo harmônico onde cada um estava assignado seu lugar na terra [...] para que se pudesse, assim, conquistar o céu” (PAIVA, 2010, p. 63).

No caso do código “Estudo/erudição”, percebe-se uma valorização de uma cultura argumentativa a partir de fontes e estudos, de busca pela verdade através dos estudos, da leitura e do acompanhamento de canais e pensadores comprometidos com ela. Aqui está inclusa a valorização de elementos eruditos da cultura, assim como de línguas clássicas. Mais uma vez, Küster e padre Paulo manifestarão esse valor de maneiras diferentes. A valorização do estudo em si, e, sobretudo, da argumentação é mais relevante na atuação do padre. Além disso, padre Paulo também faz uso de mais elementos clássicos e de cultura erudita, como música e pinturas clássicas antes de começar seus programas ao vivo, assim como seus cenários imponentes, com direito a grandes poltronas de couro, móveis em madeira e grandes bibliotecas, por exemplo. Os cenários

dos vídeos de padre Paulo têm uma relevância específica principalmente nos mais recentes, uma vez que são criados digitalmente com auxílio de tecnologia *chroma-key*.

Figura 2 - Cenário do Padre Paulo Ricardo em enquadramento alternativo (criado digitalmente)



Fonte: (RICARDO, 2019)

Isso não significa dizer, porém, que Küster também não apresente a erudição como um valor almejado. Bernardo não manifesta isso estimulando os que lhe assistem a estudar, interpelando-os para o combate contra os inimigos no campo das ideias e tratando sua produção midiática como uma aula, como é o caso do padre Paulo. Ainda que assim o seja, Küster, tal como o padre, valoriza bibliotecas cheias, palavras rebuscadas ou em língua estrangeira e vestimentas tradicionais, como colete e camisas sociais. É interessante, inclusive, destacar esse ponto referente às palavras em língua estrangeira. Tanto para Küster como para padre Paulo Ricardo, palavras em latim, grego ou mesmo em francês dão, por si só, um peso ao argumento ou explicação em questão. Um exemplo disso é quando o padre, em um de seus vídeos, faz questão de citar uma frase de Santo

Agostinho em latim, todas as vezes que se refere a ela (RICARDO, 2019). Logo no início desse vídeo, quando vai citar essa frase pela primeira vez, padre Paulo diz:

e Santo Agostinho diz o seguinte – vou ler aqui, na minha cópia, porque está impresso também aqui em latim. Ele diz, Santo Agostinho diz – é o livro quarto, capítulo 4, da Cidade de Deus: “afastada a justiça, o que são, na verdade, os reinos, se não grandes quadrilhas de ladrões? *Remota itaque iustitia quid sunt regna nisi magna latrocinia?*” (RICARDO, 2019).

Quadro 3 - Valores

Valores	Descrição
Contestação da hierarquia católica	Naturalização da atitude de contestar lugares de autoridade católica tradicionalmente estabelecidos.
Aversão à igualdade	Rejeição de toda e qualquer expressão de movimento sociais, lutas por direitos democráticos, busca por uma sociedade menos desigual etc. Está inclusa a lógica neoliberal.
Estudo/erudição	Valorização de cultura argumentativa, de busca pela verdade através dos estudos e/ou da leitura de pensadores comprometidos com a verdade etc. Está inclusa a valorização de elementos da cultura erudita, assim como de línguas estrangeiras.
Ortodoxia católica	Exaltação, valorização, defesa ou alusão a um ideal de fidelidade à doutrina da Igreja, assim como a um tempo passado/idealizado de sua história.
Religiosidade tradicionalista	Noção de religião ritualista, exclusivamente sacramental e/ou desprovida de desdobramentos sociais. Estão inclusas atribuições de causalidades transcendentais para realidades corriqueiras e a noção essencialista da realidade
Sexualidade e família tradicionais	Concepção tradicional de tudo que fizer parte do âmbito sexual e familiar.
Visão conspiratória	Atesta à presença de sentidos conspiratórios e fantasiosos no imaginário dos agentes estudados, lançando luz sobre como esses valores se situam no discurso deles.
Igreja na Política	Manifestação da visão dos agentes em relação à inserção e/ou relação entre Igreja e Política, independentemente se se está defendendo uma separação radical ou uma união entre ambas.

Tendo acabado de descrever os códigos de análise que deram suporte à execução deste trabalho, cabe agora descrever brevemente e geralmente a atuação midiática de padre Paulo Ricardo e de Bernardo Küster, apontando os elementos que se sobressaem na produção de ambos, além de elucidar os pontos em que eles mais se assemelham e mais se distanciam um do outro. Os achados principais e mais relevantes serão mais aprofundados no capítulo seguinte.

4.3 RECONHECENDO O TERRENO: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E PONTOS CENTRAIS

Uma vez que não é possível, e nem se pretende, esgotar por completo a produção midiática dos agentes trabalhados nesta pesquisa, uma explanação da mesma em linhas gerais se faz suficiente, sobretudo nesta etapa do trabalho. O foco central é analisar o discurso do qual esses agentes são casos representativos, buscando principalmente perceber como esse discurso é construído. Também diante disso, um rápido sobrevoo sobre o *corpus* como um todo é suficiente, visto que a questão central para alcançar o objetivo não é espremer o material até que pingue a última gota, mas perceber como o discurso é armado, o que lhe faz funcionar, como e com quem se articula etc. Inclusive, é importante destacar que diante do próprio pressuposto teórico-analítico sobre o qual este trabalho é construído, de uma concepção do social como instância precária, sempre contingente e historicamente situada, em constante transformação, põe a impossibilidade de se perceber “tudo que está ali”, isto é, no fenômeno estudado. Definitivamente não é assim nas ciências sociais.

Essa ressalva é importante para que se deixe claro que neste fim de capítulo não se buscará dar conta de todos os elementos presentes no *corpus* primário da pesquisa, mas apenas apresentá-los em linhas gerais para que, em seguida, no quarto capítulo, se possa trabalhar o objeto discursivo que permitirá alcançar os objetivos propostos¹⁰⁵. Mais uma vez: o foco não é a produção midiática desses agentes, mas aquilo que está por trás, que está por dentro e que sai para fora dessas produções: o discurso conservador católico na internet, um dos vários responsáveis pela transformação conjuntural testemunhada recentemente no Brasil.

Tendo posto isso, um primeiro passo para sobrevoar o terreno no qual se está propondo a construção desta pesquisa é a elucidação daquilo que é comum entre a atuação de ambos, revelando, de alguma forma, aquilo que é central ou inegociável no discurso compartilhado por eles. Ou seja, ao demonstrar as semelhanças entre os agentes, sobretudo quando bastante diferentes, como neste caso, perceber as exigências do discurso. É evidente que nem todo elemento compartilhado por ambos compõe essas exigências. Ao contrário, estas estão naquilo que é central para ambos, que ocupa um lugar de certa legitimidade inquestionável ou de pilar de sustentação.

¹⁰⁵ Os pontos apresentados no decorrer desta seção terão como propósito montar um cenário amplo e descritivo, apontando o que aparece com mais força na atuação de Bernardo Küster e padre Paulo Ricardo. Porém, apenas no capítulo seguinte será demonstrada a forma com que esses pontos são construídos retórica e discursivamente.

O primeiro e talvez mais importante ponto nesse lugar é a *defesa ferrenha da família e da sexualidade tradicionais* – ou seja, dos papéis de gênero; da orientação sexual; das práticas reprodutivas e contraceptivas; e do modelo de família tradicionais na sociedade ocidental. Ainda que este ponto seja central para ambos e pareça ocupar um lugar inegociável no discurso conservador católico, ele se manifesta diferentemente em Padre Paulo e em Bernardo Küster. Enquanto padre Paulo constrói uma argumentação que justifica a importância central da família para a sustentação da vida social sadia e que explica o motivo pelo qual ela seria o alvo principal dos “revolucionários”, inimigos do bem, Küster não se dá o trabalho de apresentar qualquer justificativa. Ao contrário, Bernardo cita as ameaças contra a moral sexual, familiar e reprodutiva apenas para ratificar as consequências caóticas que viriam caso os inimigos *esquerdistas* tenham sucesso em suas estratégias. Ou seja, Küster não gasta tempo com esse tema porque parte do pressuposto de que já é sabido que a moralidade tradicional em relação a esses valores está em ameaça e deve ser protegida. Em outras palavras, ele não se debruça sobre isso porque não precisa, essa defesa – que supõe um ataque – já é um elemento dado-como-certo, que mal se precisa lembrar.

Somado a esse ponto, e profundamente intrincado com ele, está a construção do inimigo ao qual se chama de *comunistas, socialistas, esquerdistas, marxistas, revolucionários* etc., sendo o primeiro mais comum e, daí, surgindo a comum classificação de agentes do discurso conservador como anticomunistas. É interessante perceber que, retoricamente, a aversão ao comunismo não se daria a princípio e sobretudo por questões econômicas. O inimigo é construído como uma figura cruel, de intenções maléficas, projetos criminosos e mentalidade doentia. O problema do comunismo a princípio estaria em sua falsidade propagandística e maquiavélica, características que lhe seriam intrínsecas e essenciais, como pode ser percebido na fala de padre Paulo Ricardo, quando diz que

o comunismo chegou ao mundo, a propaganda estava lá: “estamos aqui para fazer o bem aos pobres!”. Quando cai o regime comunista, aí se vê o cadáver. [...] Subiram ao poder na base da propaganda que iam fazer o bem aos pobres, mas só fizeram bem a si mesmos. [...] Então, gente, é evidente que tem alguma coisa de profundamente errado no comunismo. A primeira coisa que está errado é que eles são muito bons de propaganda, [e] muito ruins em realizar o que estão prometendo (RICARDO, 2018a).

Isso não significa que, caso os regimes comunistas tivessem sido capazes de realizar o que prometeram, nas palavras do padre, ele seria aceito e celebrado por esses agentes. Não há espaço no discurso conservador católico para o acolhimento de qualquer elemento que esteja relacionado

àquilo que se compreende como comunista, socialista ou de esquerda. Este é um ponto comum, central e agregador de diferentes recortes conservadores encontrados nas redes sociais digitais no Brasil, como atesta Lerner (2019) ao dizer que “o anticomunismo é um dos traços mais marcantes do discurso conservador brasileiro no Facebook” (LERNER, 2019, p. 232). Somando-se às vazias promessas propagandísticas e interesseiras dos comunistas, estão também os documentos da Doutrina Social da Igreja que condenam o comunismo e todo o conhecimento pré-construído de que eles são contra a ordem natural – cristã, patriarcal e neoliberal – das coisas, ou seja, em profunda oposição à verdade.

A verdade, por sua vez, é outro elemento central na atuação de ambos. Junto com a família, a defesa da verdade é um imperativo. Ela, porém, não deve ser entendida como uma verdade religiosa, revelada por Deus ou contida na Igreja. Estes pontos podem, sim, vir à tona, mas a verdade de que falam Küster e padre Paulo é uma verdade acerca da conjuntura política e dos mecanismos da história. Para ambos, existe uma tentativa constante dos inimigos de calar ou falsear a verdade, e isto acontece sobretudo a partir de dois lugares: as universidades e as mídias tradicionais, não à toa, inimigos recorrentemente criticados por Olavo de Carvalho. O autodenominado filósofo, celebrado pelos apoiadores do atual governo, é a grande referência intelectual de Bernardo e do padre. Ao longo de seus vídeos, ambos deixam transparecer uma profunda rejeição às instituições de ensino de forma geral – inclusive escolas, mas com maior ênfase nas universidades – e à Grande Mídia, supostamente responsáveis por disseminar ideologias falsas à serviço dos revolucionários comunistas e da elite globalista¹⁰⁶.

A influência desses grupos, porém, principalmente dos comunistas, não se limita à doutrinação marxista nas escolas e universidades nem na tentativa de calar os verdadeiramente compromissados com o bem da sociedade nas mídias. Existe uma ameaça que divide, junto com a tentativa de fazer ruir os tradicionais modelo de família e costumes sexuais/reprodutivos, o centro das preocupações dos conservadores católicos: a implosão da Igreja Católica através de seu desvirtuamento. Para o discurso conservador católico na internet, assim como nas instituições de ensino e de produção midiática tradicionais, os comunistas estão infiltrados na Igreja Católica com

¹⁰⁶ Ainda que com notavelmente menos importância do que o comunismo, o globalismo aparece como um dos inimigos dos conservadores. Segundo Rosa (2019), o termo globalistas foi apresentado por Pat Robertson em seu livro *The New World Order* (1991 apud ROSA, 2019), e se refere ao grupo de “organizações internacionais que estariam buscando eliminar os princípios norteadores de certa configuração societal ocidentária” (ROSA, 2019, p. 46). Sua presença é citada por Küster e por padre Paulo apenas de forma tangencial, como aliados momentâneos dos revolucionários comunistas/socialistas/marxistas/esquerdistas.

o claro propósito de dessacralizar a liturgia e desviar a teologia, confundindo e fisingando o povo para as ideologias marxistas.

Esse esforço revolucionário intraeclesial tem seu início atribuído à atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Teologia da Libertação. Isso não significa, porém, que os supostos marxistas infiltrados na Igreja sejam, de fato, adeptos da Teologia da Libertação ou membros das CEBs. Assim como acontece na política, os católicos que divergem do discurso conservador desses agentes, necessariamente são compreendidos como parte desse grupo de hereges, seja por compactuar com os projetos de destruição da Igreja, seja por não terem tido contato com formadores verdadeiramente comprometidos com a Tradição da Igreja – neste caso, entendida a partir de um recorte histórico-ecclesiológico específico: a Igreja da Contrarreforma.

A concepção de Igreja para o discurso conservador católico na internet embasada em uma exacerbada valorização de elementos próprios da catolicidade pós-Trento e, sobretudo, do Concílio Vaticano I, como a romanização, a ênfase na hierarquia ministerial, o ultramontanismo e, sobretudo, a oposição à modernidade. Não se trata de uma tentativa de volta à Idade Média, mas, sim, a defesa de um modelo de Igreja que deve – ainda que separada da Estado – ser modelo “de uma íntegra organização social para as sociedades modernas” (KEHL, 1997, p. 317). Elaborada em um contexto histórico no qual a Igreja sofria perdas inéditas, disputando sua legitimidade com as igrejas reformadas e as instituições modernas, o Concílio Vaticano I dá início a uma compreensão da Igreja Católica como *societas perfecta*¹⁰⁷, buscando restaurar sua hegemonia, garantir “estabilidade, segurança, proteção e clareza no meio das grandes convulsões sociais do século XIX” (KEHL, 1997, p. 317), com forte ênfase na autoridade e na hierarquia, além de uma postura apologética contra as novidades modernistas. Ironicamente, como será visto no próximo capítulo, a compreensão da Igreja a partir deste modelo ecclesiológico é altamente negociada pelos agentes do conservadorismo católico na internet quando lhes convém, sobretudo no caso de Bernardo Küster que, com frequência, ataca os membros da hierarquia católica em defesa de um ideal de igreja no qual a hierarquia e a autoridade são inquestionáveis.

¹⁰⁷ Sociedade perfeita, em tradução livre. Essa expressão está presente ao longo da história da teologia católica e teve seu sentido transformado junto com os contextos históricos pelos quais passou. Nessa época, a autocompreensão da Igreja como sociedade perfeita ganha ênfase especial diante das transformações modernas, e adota um sentido literal e sociológico, ou seja, a *societas perfecta* não é a Igreja mística, enquanto realidade sacramental do Corpo de Cristo, mas a Igreja Católica inserida na história, isto é, a instituição e seus membros concretos compõem essa sociedade perfeita.

É a partir dos elementos supracitados que se entende a forma com que Küster e padre Paulo compreendem a relação entre Igreja e Política. Não existe um desejo de (re)unir essas esferas. Ao contrário, elas devem estar radical e assepticamente separadas, mas numa via de mão única: a Igreja não deve incorporar lutas políticas, pautas sociais e nem mesmo costumes e valores do mundo moderno, mas, por outro lado, a sociedade como um todo deve ter a Igreja Católica como referencial comportamental e político. Em outras palavras, a sociedade moderna deve incorporar e pôr no centro aquilo que é católico, mas a Igreja Católica não deve incorporar aquilo que é moderno, visto que isso lhe desvirtuaria.

É diante dessa compreensão que o discurso conservador católico se vê impelido e impele outros a agirem. A ação é um imperativo, pois esse cenário ideal e inegociável, que constitui a relação entre a Igreja Católica e o mundo político não só não se realizou ainda como caminha em direção oposta: há uma politização da fé e uma secularização da esfera pública. Contra esta percepção, Küster e padre Paulo interpelam aqueles que lhe acompanham a agir, cada um de uma forma. Enquanto padre Paulo Ricardo estimula os seus a estudar as fontes que ele indica, a se informar a partir de canais de informação verdadeiramente interessados com a verdade e a libertar cada vez mais pessoas da cegueira, a partir da argumentação e testemunho da verdade que encontraram por essas vias, Bernardo Küster não se preocupa em formar um grupo de pessoas que pensem a realidade. Ele mesmo apresenta o diagnóstico e aponta o plano de ação, que geralmente consiste em se opor ao inimigo pelas vias do enfrentamento simbólico ou material.

Em linhas gerais, os elementos apresentados acima revelam os pontos principais do discurso conservador católico na internet encontrados em ambos os casos propostos neste trabalho, já apontando previamente, inclusive, onde esses elementos são rígidos e onde conferem liberdade aos atores discursivos, que os elaboram de formas distintas, a partir de estratégias retóricas diferentes. No capítulo a seguir, esses pontos centrais para o discurso aqui estudado serão elaborados e aprofundados a partir do objeto discursivo construído após esses primeiros achados.

5 O DISCURSO CONSERVADOR CATÓLICO NA INTERNET: FUNCIONAMENTO E CONSTITUIÇÃO

5.1 ADVERSÁRIO NO CENTRO: DESQUALIFICAÇÃO, INFILTRAÇÃO E DISTANCIAMENTO RADICAL

Adentrando o ponto central desta pesquisa acerca do discurso conservador católico na internet na história recente do Brasil, procurando perceber como ele é e foi (trans)formado, se articulando e se interpelando pelo contexto (inter)nacional, católico ou não, é possível destacar alguns pontos que parecem centrais para esse processo, como a constituição da própria identidade a partir da aversão ao outro, o gozo em desqualificar, constranger ou mesmo atacar esse outro e a ontologia essencialista que torna possível esses dois pontos anteriores. Evidentemente, como será visto ao decorrer deste capítulo, esses pontos são negociados e articulados inclusive intradiscursivamente – se é que, fora do debate estritamente teórico, se possa fazer a diferenciação radical entre o que estaria dentro ou fora de dada formação discursiva, como visto na seção 3.1 deste trabalho –, evidenciando deslizos, contradições, ambiguidades, falhas na tentativa de fixar sentidos presentes no discurso e, ao mesmo tempo, os elementos que o tornam possíveis, inteligíveis, passíveis de adesão etc.

Seguindo a ordem apresentada acima, um primeiro ponto a destacar em relação ao que foi encontrado nos casos estudados aqui é o papel fundamental da rejeição do outro para a constituição da identidade conservadora. É evidente que todo discurso se constitui, sempre, em relação com outros, presentes num mesmo universo discursivo, e que, se se olha especificamente para a natureza do pensamento conservador, se percebe, como afirmou Lerner (2019), que ele é necessariamente um movimento de resposta, de combate a transformações sociais ou em defesa de um ideal de sociedade ameaçado. Em suas palavras, “o conservadorismo não surge como uma teorização de novos ideais ou de ideais antigos em nova roupagem mais adequada, mas como uma estratégia de combate a adversários políticos em uma luta real por poder político” (LERNER, 2019, p. 53). Esses pontos já foram trabalhados ao longo deste trabalho, inclusive como pressupostos analíticos, ou seja, está claro que eles não são características exclusivas do discurso conservador, e sim pressupostos da ontologia social.

Ainda assim, não se pode relevar *como* o exterior constitutivo de dada identidade é trabalhado por ela, ou seja, como a identidade expurga, ignora, ataca deliberada e abertamente ou não uma determinada outra identidade, com seus valores, práticas etc. No caso deste trabalho, a identidade conservadora católica na internet, observada na produção midiática de padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster, apresenta o outro de formas diferentes, por vezes até com nomes diferentes – ainda que retoricamente sejam tratados como pertencentes de um mesmo e indistinto grupo antagônico, como evidenciado por Lerner (2019) e supracitado. Mais do que as acusações feitas pelo padre e por Küster, o nome escolhido para designar o adversário, o conteúdo ou a intenção desses agentes, é importante perceber como o outro é apresentado, o espaço que ocupa no discurso conservador católico na internet e como este é transformado a partir do posicionamento de seus adversários. Afinal, como coloca Maingueneau (1997), “em um discurso não é tanto a palavra que importa, mas a maneira como é explorada” (MAINGUENEAU, 1997, p. 124).

Um primeiro exemplo que permite perceber os processos de significação do discurso conservador católico na internet, evidenciados a partir da apresentação do outro, é a apresentação que Bernardo Küster faz do então novo bispo de Londrina/PR, sua cidade, Dom Geremias Steinmetz:

Ah, mas *rufem os tambores* porque há outra... um *outro feito no currículo dele*: quando eu estive aqui no... em um dos eventos aqui que o bispo esteve presente, ele confessou de boca própria, *é réu confesso*, de que ele foi assistente do Frei Betto. [...] Para quem não sabe, [o Frei Betto] é um amigo do Lula mesmo, um verdadeiro *esquerdista dentro da Igreja*. E ele inclusive passou autoridade às palavras do Frei Betto, mas isso eu vou comentar daqui a pouco. [...] *Frei Betto para quem não sabe, assim, pô, a Teologia da Libertação que é o braço da esquerda dentro da Igreja, é o nome desta pessoa* (KÜSTER, 2018a, grifos nossos).

Nesse trecho acima, alguns pontos ser destacados para evidenciar a forma com que o outro é construído por Küster, em ordem de aparição: a ironia, os pressupostos de incompatibilidade entre esquerda e Igreja Católica e de ligação entre esquerda e criminalidade, e a apresentação nominal do outro como forma de estabelecer referências de distância e aproximação ou diferenças e equivalências, que serão – e são constantemente – mobilizadas para construir sentido “dentro” do discurso. Começando por este último ponto, Küster faz uso do recurso da associação para situar tanto os atores específicos de quem fala explicitamente como a si e aos seus, ou seja, aos outros pertencentes à identidade conservadora católica da qual ele é um representante. Ao fazer isso, Küster deixa transparecer, antes de tudo, outros pressupostos de seu discurso, isto é, a percepção da Teologia da Libertação como algo negativo. O bispo, então, é desqualificado simplesmente por

ter alguma relação com Frei Betto que, por sua vez, é desqualificado por ser de esquerda, ligado à Teologia da Libertação e ao ex-presidente Lula. Não se gasta tempo explicando o que faz desses atores más referências. Já é sabido, já é pressuposto: esquerda, Teologia da Libertação, Lula, Frei Betto etc., tudo isso dispensa explicações, é mau, é abominável.

Ao apresentar esse outro e sua cadeia de elementos negativos, Küster não está simplesmente nomeando um adversário, mas está situando sua própria posição no campo discursivo e produzindo sentido sobre si. Como coloca Maingueneau (1997), “cada uma das formações discursivas do espaço discursivo só pode traduzir como ‘negativas’, inaceitáveis, as unidades de sentido construídas por seu Outro, pois *é através desta rejeição que cada uma define sua identidade*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 122, grifo nosso). Ou seja, falar do outro é falar de si, é se posicionar, se situar em relação a esse outro apresentado. E este ponto é fundamental para a compreensão do discurso estudado aqui. Para deixar clara a forma com que o sentido é produzido pelo discurso conservador católico na internet¹⁰⁸ a partir da apresentação do simulacro que constrói do outro, o exemplo trazido por Maingueneau (1997) da oposição entre o humanismo devoto e o jansenismo mostra-se bastante oportuno:

Lá onde o humanismo devoto propunha um cristão inscrito em grupos, ele [o jansenismo] propõe uma consciência solitária; onde havia uma gradação positiva entre a natureza e o cristianismo, ele introduz uma separação para opor natureza e sobrenatureza [...] isto implica que o cristão do humanismo devoto será traduzido pelo jansenismo como uma mistura de dois registros onde apenas a oposição é considerada válida (MAINGUENEAU, 1997, p. 121).

A partir dessa percepção, portanto, é possível encontrar um primeiro elemento revelador das lógicas fantasmáticas que fazem o discurso católico conservador funcionar. Não se trata apenas de falar algo ou produzir um sentido, mas da experiência do gozo a partir dessa oposição. Ao denunciar a perversão do outro, o agente do discurso, neste caso Küster, está se colocando no lugar da decência, da retidão. Esse processo não necessariamente se dá de forma consciente, mas faz parte da fantasia¹⁰⁹. É importante ter esse processo sempre em mente ao longo deste capítulo para

¹⁰⁸ Evidentemente que o mesmo se aplica a qualquer discurso e que essa é uma dinâmica própria do social e da produção de sentido.

¹⁰⁹ Parte-se, aqui, da noção de fantasia trazida pela psicanálise, sobretudo lacaniana, que busca capturar a ideia do gozo, que “não é redutível ao simples prazer, mas inclui em seu escopo também a ideia de prazer na dor” (GLYNOS *et al*, 2019, p. 148). Não se trata, portanto, de um elemento falso ou irreal. Ainda de acordo com Glynos *et al* (2019), “as narrativas fantasmáticas podem, é claro, deturpar a realidade. Mas também podem não o fazer. O que é crucial do ponto de vista psicanalítico é a questão do desejo” (GLYNOS *et al*, 2019, p. 148). A articulação entre psicanálise e análise do discurso proposta por Jason Glynos é chamada por ele de *Estudos Críticos da Fantasia*.

perceber, a cada nova acusação e denúncia do outro, o que o *discurso agente*¹¹⁰ está falando sobre si – e, portanto, como está construindo as condições de aderência¹¹¹ a si.

Além disso, é também importante destacar que, como contingente e historicamente situado, a identidade conservadora católica está envolvida no processo de polarização política que marca a conjuntura atual e, dessa forma, manifesta e (trans)forma suas práticas e valores a partir desse contexto. Sendo assim, como é próprio desse contexto, o discurso conservador católico age discursivamente também a partir do seu posicionamento em relação ao outro. Ou seja, da mesma forma com que acontece no exemplo citado por Glynos *et al* (2020) sobre as eleições de 2016 nos Estados Unidos, em que, para os apoiadores de Donald Trump, não importava o que Hillary Clinton tinha a dizer, pois “tudo que ela diz (em termos de conteúdo) está desacreditado de antemão porque é a posição de sujeito da qual ela fala que está desacreditada” (GLYNOS *et al*, 2020, p. 17)¹¹², para Küster, não importa de fato o que dizem seus adversários ou como argumentam, por exemplo, sobre a importância da igualdade de gênero.

Sendo assim, se a fala e a defesa da pauta não partem de seus pares, ela é desqualificada de antemão e rejeitada, como já mostrou Lerner (2019). Isso pode ser observado na fala de Küster sobre o documento final do Sínodo Amazônico, quando diz que o documento tem uma “linguagem absolutamente inclusivista e brega! ‘Todos e todas’, ‘batizadas e batizadas’, ‘religiosos e religiosas’ e tal. *Fala até em feminicídio* no documento” (KÜSTER, 2019d, grifo nosso). Não há o que ser explicado sobre a rejeição do uso do termo *feminicídio*. Se ele surge de contextos de luta política que não se situam ao lado da mentalidade conservadora, ele é automaticamente desqualificado. Também esta atitude revela as lógicas envolvidas no processo de significação do discurso estudado aqui. Nesse processo em que não importa o que se diz, mas quem diz, existe o gozo do pertencimento e, sobretudo, o da desqualificação do outro e, assim, da autoafirmação. Não se trata

¹¹⁰ O discurso agente, de acordo com Maingueneau (1997), é aquele que “se encontra em posição de ‘tradutor’, de construtor do simulacro” (MAINGUENEAU, 1997, p. 122) sobre o outro de quem ou com quem fala. Evidentemente, na concretude da vida, não é possível fazer essa separação radical entre o discurso agente e o paciente. Essas categorias não denotam a natureza de um dado discurso, mas a posição/função que ocupa em dado momento da análise. No caso específico deste trabalho, o discurso agente é o discurso conservador católico observado nos casos das atuações de Padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster no *YouTube*. Mudando-se a problematização ou o percurso analítico, o mesmo poderia estar sendo apresentado como discurso paciente.

¹¹¹ A escolha da palavra aderência em detrimento de adesão se dá ao fato de que adesão denota uma entrada consciente e deliberada, enquanto aderência abre espaço para o entendimento de um colar-se, de um pegar-se preso, ainda que de forma inconsciente. Este sentido está mais próximo do fisgo (*grip*) das lógicas fantasmáticas.

¹¹² “Everything she says (at the level of content) is discredited in advance because it is the subject position from which she speaks that has been discredited”.

de buscar a via racional, mas de desqualificar o adversário e, assim, de se situar acima dele. Se “eles” são bregas, para pegar esse último exemplo, “nós” não somos.

Voltando ao primeiro trecho supracitado, para dar conta dos outros elementos que foram destacados a partir dele, é possível perceber que essa desqualificação dada de antemão, ancorada na afirmação de si em relação ao outro, lança mão também da estratégia da ironia, percebida quando Küster pede que “rufem os tambores” (KÜSTER, 2018a) para anunciar mais um dos feitos do novo bispo de Londrina¹¹³ que, neste caso, era a “confissão” de já ter sido assistente de Frei Betto. O interessante aqui não é tanto destacar o conteúdo dessa fala de Bernardo Küster, mas apontar para o uso da ironia como estratégia retórica que, por sua vez, revela lógicas presentes no discurso. De acordo com Maingueneau (1997), a ironia “não [é] uma atividade lúdica, desinteressada” (MAINGUENEAU, 1997, p. 99), mas, ao contrário, é sempre reveladora do posicionamento locutor. A ironia, portanto, é uma forma de posicionar-se contra o outro de forma implícita, pondo em cena “a voz de um ‘enunciador’ que expressa um ponto de vista insustentável [para o locutor em questão]” (MAINGUENEAU, 1997, p. 77). Sendo assim, a fala de Küster tanto desqualifica seu adversário como revela elementos constitutivos de seu discurso.

Seguindo com a análise dos últimos pontos destacados dessa fala de Küster, se chega aos elementos pressupostos revelados em seu enunciado, mais especificamente a incompatibilidade entre a noção construída de esquerda e Igreja Católica e, por outro lado, a ligação umbilical entre essa mesma noção de esquerda e criminalidade. Iniciando pelo primeiro ponto, é possível perceber por duas vezes a expressão “esquerda *dentro* da Igreja” (KÜSTER, 2018a, grifo nosso), o que revela uma noção de não-pertencimento, de incompatibilidade entre os elementos esquerda e Igreja Católica. Com isso, Küster sugere uma ideia de infiltração de agentes externos, estranhos ao catolicismo. Não são católicos de esquerda, mas esquerdistas que entraram na Igreja, ou seja, que não fazem parte dela. É interessante perceber que, assim como quando falou sobre a Teologia da Libertação, a incompatibilidade entre esses elementos está dada de antemão, faz parte do pré-construído do discurso conservador católico. É esperado que exista essa rejeição de antemão da

¹¹³ No vídeo em questão, antes desse trecho destacado aqui, Küster elenca, como acusação, outros feitos de Dom Jeremias Steinmetz em Londrina: o apoio à realização do Grito dos Excluídos e à semana LGBT promovida pela PUC-PR, a recusa a dar a comunhão às pessoas que ajoelhadas na missa e uma suposta perseguição aos padres “que são fiéis à Doutrina da Igreja, fiéis ao Magistério da Igreja” (KÜSTER, 2018a). Como dito anteriormente, esses elementos denunciados por Küster revelam, por oposição, como ele se situa em relação aos mesmos.

noção de esquerda dentro da Igreja Católica, visto que o discurso conservador católico se constitui a partir da negação do outro que ele mesmo identifica como a esquerda.

O que é interessante de se destacar nesse processo de formulação do pré-construído, é seu próprio funcionamento, que permite perceber o plano de fundo desse elemento de rejeição à esquerda no discurso em questão. Em outras palavras, não se trata apenas de perceber que há uma rejeição daquilo que se constitui esquerda para o discurso conservador católico, mas de apontar *como* emerge, circula, se transforma e funciona esse elemento, que é central para a identidade conservadora. Para compreender de que forma surge e se manifesta essa rejeição católica do que se entende por esquerda, é preciso perceber sua memória discursiva, isto é, o conjunto de “formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações” (MAINGUENEAU, 1997, p. 115). No caso da rejeição da esquerda por parte do conservadorismo católico, é preciso ter em mente elementos inscritos na história, como as disputas e tensões entre a Igreja Católica e a modernidade, entre posicionamentos ultramontanistas e democrático-liberais, ou entre atores reacionários-tradicionalistas e progressistas-libertários, como visto acima no breve apanhado histórico da relação entre Igreja e democracia.

A rejeição do conservadorismo católico atual àquilo que compreendem como esquerda é produto de um encadeamento de percepções e formulações relativamente novas a partir de outras situadas historicamente, que sobrevivem há séculos sendo (re)articuladas a partir dos novos elementos surgidos e novas posições assumidas no campo da discursividade. Exemplificando de forma clara, é conhecida a rejeição do comunismo por parte da Igreja desde sua primeira encíclica estritamente social, a já citada *Rerum Novarum* (1891). Mas não é a doutrina comunista em si, por conta especificamente de seus pontos incompatíveis com a Doutrina Social da Igreja que se está rejeitando no discurso conservador católico atual. A oposição a uma religiosidade que implique transbordamentos político-sociais, por exemplo, não é uma consequência óbvia da condenação dos princípios comunistas, mas, ao contrário, fazem parte da Doutrina Social da Igreja – muito antes de se ter esse nome – desde a Patrística. O resgate feito pelo CVII das fontes patrísticas, resgatando princípios morais que se opõem fortemente a questões como a desigualdade social, é rejeitado pelos conservadores católicos, mesmo que não o digam expressa e explicitamente, por dinâmicas como ressonância, que será evidenciada logo abaixo, e pelo processo de associações descrito acima.

Este processo de posicionamento a partir das equivalências/diferenças em relação ao outro demonstra mais uma vez que o que está em jogo nas lógicas que compõem o discurso conservador

católico não é exatamente o que se diz, mas quem diz. E mais: a própria voz oficial da Igreja não tem sua legitimidade garantida na intertextualidade conservadora católica. Se a Doutrina Social da Igreja fala sobre a justiça social e mesmo sobre a opção preferencial pelos pobres (IGREJA CATÓLICA, 2011, p. 109) conclamando os católicos a garantirem o cumprimento do dever moral de “que não se dê como caridade o que já é devido a título de justiça; [e] eliminem-se as causas dos males, não só os efeitos” (PAULO VI, 2015), os agentes do conservadorismo católico não tornam menos rígidas as fronteiras entre si e as pautas ditas de esquerda, que defenderiam coisas semelhantes a esses documentos. Ao contrário, encontram formas de deslegitimar o enunciado desses documentos ou mesmo o enunciador – como os grupos que não consideram o Concílio legítimo –, pois se a esquerda defende elementos semelhantes ou iguais aos defendidos por esses documentos da Igreja, estes documentos não são legítimos ou não estão sendo lidos corretamente. Ou seja, se há uma aproximação entre o discurso oficial da Igreja e demandas sociais defendidas pela esquerda, não é a aversão a esta que perde força, mas o próprio discurso eclesial.

Essa dinâmica de distanciamento do discurso oficial da Igreja motivado pela relação antagônica com aquilo que compreende por esquerda, assim como pela concepção religiosa ritualista e desconectada da realidade social, à qual se chamou neste trabalho de religiosidade tradicionalista, que compõe as lógicas sociais do conservadorismo católico, pode ser observada na fala de padre Paulo Ricardo em que afirma que “aquilo que às vezes se chama ‘preferência pelos pobres’ não é preferência pelos pobres: é simplesmente uma luta de classes para fazer cair o sistema e implantar uma ditadura socialista” (RICARDO, 2018a). Nessa fala do padre, é possível encontrar o adversário concreto a quem faz referência e contra quem se opõe. Ao interpretar a opção preferencial pelos pobres dessa forma, o padre acusa de revolucionários socialistas, interessados em implantar uma ditadura, inúmeros membros da hierarquia católica, inclusive bispos, membros da CELAM e da CNBB, por exemplo. Dessa forma, o padre deixa transparecer não apenas disputas intraeclesiais já citadas ao longo deste trabalho, mas também as lógicas políticas desse discurso – isto é, a forma com que ele é construído e transformado –, que foram percebidas acima.

Dessa forma, percebe-se que, as lógicas que legitimam e deslegitimam um dado elemento para o discurso conservador católico, em última instância, não são ancoradas numa fidelidade ao posicionamento institucional da Igreja, como se poderia pensar a princípio, mas são definidas pelo posicionamento do adversário que lhe constitui. Este processo de (trans)formação dos sentidos que compõem a identidade conservadora católica, atracado profundamente no funcionamento reativo e

relacional dessa identidade com o simulacro criado de seu adversário, revela a centralidade fundamental do antagonismo em seus processos de significação e superinvestimento fantasmático. Em palavras simples, o discurso conservador católico não se opõe à esquerda por conta dos elementos que a compõem, mas rejeita estes mesmos elementos, sejam eles quais forem, exatamente *porque* a compõem. Este processo, encontrado também por Lerner (2019) em sua tese, é chamado por ela de “princípio de associação por proximidade e princípio de afastamento pela distinção” (LERNER, 2019, p. 223).

Também por conta desse mesmo processo, a memória discursiva do conservadorismo católico se articula, na conjuntura atual descrita em capítulos anteriores, com outras identidades conservadoras e, a partir de negociações, articulações e outros processos interdiscursivos, atravessa e é atravessado por essas identidades, tomando para si demandas e elementos que, a princípio não teriam grande apelo do ponto de vista fantasmático. Esse processo de ressonância, concretamente dado na história entre atores economicamente liberais e a direita cristã moralista, uniu formações discursivas diferentes e construiu o amplo inimigo comum ao qual se chama esquerda. A partir da construção dessa identidade antagônica, que seria moralmente progressista e economicamente estatizante, socialista, burocrata – ou qualquer outro termo que ameace o pleno funcionamento liberal –, se percebe paralelamente a construção da ampla identidade conservadora atual a partir da articulação das equivalências e diferenças entre essas distintas formações discursivas.

Dessa forma, revelam-se suas lógicas políticas (a forma com que o discurso é transformado, como ele se articula e emerge), e como esse processo de significação protagonizado por essa nova identidade conservadora, cristã e liberal, se mobiliza para defender os seus da ameaça que é a existência da esquerda: anticristã e anticapitalista. Esta percepção da esquerda como um inimigo tanto na política como no âmbito religioso pode ser ilustrada claramente quando Bernardo Küster afirma ao final de um de seus vídeos que “assim como no Brasil, na política, nós estamos começando um movimento de resgate e de restauração do nosso país, nós temos que começar um movimento e um resgate da nossa Igreja Católica” (KÜSTER, 2018b). Ainda que haja campos de ação diferentes, isto é, a política e a Igreja, existe uma mesma ameaça a ser combatida, a dominação da esquerda. É interessante perceber que, mais uma vez, está presente a noção de infiltração e não pertencimento da esquerda na/à Igreja, que se deixa escapar no uso do termo *resgate*. Assim como o país estava em risco, precisando ser resgatado – processo que, haveria começado com a eleição

de Jair Bolsonaro¹¹⁴ —, também a Igreja estaria sob dominação de um outro que a põe em perigo. A hegemonia política da esquerda não é vista, aqui, apenas como a vitória de um adversário, mas como um processo danoso por si só, que interpela à restauração. Ou seja, da mesma forma como a esquerda é incompatível com a Igreja, ela o é também com a política. Ela, em si, é ilegítima, sua hegemonia implica perigo, degradação, dominação.

5.2 PONDO ORDEM NA CASA: ONTOLOGIA ESSENCIALISTA, IDEAL DE SOCIEDADE E DÉSPOTAS NECESSÁRIOS

Voltando ao último dos pontos abertos na primeira citação do *corpus* feita neste capítulo, a fala de Bernardo Küster sobre a relação entre Dom Geremias Steinmetz e Frei Betto revela uma associação automática feita entre esquerda e criminalidade. Como já visto acima, Küster diz que o bispo de Londrina “*confessou de boca própria, é réu confesso*, de que ele foi assistente do Frei Betto” (KÜSTER, 2018a, grifo nosso). A escolha das palavras não é ao acaso, como lembra Maingueneau (1997) ao falar sobre os verbos de comunicação¹¹⁵, que revelariam a posição tomada pelo locutor diante de seu enunciado, ainda mais no caso de uma produção audiovisual, editada e controlada pelo próprio locutor. É evidente que a utilização do termo “réu confesso” é retórica e, de certa forma, jocosa. Küster não acredita que ser assistente de Frei Betto seja *literalmente* um crime, mas a escolha da palavra revela, sim, seu posicionamento, sobretudo quando precedida do verbo confessar. Não se trata de perceber exatamente o que ele falou, mas como ele se posiciona ao escolher essas palavras, ou seja, em oposição a esses atores e ao que eles representam (autoafirmando-se, por oposição, como não-criminoso, ilibado), e como ele mobiliza também uma aversão a esses atores. Nesse mesmo vídeo, para citar outro exemplo, Küster chega a dizer que os católicos que lhe assistem devem mandar e-mails e fazer ligações tanto para a Arquidiocese de Londrina como para o Núncio Apostólico no Brasil, denunciando Dom Geremias Steinmetz porque o evento das CEBs que estava acontecendo em Londrina seria “um caso de polícia” (KÜSTER,

¹¹⁴ O vídeo é de novembro de 2018. O processo de restauração iniciado no Brasil, citado por Küster, é justamente a presença dos conservadores no poder, cujo cume seria a eleição de Bolsonaro à presidência da República. Isto fica evidenciado tanto no vídeo de onde foi retirada essa citação como em outro vídeo, gravado na véspera do 1º turno das eleições de 2018, no qual Küster apresenta Bolsonaro como aquele que poderia “recuperar o que foi perdido do nosso maravilhoso Brasil” (KÜSTER, 2018c).

¹¹⁵ Verbos utilizados para citar algo dito por outro enunciador. Esses verbos auxiliam o analista do discurso a evidenciar pressupostos do enunciador, uma vez que, de acordo com Maingueneau (1997), “em função do verbo escolhido (sugerir, afirmar, pretender...), toda a interpretação da citação será afetada” (MAINGUENEAU, 1997, p. 88).

2018a). Ainda que a interpelação aqui não se trate de denunciar, de fato, às forças policiais, a linguagem utilizada é relevante e recorrentemente utilizada.

Como já percebido por Lerner (2019) em sua tese e como já destacado também ao longo deste trabalho, existe uma compreensão indistinta de todos os elementos que compõem o outro. E se o conservadorismo não compreende a si mesmo como um discurso de esquerda e um discurso criminoso, o outro é esquerda e criminoso. É como explica Lerner (2019): “A atribuição de valor na cosmovisão conservadora é referenciada pela proximidade ou afastamento do termo referido da ideia que os enunciadores fazem de si mesmos. [...] A diferenciação entre ‘nós’, os bons, e ‘eles’, os maus, funciona como uma espécie de identificação por contraste” (LERNER, 2019, p. 223).

Isso não significa, porém, que esses dois elementos componham aquilo que é o inimigo por acaso. Significa que ser de esquerda é ser criminoso e vice-versa. Ser socialista, comunista, marxista, revolucionário etc. é, necessariamente, ser amoral, criminoso, mal-intencionado, vagabundo e tudo mais que não seja valorizado pela identidade conservadora. Existe uma cadeia de desqualificação. Ainda tomando o exemplo anterior, se Frei Betto, como coloca Küster em outro vídeo, é “das FARC, do Foro de São Paulo [...] guerrilheiro comunista!” (KÜSTER, 2018b), então Dom Geremias Steinmetz também é, em certa medida, todas essas coisas. E não é preciso saber quem é a figura concreta de Frei Betto ou de qualquer outro. A associação entre esquerda e criminalidade é pressuposta pelo discurso conservador contemporâneo, tendo, inclusive, Olavo de Carvalho como um dos propulsores dessa ideia no Brasil. De acordo com Rosa (2019), o guru do conservadorismo brasileiro atual

associou a esquerda brasileira com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC e, conseqüentemente, com a criminalidade, mesmo sem ter evidências materiais, justificando sua narrativa somente através de hipóteses construídas a partir de conjecturas forjadas por meio de uma perspectiva conspiratória (ROSA, 2019, p. 37).

A forma com que o discurso conservador católico, observado na figura de Bernardo Küster, percebe a esquerda como amoral, criminosa e má é relevante para perceber os elementos que o compõe e a forma com que esse discurso captura a realidade. No entanto, indo além, é importante perceber que essa concepção do outro como uma ameaça abominável e geradora de ressentimentos “se torna uma expressão invertida da fixação do *Self*”¹¹⁶. Odiar o Outro se torna uma forma de estabilizar um senso de *Self*. E essa imagem do *Self* é conectada a uma narrativa fantasmática

¹¹⁶ Foi feita a escolha por deixar este termo em inglês como se faz recorrentemente nos trabalhos brasileiros ou nas traduções de trabalhos estrangeiros sobre psicanálise, em vista de não comprometer seu sentido.

específica e aos gozos que ela torna possível” (GLYNOS et al, 2019, p. 165)¹¹⁷. Ou seja, dessa forma, percebe-se que o discurso conservador católico produz sentido sobre si, afirmando-se e situando-se em relação a esse outro odiado, mas também o gozo envolvido neste processo, revelando o investimento fantasmático que captura, que fisga, que segura os atores discursivos nessa identidade.

Indo além do exemplo encontrado em Küster acima, é importante destacar que a associação entre esquerda e criminalidade não se dá apenas pela ligação com atores específicos, como as FARC, nem pela utilização de uma linguagem que remeta à ideia de crime. Os próprios elementos que compõem o inimigo são, por vezes, tratados de fato como crimes, e crimes sérios. Isso é perceptível na fala de Padre Paulo Ricardo que põe em nível de igualdade a homossexualidade – chamada por ele de homossexualismo –, o homicídio da própria mãe e a pedofilia, ao explicar como funciona a mentalidade marxista:

homossexualismo *é crime? É pecado? É ruim? É bom?* O que é o homossexualismo para eles [marxistas]? Resposta: depende. Se ajudar a revolução, o homossexualismo é lindo. Se atrapalhar a revolução, o homossexualismo é uma coisa horrível. Então estes mesmos senhores comunistas e socialistas, que hoje estão pondo dinheiro nas passeatas de orgulho gay, são os mesmos que defendem o regime de Fidel Castro, que colocou milhares de homossexuais no paredão. Mas *eles são contra o homossexualismo ou a favor do homossexualismo? Depende.* Depende do que ajuda a revolução. *Matar a minha mãe é ruim? Depende.* Se matar a minha mãe ajudar a revolução, é bom. Mas se ficar feio para a causa revolucionária, então matar a minha mãe é ruim. É aqui que está a coisa. *Pedofilia é bom ou é ruim? Depende.* Se for [o] padre que é pedófilo, para acabar com o prestígio da Igreja Católica, então pedofilia é a coisa mais imoral que existe. Mas se for para ajudar o pessoal das manifestações e do *movimento gayzista*, a pedofilia é um direito. Trata-se de “intimidade intergeracional”. É assim que eles pensam. (RICARDO, 2013c).

Além de apresentar uma narrativa conspiratória sobre a forma com que sujeitos sociais compreendem e atuam na realidade, especificamente, neste caso, em relação à homossexualidade, homicídio e pedofilia, e, assim, provocar uma profunda aversão, radicalizando antagonismos contra um inimigo difuso, Padre Paulo Ricardo deixa transparecer a forma com que ele mesmo compreende essas questões. É importante destacar que essa narrativa é também uma narrativa fantasmática, ou seja, ela revela e evidencia a forma com que elementos, como a supracitada aversão ao outro, obtém êxito no esforço de capturar seus atores discursivos e produzir neles o investimento e o gozo que tornam possível a eficácia política e a circulação do discurso investigado aqui.

¹¹⁷ “becomes an inverted expressions [sic] of the fixity of the Self. Hating the Other becomes a way of stabilizing a sense of Self. And this image of the Self is connected to a specific fantasmatic narrative and the enjoyments this makes possible”.

Olhando para o conteúdo dessa fala, buscando perceber os elementos que, presentes nela, compõem o imaginário do conservadorismo católico, existem alguns pontos nesse trecho que devem ser destacados: a desqualificação dos homossexuais na própria forma com que fala sobre eles, a relação entre homossexualidade e crimes, que leva à frequente indistinção entre pecado e crime no discurso de padre Paulo Ricardo, e a apresentação do funcionamento da mentalidade marxista como amoral e unicamente interessada no poder. É evidente que existem diversos outros caminhos que poderiam ser trilhados a partir da fala acima, como, por exemplo, a apresentação da Igreja Católica como ator injustamente atacado pelos comunistas por conta dos casos de abuso sexual de jovens e crianças. Como já dito em outras ocasiões, porém, este trabalho não se dá a pretensão de esgotar tudo que está presente no fenômeno e mesmo no *corpus* de análise utilizado. O importante, neste caso específico, é perceber como o discurso é construído, o que o compõe e como ele atravessa e é atravessado pelo contexto atual. Diante disto, e olhando agora sobretudo para aquilo que o compõe, os pontos levantados acima são de grande relevância, se se quer ilustrar esses elementos.

Começando pela forma com que se trata dos homossexuais, é evidente a conotação pejorativa com que se refere a eles, utilizando o sufixo -ismo, que remonta a tempos em que a homossexualidade era compreendida como uma doença (MAIA, 2018), presente inclusive no catálogo de distúrbios da Organização Mundial da Saúde (OMS), e chamando os movimentos LGBTQ+ de “movimento gayzista” (RICARDO, 2013c). Isto apenas para citar as palavras escolhidas pelo padre. O segundo ponto, porém, é ainda mais forte. Padre Paulo Ricardo equipara a pedofilia e o assassinato da própria mãe à homossexualidade. Estes três elementos são postos num mesmo lugar negativo, como coisas ruins que podem, caso convenha, ser relativizadas e valorizadas pelos marxistas.

É interessante perceber, ainda neste ponto, que a associação entre homossexualidade e crime, que padre Paulo deixa transparecer em sua fala, não aparece apenas neste momento em que cita dois crimes hediondos. Da mesma forma com que ele equipara os três elementos já citados, Padre Paulo Ricardo expõe sua compreensão indistinta dos termos crime, pecado e ruim. E isto não é ao acaso nem aparece apenas neste caso. Ao falar sobre os tipos de pessoas que existem – para ele, existem dois tipos: os que naturalmente são virtuosos e seguem os conselhos *paternos*, e aqueles que são safados, sem vergonha e mal inclinados –, Padre Paulo Ricardo afirma que a lei existe por conta das pessoas que não são naturalmente inclinadas às virtudes e que “se você não

evangeliza, se você não transforma o coração das pessoas, não vai ter cadeias suficientes para as pessoas” (RICARDO, 2014). Ou seja, como ele afirma novamente nesse mesmo vídeo, “numa sociedade onde as pessoas têm pecado, nós temos que ter leis” (RICARDO, 2014). Essa associação entre uma transgressão espiritual e legislações civis parece ser um desdobramento do modelo ideal de sociedade, cujo centro ético e cultural é o catolicismo, que será abordado à frente.

Antes de prosseguir, porém, é importante destacar que essa concepção essencialista acerca das pessoas e, em última instância, da realidade como um todo, torna possível tanto o investimento como o gozo na desqualificação absoluta do outro, naturalizando a violência contra ele ou qualquer outra tentativa de expurgá-lo. Pode ser física, mas é sobretudo simbólica. É legítimo cancelar o outro, legislar contra ele, constrangê-lo na internet etc. Ele essencialmente é mau; ele essencialmente não carrega a mesma dignidade. Ou seja, o pressuposto de que as pessoas são essencialmente boas ou más torna possível a intransigência em relação a elas. A partir dessa noção de uma ontologia essencialista, portanto, a violência, recorrentemente percebida como característica da retórica conservadora, se torna possível e atraente. Ainda que assim o seja, esse pressuposto ontológico do qual partem os agentes do conservadorismo católico é, por vezes, negociado. Isso é perceptível quando, o padre, para usar o próprio trecho trazido no parágrafo acima, interpela os que lhe assistem a *evangelizar*, ou seja: há um espaço no meio, uma zona de indefinição. Em uma realidade na qual existem apenas os essencialmente bons e maus, não há necessidade de evangelização ou qualquer tentativa de convencimento. O enunciado do padre Paulo, então, deixa transparecer uma falha na tentativa de fixação de sentidos, negociando a percepção essencialista da realidade e das pessoas, elementos que é apresentado como pressuposto ontológico do discurso analisado aqui, ao menos a partir dos casos propostos.

Tomando por base a cadeia de associações valorativas apresentada por Lerner (2019), pode-se dizer que se há um vínculo natural entre esquerda e crime, e entre pecado e crime, existe também uma relação umbilical entre esquerda e pecado, explicando-se, dessa forma, a incompatibilidade natural e dada-como-certa entre a esquerda política e a Igreja Católica para o discurso conservador católico. Mais uma vez, portanto, percebe-se na desqualificação do outro a afirmação de si e o gozo gerado por esta autovalorização. Retomando as cadeias de associações, Lerner (2019) explica que “se um elemento A já é sabidamente mau e o elemento B está próximo de A, então, por proximidade, B é mau. Se C está próximo de B, então, é mau também, e assim sucessivamente” (LERNER, 2019, p. 223). Apesar de que, no caso de Küster, a associação pecado/crime não é tão

clara ou, talvez, de fato não seja relevante, essa construção do inimigo e do conjunto de elementos a serem rejeitados por meio da ligação com elementos e inimigos já conhecidos também lhe é central. Além disso, ainda que ele não faça todo esse percurso, chegando a apresentar as noções de pecado e crime como sinônimos, Küster também parte do pressuposto de que há uma intrínseca incompatibilidade entre esquerda e Igreja, como já demonstrado. De alguma forma, portanto, ainda que por caminhos e estratégias discursivas diferentes, ambos os agentes do conservadorismo católico chegam num mesmo lugar: na rejeição absoluta de tudo que é entendido como esquerda e sua inalienável relação com a criminalidade.

O terceiro ponto destacado da fala de Padre Paulo Ricardo supracitada é a apresentação da forma de pensar dos marxistas que seriam capazes de defender ou rejeitar um mesmo elemento a depender de como ele lhe ajudaria. De acordo com Padre Paulo Ricardo, portanto, para os marxistas não existiria bom ou ruim, mas apenas o que, no momento, poderia ajudar ou atrapalhar sua tomada e/ou sua manutenção no poder. Por consequência, o padre se situa, a partir das dinâmicas já apresentadas, numa posição de defensor da moralidade pelo próprio valor das coisas, sem interesses políticos ou de qualquer outra natureza. Uma vez, então, que é próprio dos marxistas rejeitarem a existência de uma verdade objetiva ou mesmo da valoração positiva ou negativa das coisas por sua própria natureza, o padre revela a concepção de uma ontologia essencialista como elemento de seu discurso que, como já visto acima, é negociada e contradita.

Ainda no esforço de apresentar os elementos que compõem o discurso conservador católico a partir da apresentação de narrativas fantasmáticas enunciadas pelos agentes estudados aqui, é relevante perceber o percurso histórico feito por Padre Paulo Ricardo, que evidenciaria a raiz de todo problema social: o lugar marginal que a Igreja Católica ocupa no ordenamento da vida política. Fazendo uma leitura idealizada da história, o padre constrói ou reverbera um mito fundacional do ocidente, que teria na Idade Média o exemplo máximo da capacidade da Igreja de fecundar a sociedade. Capacidade esta que teria sido desmantelada pela reforma protestante. De acordo com ele,

com a queda do Império Romano, estava para iniciar um tempo que não existia até então na humanidade. Um tempo em que não haveria impérios. É o tempo em que o cristianismo, quando surgia um povo pagão, bárbaro, viking, querendo se organizar em império, os cristãos iam lá com uma outra instituição chamada Igreja, *fecundava aquele negócio lá, e aquela gana, aquela sanha de imperialismo murchava*. [...] isso é só constatação histórica. A constatação histórica é a seguinte: até Lutero [...] o que acontece? Na sucessão de impérios, nós íamos bem. Por quê? Porque *a Igreja fecundava os governos* com uma moralidade, com uma racionalidade e os governos se organizavam de forma racional, de tal forma que, durante os mil anos que o cristianismo fez isso, desde a queda do Império

Romano até o senhor Martinho Lutero, houve guerras? Houve. Mas nem elas foram, digamos assim, mundiais, nem elas foram tão sangrentas. Nem elas... Ou seja, *comparar as guerras que houve durante os mil anos de Idade Média e as guerras que havia na época dos impérios, nós estamos falando aqui de grandes monstros e de mosquitinhos* (RICARDO, 2019, grifos nossos).

Não é difícil perceber a apologia de um período bastante questionado da história da Igreja, e não é à toa que sua crítica repouse sobre Lutero. O Concílio de Trento, realizado entre os anos de 1545 e 1563 foi provocado, dentre outras coisas, pelos movimentos da Reforma, responsável pelo maior cisma do cristianismo desde a divisão do Império Romano. No mesmo vídeo, o padre se blinda de críticas ao dizer que não está culpando o protestantismo ou mesmo a figura histórica de Martinho Lutero, mas simplesmente destacando, na história, quando a Igreja começou a perder seu poder de influenciar positivamente os governos e reinados. O ponto importante de se destacar aqui não é tanto o da tensão entre católicos e protestantes que, apesar de existir, é marginal na argumentação do padre e de Küster na construção da identidade conservadora católica. Mas interessa chamar a atenção para a apologia de uma sociedade supostamente passada que nunca existiu concreta e realmente – característica do discurso católico moderno, da alta Idade Média à primeira metade do século XX.

De toda forma, a maneira com que a Igreja controlava o caos social, não era a partir de uma atuação direta nas instâncias de governo, mas, sim, de uma *fecundação* da cultura como um todo. Uma vez que a cultura é católica, que a ciência é católica, que as crenças e valores da sociedade são católicas, naturalmente essa sociedade é mais ordenada, virtuosa e harmônica. Mais do que denunciar essa narrativa como ilusória, importa entender o que ela quer dizer hoje. Ela não está sendo contada para narrar uma história. Ela tem um lugar preciso não só numa contraposição com o presente, mas com uma posição em relação a ele. Ao traçar essa narrativa, Padre Paulo Ricardo insinua uma defesa de um modelo específico de sociedade hoje. Mais: ele se situa nos processos de construção e ordenamento social inscritos em seu contexto histórico e político. Como será evidenciado brevemente mais abaixo, essa narrativa trazida por Padre Paulo Ricardo está justamente reverberando concepções neoconservadoras que apresentam o “imperativo [de] moralizar a vida pública, fomentando os valores judaico-cristãos através do apoio aos movimentos religiosos” (QUADROS, 2014, p. 56).

Esse enunciado também não é gratuito. O vídeo em que essa fala é feita foi gravado em março de 2019, ainda no início do governo Bolsonaro, conhecidamente responsável pela tentativa de resgatar, ao menos retoricamente, o cristianismo como princípio ordenador da sociedade, cuja

famosa frase da de Damares Alves, convidada por Bolsonaro para o ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que declara a nova era no Brasil, na qual “menino veste azul e menina veste rosa” (ATEUVER, 2019), ilustra ou, ao menos, simboliza eficazmente esse processo. Essa fala da ministra, inclusive, foi defendida pelo Padre Paulo Ricardo em uma palestra do Acampamento Revolução Jesus (PLAY, 2019)¹¹⁸, retiro da comunidade católica Canção Nova¹¹⁹, transmitido na emissora e nos canais da internet desta mesma comunidade, em janeiro de 2019.

Voltando à argumentação anterior, essa evangelização ou fecundação da Igreja na sociedade – e, de alguma forma, controle sobre sua cultura e instituições de ensino –, narrada pelo padre, não é apresentada apenas como uma forma de melhorar o funcionamento social. Antes de tudo, trata-se de salvá-lo. Ao propor que a Igreja esteja no centro do qual todas as outras realidades irradiam, não se está apenas propondo um projeto de uma sociedade melhor, mas garantindo o desmantelamento do caos e do terror, seja transformando potenciais monstros em mosquitinhos, como visto acima, seja sanando a loucura inevitável da razão que caminha sem *a fé*, definida e singular, ou seja, uma específica. É o que se vê na seguinte fala do padre, em seu programa ao vivo do fim de março de 2019:

A fé “serve”¹²⁰, quase como um efeito colateral, “como força purificadora da própria razão. Partindo da perspectiva de Deus”, a fé liberta a razão “de suas cegueiras e, consequentemente”, ajuda a razão “a ser mais ela mesma”, ser mais racional, assim menos louca. Por que? Porque a razão, sem essa purificação, ela fica louca. Que é o que nós temos na sociedade atual! Vejam lá, você pega a Revolução Francesa: colocaram- tiraram- fecharam a catedral de Notre Dame de Paris, colocaram a deusa Razão no altar principal- Isso aqui não é- isso aconteceu! Começaram a prestar culto à razão e o quê que você teve? Loucura! O terror! Milhares e milhares de pessoas mortas na guilhotina, foi um negócio abominável! Até que, *finalmente, alguém tinha que pôr ordem na casa, e veio Napoleão*. Porque o negócio ali estava- *eu não tô defendendo Napoleão não, gente, pelo amor de Deus [risos]*. O negócio é o seguinte: é que são sempre esses pêndulos da história, entendeu? *Os revolucionários puxam a coisa, a coisa fica tão insuportável que o povo começa a rezar “pelo amor de Deus, venha um ditador sobre nós” [risos]* “Espinheiro, rege, governa-nos” [rindo]. Entendeu? Infelizmente. Foi isso que aconteceu. Então, assim, mas por que? *Porque tiraram a fé da história. Você tirou a fé do tabuleiro o negócio*

¹¹⁸ A fala do padre Paulo sobre esse episódio começa aos 27 minutos e vai até o minuto 34. É interessante destacar que um dos trechos desta resposta do padre Paulo Ricardo à pergunta feita sobre a fala da ministra, no qual ele fala sobre a implantação da ideologia de gênero nas escolas suecas, onde o Estado controlaria a educação das crianças, cabendo aos pais que desejam educar seus próprios filhos, fugir para ilhas do Atlântico Norte, foi desmentido pela Embaixada da Suécia (EMBAIXADA..., 2019).

¹¹⁹ Como já visto anteriormente, esta comunidade católica, que conta com a maior emissora católica do país, é uma das forças de apoio a Jair Bolsonaro na campanha presidencial de 2018, como mostra Giuliano Placeres (2020) em sua tese de doutorado.

¹²⁰ Neste trecho do vídeo, o padre está falando a partir da leitura da encíclica *Deus caristas est*, escrita por Bento XVI em seu primeiro ano de pontificado, mais especificamente seu ponto 28. Nesta citação, portanto, as aspas demarcam os momentos em que o padre está lendo literalmente o documento. As aspas são recorrentemente interrompidas por opção do padre, de deixar mais clara a leitura, como quando ele fala “a fé liberta a razão” (RICARDO, 2019) ao invés de ler “liberta-a” (BENTO XVI, 2005), como consta na encíclica.

enlouquece. Então a fé ajuda a razão a ser mais racional. A ser mais ela mesma (RICARDO, 2019, grifos nossos).

Do trecho acima, é possível perceber, antes de tudo, um ponto importante que se liga com o que se falou anteriormente acerca do interlocutor que provoca e que se manifesta implicitamente na fala do Padre Paulo Ricardo. É possível perceber nessa citação a presença de um outro que acusa o padre de defender um déspota, um ditador. O enunciado do padre, portanto, revela um enunciador que, ao acusá-lo, provoca-o a responder e se justificar.

Rapidamente, antes de adentrar nessa questão, é interessante perceber que, nos dois trechos destacados acima, se revelam elementos importantes a partir dos quais o conservadorismo católico se compreende em termos religiosos, pois, neles, o padre se situa teológica e eclesiologicamente. O período da história da Igreja que vai do final da Idade Média até a primeira metade do século XX, sendo descontinuado, enquanto marco simbólico, pelo Vaticano II, é marcado por uma postura apologética de um ideal de sociedade católica em detrimento da emergência das igrejas cristãs protestantes e de uma sociedade secularizada e insubmissa à religião de forma geral. Ou seja, entre os séculos XVI e XIX, a Igreja Católica perde sua hegemonia cultural por dois movimentos de separação, um intrarreligioso, que deu origem a inúmeras igrejas cristãs desligadas da tutela católica, e um extrarreligioso, que fundava um modelo de sociedade autônoma, baseada em princípios seculares. Além disso, Padre Paulo Ricardo apresenta, a partir de representações simbólicas, duas raízes que explicariam o desmantelamento da sociedade e a origem de suas crises: a Reforma Protestante e a Revolução Francesa, exemplares perfeitos daquilo que a Igreja rejeitara durante o período entre Trento e o Vaticano I. Por fim, assim como Lutero marca a perda da capacidade de fecundar a sociedade e, assim, desarmar suas potencialidades destrutivas, a Revolução Francesa, sobretudo no seu período mais sombrio, do Terror, exemplifica as consequências concretas da exclusão da Igreja de seu lugar de mestra da sociedade, de referência cultural e discursiva. Mas, mais do que simplesmente a apresentação de um diagnóstico histórico, de um tempo passado, a fala do padre estabelece o plano de fundo de seu próprio contexto.

Suspendendo, então, a apresentação de elementos relevantes da religiosidade encontrada na enunciação do Padre Paulo Ricardo, é importante retomar de que forma isso comunica o posicionamento do padre em relação à conjuntura política em que se situa. Articulando essas duas citações de enunciados do Padre Paulo Ricardo, sobre Napoleão e sobre a fecundação da sociedade pela Igreja Católica, pode-se perceber as questões contemporâneas que provocam o discurso conservador católico a se colocar, a partir de uma narrativa mítica do passado, com sua proposta

acerca do presente. Padre Paulo faz uma referência a um governante que, apesar de não ser o ideal, desempenha um papel importante: *pôr ordem na casa após a bagunça promovida pelos revolucionários sem fé*. Da mesma forma com que a fé foi destituída de sua posição basilar no ordenamento social, por conta dos revolucionários franceses do século XVIII, restando a um governante rígido e autoritário restaurar sua centralidade a partir da concordata de 1801¹²¹, Bolsonaro surge para restituir o lugar hegemônico dos valores cristãos na construção da sociedade brasileira após as quase duas décadas do socialismo do governo petista.

Dessa forma, escapa a leitura do padre Paulo Ricardo sobre o contexto político do Brasil na época em que o vídeo foi gravado. O padre, no vídeo como um todo, mas também nesse breve trecho, busca distanciar-se do atual governo, isentando-se de eventuais críticas que venham a recair sobre ele (ao dizer explicitamente que não está defendendo Napoleão), e, ao mesmo tempo, dá as razões, explica os motivos que levaram à subida ao poder de um governante que, apesar de não ser o ideal, é *necessário* para o resgate de uma sociedade desmantelada pelos *revolucionários*. Examinando um ponto de cada vez, é importante lembrar de antemão que o padre Paulo Ricardo, ainda que nunca tenha declarado explícita e publicamente seu apoio a Bolsonaro, é recorrentemente associado a ele. Essa concepção restauradora apresentada por padre Paulo Ricardo, ao falar analogicamente sobre Napoleão e seu papel na restauração de uma sociedade perdida pela ação dos revolucionários, reverbera os elementos encontrados acima no trecho em que Bernardo Küster sugere que houve na história um Brasil bom ao qual se está voltando, que se perdeu em algum momento.

A partir desses pontos, não são apenas alianças e projetos políticos concretos que são defendidos, e nem se trata, de toda forma, de apresentar simplesmente o que os agentes aqui estudados defendem. Ao contrário, os pontos levantados acima evidenciam a forma com que esses agentes do conservadorismo católico abrem espaço para mostrar o outro que constitui e atravessa sua identidade, identificando não apenas os atores mencionados, mas a forma com que são apresentados e “traduzidos”¹²², revelando, por oposição, a forma com que o próprio discurso

¹²¹ Acordo selado entre Napoleão Bonaparte e o papa Pio VII que atribuía a Roma novamente o poder de nomear e depor bispos franceses de seus poderes ministeriais, além de devolver à Igreja algumas terras perdidas por ocasião da Revolução Francesa. De acordo com o jesuíta estadunidense e professor de história, Jeffrey von Arx, a restauração da unidade religiosa era um dos objetivos de Napoleão, não por convicções de fé pessoais, mas porque isso fortaleceria seu regime (VON ARX, 2018).

¹²² No sentido apresentado por Maingueneau (1997). O autor entende esse processo de tradução como “quando uma formação discursiva faz penetrar seu Outro em seu próprio interior” (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

agente, neste caso, o conservador católico, se constitui, se (trans)forma, circula e fisga seus atores discursivos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma conjuntura profundamente polarizada e marcada por uma nova hegemonia política, protagonizada por atores que, até recentemente, encontravam-se à margem dos lugares de destaque nas instâncias de poder no Brasil, o conservadorismo parece desempenhar um papel importante. De fato, parece existir um fenômeno internacional de emergência de identidades conservadoras, religiosas ou não, que desafiam percepções de estabilidades políticas e garantias democráticas no mundo ocidental.

Mais do que uma simples replicação de modelos passados, o conservadorismo é profundamente atravessado por seu contexto social, político e religioso específico. No caso atual, diversas articulações são possíveis e constitutivas do amplo fenômeno da (re)tomada conservadora da cena pública ao redor do mundo, como pode ser observado na ressonância entre atores neoliberais e uma direita religiosa profundamente preocupada com pautas morais, geralmente ligadas à sexualidade, direitos reprodutivos e a um modelo tradicional de família, que se unem movidos por ressentimentos e pelo simulacro de um inimigo em comum.

Nesse contexto, diversos são os trabalhos que se debruçam, a partir de também diversas problematizações e abordagens teórico-metodológicas, sobre esse fenômeno, como Quadros (2015), Carranza (2017), Burity (2018), Lacerda (2018), Lerner (2019), Rosa (2019), Vaggione e Machado (2020), e incontáveis outros. Dois elementos parecem ser recorrentes em inúmeras análises acerca desse fenômeno: 1. a presença de atores e elementos religiosos, e 2. a imbricação das mídias, principalmente as digitais, em todo esse processo. É importante destacar que a mídia, aqui, é compreendida como parte da cultura, mas não é ela a causadora, de fato, dos efeitos sociais ou da transformação testemunhada em diferentes países nos últimos anos – e, no caso deste trabalho, em especial no Brasil. Além disso, como apresentado no início deste trabalho, o uso da mídia e certas táticas de debate e disputa pelos conservadores não são nada “conservadoras”. O conservadorismo dos agentes, imbricados profundamente nesses processos de disputa da ordem social testemunhada no Brasil recentemente, se mostra por outros atributos.

O fato é: surgem faces e expressões novas da identidade conservadora, que exigem um olhar das ciências sociais, e este trabalho buscou atender a essa exigência. Assim, buscou-se dar conta de um recorte específico dentro do amplo fenômeno da emergência conservadora no Brasil: o conservadorismo católico na internet. Este trabalho, então, se propôs a analisar esse discurso

conservador católico desde um estudo de casos a partir de dois agentes inseridos profundamente na internet e relacionados com esse fenômeno mais amplo: Padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster.

Pegando a produção midiática, mais especificamente alguns vídeos no YouTube, desses dois representantes do catolicismo conservador atual, demonstrar como o mesmo é construído na sociedade brasileira e junto aos católicos do país nos últimos anos, passando pela forma com que se constitui, suas especificidades, sua ligação com os processos políticos supracitados e suas articulações diante do contexto histórico-social específico em que se encontram. Em outras palavras, tentou-se “destilar” as regras de produção de sentido desse discurso conservador a partir de seus agentes, buscando evidenciar as lógicas que o constituem, que evidenciam suas articulações e sua circulação, e que o tornam possível, capaz de produzir sentido e investimento, gozo, em seus atores sujeitos.

Nesse processo, foi percebido o lugar primordial do outro, denominado indistintamente esquerda, socialismo, comunismo, marxismo etc., na constituição de si, a partir de um processo antagônico de rejeição a tudo que constitui o simulacro criado desse outro. Para os agentes desse discurso, esse adversário chamado esquerda é o alvo de uma constante disputa, desqualificação ou mesmo guerra, uma vez que sua existência impede a plena realização da identidade conservadora católica, como é próprio da ontologia política descrita pela Teoria do Discurso. Existe, portanto, uma dinâmica de “nós” e “eles”, percebidos como diametralmente opostos e inconciliáveis, restando apenas a desqualificação e a violência, que pode ser física, mas é sobretudo simbólica.

Para os agentes do conservadorismo católico na internet estudados aqui, o centro ordenador da sociedade deve ser a Igreja Católica, mas uma face específica dessa Igreja, baseada numa concepção mítica de um modelo ideal que nunca se concretizou totalmente. Para eles, a verdadeira Igreja Católica – que deve ser resgatada e, portanto, que teria existido de fato um dia – é a Igreja presente no discurso católico entre Trento e o Vaticano I. Não há, portanto, um tempo a que se quer voltar, mas um modelo, surgido e descontinuado em contextos históricos específicos, a se propor, um projeto de construção a se retomar, no qual a sociedade é cristã e toda a dissidência entendida como esquerda não existe mais.

É interessante perceber que a defesa da Igreja Católica que acreditam fazer esses agentes é, na realidade, a defesa a uma igreja idealizada, construída por suas narrativas míticas. Dessa forma, esses agentes, em nome da fidelidade à Igreja, põem-se em frontal oposição a atores concretos da Igreja Católica, inclusive os de autoridade tradicionalmente legitimada, como membros do clero,

bispos, o papa ou mesmo documentos magisteriais e concílios, como o Vaticano II. Eles não os rejeitam todos de antemão, mas se situam contra caso esses atores venham a se situar em lugares considerados dissidentes da interdiscursividade, como quando se põem em defesa dos pobres e vulnerabilizados, pois este seria um elemento próprio da esquerda. Em última instância, portanto, o centro da formação discursiva percebida na produção midiática de Padre Paulo Ricardo e Bernardo Küster é o posicionamento relacional e intransigente em oposição a tudo que não componha a identidade conservadora – católica ou não –, chegando, inclusive, a opor-se a figuras de autoridade ou ensinamentos da própria Igreja, contanto que não se aproxime do abominável outro chamado esquerda. Para eles, não há espaço para o questionamento do que é bom ou ruim, do que é a verdade a ser conservada ou a mentira a ser combatida. Tudo isso já está dado, já é pressuposto, ou ao menos é isso que tenta comunicar a retórica que constroem.

Este trabalho, por fim, não buscou esgotar todos os elementos envolvidos no fenômeno, nem mesmo no *corpus* levantado. Fazê-lo, sobretudo no formato de uma dissertação, com limite de páginas e de tempo, seria uma tarefa impossível. Sendo assim, ainda que se tenha cumprido o que fora proposto, ou talvez justamente por isso, restam e, ao mesmo tempo, abrem-se inúmeros outros caminhos de investigação sobre este rico tema do discurso conservador católico na internet, com tudo que lhe compõe.

REFERÊNCIAS

- ALESSANDRA, Karla. Religioso defende veto a projeto que amplia conceito de violência sexual. Agência Câmara de Notícias [online], 10/07/2013. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/409318-RELIGIOSO-DEFENDE-VETO-A-PROJETO-QUE-AMPLIA-CONCEITO-DE-VIOLENCIA-SEXUAL>. Acesso em 21/01/2020.
- ALVES, Ana Rodrigues. **O conceito de hegemonia:** de Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova, São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010.
- APRÁ, Alexandre. Embaixada da Suécia desmente fakenews de 'padre bélico'. IHU [online], 15 jan. 2019. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586060-embaixada-da-suecia-desmente-fakenews-de-padre-belico-de-mt-ligado-a-bolsonaro>. Acesso em 29/03/2021.
- ARAUTOS do Evangelho. Arautos do Evangelho [online], [2021]. Disponível em <https://www.arautos.org/secoes/arautos/quem-sao/Arautos-do-Evangelho-136523>. Acesso em 06/03/2021.
- ASSAD, Paulo. Como um grupo ultraconservador atrai militantes. Época [online], 08/08/2018. Disponível em <https://epoca.globo.com/como-um-grupo-ultraconservador-atrai-militantes-22946895>. Acesso em 15/03/2021.
- ATEUVER. Damares: Menino veste azul e menina veste rosa – Uma nova era? [S.l.: s.n], 2019. 1 vídeo (35 segundos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6myjru-e81U>. Acesso em 29/03/2021.
- AVRITZER, Leonardo. O pêndulo da democracia no Brasil: Uma análise da crise 2013-2018. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 37, n. 2, p. 273-289, ago. 2018.
- AZEVEDO, Dom Walmor. Verdade sobre o Sínodo. CNBB [online], 25/10/2019. Disponível em <http://www.cnbb.org.br/verdade-sobre-o-sinodo/>. Acesso em 12/03/2020.
- BARROS, Wellington. Fora da Igreja não há salvação: ambientes católicos virtuais e o fortalecimento da perspectiva exclusivista. **Último Andar**, São Paulo-SP, n. 29, p. 32-48, 2016.
- BENTO XVI, Papa. Deus Caritas Est: sobre o amor cristão. 25/12/2005. Disponível em http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em 23/03/2021.
- BOLSONARO, Jair. Desmascarando o mascarado. [S.l.: s.n.], 2019a. 1 vídeo (12 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kzy35vGhhK4&feature=youtu.be>. Acesso em 21/01/2020.
- _____. Reflexão do Padre Paulo Ricardo sobre o desarmamento. [S.l.: s.n.], 2019b. 1 vídeo (24 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c18m9f2jSd4>. Acesso em 21/01/2020.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Inquérito nº 4.781. Relator: Ministro Alexandre de Moraes, 26 mai. 2020. Brasília: STF, 2020. Disponível em <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/mandado27maio.pdf>. Acesso em 24 ago. 2020.

BURITY, Joanildo. Religião e democratização no Brasil: reflexões sobre os anos 80. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 10 n. 2, p. 167-192, jul./dez. 1994.

_____. Religião, política e cultura. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 83-113, nov. 2008.

_____. A cena da religião pública: Contingência, dispersão e dinâmica relacional. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 102, p. 89-105, jul. 2015.

_____. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo de; TONIOL, Rodrigo (orgs.). **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais**. Campinas: EdUnicamp, p. 15-66, 2018.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (Orgs.). **Novas comunidades católicas: Em busca do espaço pós-moderno**. 2. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

_____. Modus operandi político de evangélicos e católicos: consolidações e inflexões. **Debates do NER**, v. 2, n. 32, p. 87-116, jul./dez. 2017.

_____. Erosão das Democracias Latino-Americanas: A ascensão política dos cristãos. **Ciências Sociais e Religião**, v. 22, p. 1-17, 2020.

CARVALHO, Olavo. Olavo de Carvalho e Bernardo Pires Küster: Yago Martins e as fés protestantes. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (42 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MU0v21774c>. Acesso em 21/01/2020.

CASTRO, Manuela. Participantes do Sínodo explicam o significado da proposta do rito amazônico. CNBB [online], 24/10/2019. Disponível em <http://www.cnbb.org.br/participantes-do-sinodo-explicam-o-significado-da-proposta-do-rito-amazonico/>. Acesso em 12/03/2020.

CATHOLIC cardinals urge end of 'homosexual agenda'. BBC News [online], 20/02/2019. Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-europe-47302817>. Acesso em 06/03/2021.

CERNUZIO, Salvatore. Viganò: su McCarrick il Papa mente, errori anche da Benedetto XVI e Giovanni Paolo II. La Stampa [online], 10/06/2019. Disponível em <https://www.lastampa.it/vatican-insider/it/2019/06/10/news/vigano-su-mccarrick-il-papa-mente-errori-anche-da-benedetto-xvi-e-giovanni-paolo-ii-1.36540107>. Acesso em 06/03/2021.

COM MAIS de 40 anos de tradição nos EUA, o CPAC, maior evento conservador do mundo, chega ao Brasil. Em nossa primeira edição, nos dias 11/12 de outubro, traremos grandes nomes da direita norte-americana e brasileira! Acompanhe nossas atualizações; em breve, teremos

novidades. [São Paulo], 14 ago. 2019. Twitter: @cpacbrasil. Disponível em <https://twitter.com/cpacbrasil/status/116176766776315393>. Acesso em 08/12/2020.

COMISSÃO realiza seminário sobre valorização da vida. Agência Câmara de Notícias [online], 09/09/2015. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/469467-comissao-realiza-seminario-sobre-valorizacao-da-vida/>. Acesso em 21/01/2020.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Oeconomicae et pecuniariae quaestiones**: considerações para um discernimento ético sobre alguns aspectos do atual sistema econômico-financeiro. 06/01/2018. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180106_oeconomicae-et-pecuniariae_po.html. Acesso em 12/12/19.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A “nova” fase do neoliberalismo. OutrasMídias [online], 29/07/2019. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/dardot-e-laval-a-nova-fase-do-neoliberalismo>. Acesso em 09/12/19.

DOMINGUES, Filipe. Sínodo da Amazônia: Papa Francisco pede desculpas por roubo de estátuas indígenas de igreja em Roma. G1 [online], 25/10/2019. Disponível em <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/10/25/sinodo-da-amazonia-papa-francisco-pede-desculpas-por-roubo-de-estatuas-indigenas-de-igreja-em-roma.ghtml>. Acesso em 12/03/2020.

DURKHEIM, Émile. Les formes élémentaires de la vie religieuse. Paris: Presses Universitaires de France, 1968, tradução de Laura Natal Rodrigues. In: RODRIGUES, José A. (org.). **Émile Durkheim**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

EDITORIA. Cléofas [online], [2021?]. Disponível em <https://cleofas.com.br/editor/>. Acesso em 16/03/2021.

ESPAÑOL, VATICAN NEWS. Papa Francisco: Clausura de los trabajos del Sínodo dos Obispos. Roma: 2019. 1 vídeo (42 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZXm-os1bsUY>. Acesso em 12/03/2020.

FERRAZ, Lucas. Fake news e escândalos: a mídia católica de direita ataca o papa Francisco. CartaCapital [online], 09/01/2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fake-news-e-escandalos-a-midia-catolica-de-direita-ataca-francisco/>. Acesso em: 14/01/2020.

FILHO de Bolsonaro diz que pressão à Venezuela virá com Moro e Itamaraty. Veja [online], 26/11/2018. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/filho-de-bolsonaro-diz-que-pressao-a-venezuela-vira-com-moro-e-itamaraty/>. Acesso em 23/03/2021.

FLORES, Ana Cássia. **A internet dos leigos**: catolicismo midiático e práticas de consumo como experiência vivida. 182 p. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

FLYVBJERG, Bent. Five Misunderstandings About Case-Study Research. **Qualitative**

Inquiry, v. 12, no. 2, p. 219-245, 2006.

FRUTUOSO, Allan. CPAC Brasil: Bernardo Küster. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (31 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lkJmvI4o1Gk>. Acesso em 21/01/2020.

GALHARDO, Ricardo. Justiça mantém condenação a youtuber bolsonarista que atacou Leonardo Boff. Estadão [online], 06/05/2020. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,justica-mantem-condenacao-a-youtuber-bolsonarista-que-atacou-leonardo-boff,70003294747>. Acesso em 15/03/2021.

GLYNOS, Jason *et al.* Discourse Analysis: Varieties and Methods. **ESRC National Centre for Research Methods**, Southampton, Reino Unido, n. 14, 2009.

GLYNOS, Jason *et al.* Critical Fantasy Studies: neoliberalism, education and identification - an interview with Jason Glynos. **Série-Estudos**, v. 24, n. 52, p. 145-170, 2019.

GLYNOS, Jason *et al.* Discourse Theory, Psychoanalysis, and Logics of Critical Explanation. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 6, n. 1, p. 1-23, 2020.

GLYNOS, Jason; HOWARTH, David. **Logics of Critical Explanation in Social and Political Theory**. Abingdon: Routledge, 2007. *E-book*.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Encontro ultraconservador busca novo fôlego bolsonarista em meio à perda da popularidade. El País [online], 14/10/2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/politica/1570994671_481129.html. Acesso em 21/01/2020.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 5, 2002.
HAWLEY, George. **Making sense of the alt-right**. New York: Columbia University Press, 2017.

HEINE, Debra. Cardinal Müller: Vatican Amazon Document Contains Heresy and Stupidity 'That Has Nothing to Do with Christianity'. PJ Media [online], 11/07/2019. Disponível em <https://pjmedia.com/faith/debra-heine/2019/07/11/cardinal-muller-vatican-amazon-document-contains-heresy-and-stupidity-that-has-nothing-to-do-with-christianity-n102991>. Acesso em 06/03/2021.

IGLESIAS, Juan Paulo. Austen Ivereigh, biógrafo del Papa Francisco: "La resistencia al Papa incluye varios cardenales y grupos muy ricos y potentes de EE.UU.". La Tercera [online], 10/08/2019. Disponível em <https://www.latercera.com/mundo/noticia/austen-ivereigh-biografo-del-papa-francisco-la-resistencia-al-papa-incluye-varios-cardenales-grupos-ricos-potentes-ee-uu/776788/>. Acesso em 06/03/2021.

IGREJA CATÓLICA. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

INQUÉRITO do STF que investiga fake news: veja perguntas e respostas. G1 [online], 27/05/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/inquerito-do-stf-que-investiga-fake-news-veja-perguntas-e-respostas.ghtml>. Acesso em 15/03/2021.

JOÃO PAULO II, Papa. **Centesimus Annus**. São Paulo: Paulinas, 2014.

KEHL, Medard. **A Igreja**: uma eclesiologia católica. São Paulo: Loyola, 1997.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Eclesiologia do Vaticano II**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

KÜSTER, Bernardo. Grotta azzura. Capri: [s.n.], 2008. 1 vídeo (30 segundos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DErekKTNHAc>. Acesso em 16/03/2021.

_____. Peter Hitchens: Deus existe sim. [S.l.: s.n.], 2014. 1 vídeo (8 minutos). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=wD_-nVW1k74. Acesso em 16/03/2021.

_____. Deu tudo errado? Os benefícios de ser preso. [S.l.: s.n.], 2017. 1 vídeo (5 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L5nOUDb0NSU>. Acesso em 16/03/2021.

_____. PT e a Igreja: a "nova" estratégia da esquerda. [S.l.: s.n.], 2018a. 1 vídeo (18 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5-hnf-Z9vD8>. Acesso em 16/10/2020.

_____. Traidores na Igreja? [S.l.: s.n.], 2018b. 1 vídeo (11 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FxPZRExnWtw>. Acesso em 16/10/2020.

_____. O que importa nesta guerra? Lênin ensina. [S.l.: s.n.], 2018c. 1 vídeo (8 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BUCIGd7hFGA>. Acesso em 16/10/2021.

_____. 10 mentiras sobre Olavo de Carvalho. [S.l.: s.n.], 2019a. 1 vídeo (27 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dZs09VGHbXA>. Acesso em 15/03/2021.

_____. Bastidores: No quintal do Olavão. [S.l. s.n.], 2019b. 1 vídeo (10 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JsQFwO-FacM>. Acesso em 15/03/2021.

_____. Como a esquerda controlará as próximas eleições. [S.l. s.n.], 2019c. 1 vídeo (10 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=muTowGV8C94>. Acesso em 16/10/2020.

_____. Fim do Sínodo da Amazônia: Papa, política e pachamama. Roma: [s.n.], 2019d. 1 vídeo (37 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9aJj6Fjt6Lg>. Acesso em 16/10/2021.

_____. O Brasil está vivo. [S.l.: s.n.], 2019e. 1 vídeo (12 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7Z8LSEz59dY>. Acesso em 15/03/2021.

LACERDA, Marina Basso. **Neoconservadorismo de periferia**: articulação familista, punitivista e neoliberal na Câmara dos Deputados. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista**: Hacia una radicalización de la democracia. Siglo XXI, Madrid, 1987.

LEÃO XIII, Papa. Rerum Novarum: Sobre a Condição dos Operários. 15/05/1891. Disponível em http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em 05/03/2021.

LERNER, Celina. **A Mentalidade Conservadora no Brasil**: uma análise da interação política em redes sociais digitais (2012-2018). Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais). Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2019.

LIFESITENEWS. Controversial Amazon Synod statue seized and thrown into the Tiber River. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (3 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CngoabjurIo>. Acesso em 08/12/2020.

LLORENTE, Elena. “En el Vaticano hay una guerra civil subterránea”. Página12 [online], 21/09/2018. Disponível em <https://www.pagina12.com.ar/143555-en-el-vaticano-hay-una-guerra-civil-subterranea>. Acesso em 06/03/2021.

LOMONACO, Amedeo; LIMA, Raimundo de. Sínodo. Na coletiva, apelo de um indígena: permaneçamos unidos, Jesus nos une. Vatican News [online], 24/10/2019. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-10/coletiva-sinodo-amazonia-indigena-permanecamos-unidos-jesus-une.html>. Acesso em 12/03/2020.

MAIA, Dhiego. Ser gay deixou de ser 'doença' há 28 anos; beijaço lembra a data. Folha S. Paulo [online], 17 mai. 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/05/ser-gay-deixou-de-ser-doenca-ha-28-anos-beijaco-lembra-a-data.shtml>. Acesso em 29/03/2021.

MACHADO, Maria. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 26, n.2, p. 1-18, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2000.

MARTINO, Luís. Midiatização da religião e secularização: pensando as práticas religiosas no ambiente das mídias. **Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 1, n. 1, p. 97-108, 2017.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.

MOUFFE, Chantal. Alteridades y subjetividades en las ciudadanías contemporâneas. **Diálogos de la comunicación**, n. 75, p. 1-7, 2007.

O FUNDADOR. TFP [online], [2021]. Disponível em <https://www.tfp.org.br/fundador/>. Acesso em 06/03/2021.

ODILLA, Fernanda. 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? BBC News Brasil [online], 09/06/2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>. Acesso em 05/03/2021.

ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, n. 61, p. 53-59 jan./mar. 1994.

_____. **O próprio da análise de discurso**. Conferência realizada na UFF, Niterói, 1997.

PAIVA, Angela Randolpho. **Católico, protestante, cidadão**: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

PALMA, Gabriel *et al.* Polícia Federal faz buscas em endereços de Roberto Jefferson, Luciano Hang e blogueiros. G1 [online], 27/05/2020. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/27/pf-cumpre-mandados-em-inquerito-do-stf-sobre-fake-news.ghtml>. Acesso em 15/03/2021.

PAULO VI, Papa. **Lumen Gentium**: Constituição Dogmática sobre a Igreja. Vaticano: 21/11/1964. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 12/03/2020.

_____. **Gaudium et Spes**: Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual. Vaticano: 07/12/1965. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em 12/12/19.

_____. Apostolicam Actuositatem: Decreto sobre o apostolado dos leigos. In: IGREJA CATÓLICA. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PERASSO, Valeria. Quem são os cardeais rebeldes que acusam o papa Francisco de heresia. BBC News Brasil [online], 16/11/2016. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998143>. Acesso em 06/03/2021.

PIO X, Papa. **Pascendi Dominici Gregis**: Sobre as Doutrinas Modernistas. 08/09/1907. Disponível em http://www.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html. Acesso em 05/03/2021.

PLACERES, Giuliano. **O intercâmbio político entre parlamentares e as emissoras paulistas de televisão católica**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

PLAY, Canção Nova. Feminismo, Ideologia de Gênero e Aborto com Pe. Paulo Ricardo e Professor Felipe Nery. [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (1 hora). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MG4wygeB0f8>. Acesso em 29/03/2021.

POSTAGENS de Padre Paulo Ricardo. Canção Nova [online], 2021. Disponível em <https://formacao.cancaonova.com/autor/padrepaulo/>. Acesso em 16/03/2021.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo. Catequistas, artistas ou socialmente engajados: as formas de inserção política do catolicismo carismático. **Caminhos**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 113-126, jan./jun. 2018.

PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico. Mídia Ninja [online], 01 jan. 2021. Disponível em <https://midianinja.org/fabiopy/padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico/>. Acesso em 15/03/2021.

QUADROS, Marcos. Neoconservadorismo e direita religiosa nos Estados Unidos: Formação ideológica, “guerra cultural” e política externa. **Espaço Plural**, v. 15, n. 31, p. 43-61, jul./dec. 2014.

_____. **Conservadorismo à brasileira**: sociedade e elites políticas na contemporaneidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

QUEM somos. Associação Cultural Montfort [online], [2016]. Disponível em http://www.montfort.org.br/bra/home/quem_somos/. Acesso em 05/03/2021.

QUEIROZ, João. Novas armas, mesmas vítimas: legitimação da violência, regressão democrática e internet. In: Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política, Curitiba: UFPR, 2020. Disponível em: <https://even3.blob.core.windows.net/processos/0dd10bf17f8541709fa8.pdf>. Acesso em: 05/03/2021.

RAHNER, Karl. **O Cristão do Futuro**. São Paulo: Novo Século, 2004.

RAWLS, Anne. Durkheim’s Epistemology: The neglected argument. **American Journal of Sociology**, v. 102, n. 2, p. 430-482, set. 1996.

RICARDO, Padre Paulo. Comunicado a respeito da carta aberta de 27 padres solicitando o meu afastamento. Padre Paulo Ricardo [online], 28/03/2012. Disponível em <https://padrepauloricardo.org/blog/comunicado-a-respeito-da-carta-aberta-de-27-padres-solicitando-o-meu-afastamento>. Acesso em 21/01/2020.

_____. A família no centro da política. [S.l.: s.n.], 2013a. 1 vídeo (28 minutos). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=u_6oSGUpGD8. Acesso em 21/01/2020.

_____. O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota. [S.l.: s.n.], 2013b. 1 vídeo (57 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FCgZjtUxDvM>. Acesso em 16/10/2021.

_____. O quadro político do Brasil. [S.l.: s.n.], 2013c. 1 vídeo (59 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=U6IuyKBkDJg>. Acesso em 16/10/2021.

_____. O Senhor dos Anéis. [S.l.: s.n.], 2013d. 1 vídeo (1 hora). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9qwfXWkU5eA>. Acesso em 16/03/2021.

_____. Papa Francisco teria feito exorcismo na Praça de São Pedro. [S.l.: s.n.], 2013e. 1 vídeo (1 minuto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Fh9jPzK3Vco>. Acesso em 16/03/2021.

_____. E o capitalismo? [S.l.: s.n.] 2014. 1 vídeo (58 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xQFyp6rOHp8>. Acesso em 16/10/2021.

_____. Igreja paralela? Seita? [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (48 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4VpaDqxcFo>. Acesso em 16/10/2021.

_____. A Rússia espalhará os seus erros pelo mundo: aula sobre Fátima e o Comunismo. [S.l.: s.n.], 2018a. 1 vídeo (1 hora). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GaJcVEz_4EE. Acesso em 16/10/2020.

_____. Eu vi um padre: homenagem do Pe. Paulo Ricardo ao Pe. José Crevacore. [S.l.: s.n.], 2018b. 1 vídeo (15 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lg2wLAiseIU>. Acesso em 16/03/2021.

_____. O Silmarillion. [S.l.: s.n.], 2018c. 1 vídeo (59 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=F0aNKV116pE>. Acesso em 16/03/2021.

_____. STF versus Brasil: Padre Paulo Ricardo fala sobre aborto e “ativismo judicial”. [S.l.: s.n.], 2018d. 1 vídeo (29 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=GTsauhE-PQg>. Acesso em 09/12/19.

_____. Todo governo é uma quadrilha de ladrões? [S.l.: s.n.], 2019. 1 vídeo (1 hora). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=v0UNGRlyh_M. Acesso em 16/10/2020.

_____. Parresía. Padre Paulo Ricardo [online], [201-?a]. Disponível em <https://padrepauloricardo.org/programas/parresia>. Acesso em 16/03/2021.

_____. A resposta católica. Padre Paulo Ricardo [online], [201-?b]. Disponível em <https://padrepauloricardo.org/programas/a-resposta-catolica>. Acesso em 16/03/2021.

ROSA, Pablo (Org.). **Fascismo Tropical**: uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

SENADO, TV. Padre Paulo Ricardo destaca que o feto de 12 semanas não é uma bola de sangue, mas sim um ser humano. Brasília, [s.n.], 2015. 1 vídeo (14 minutos). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WBKzgS2FrBM&feature=emb_logo. Acesso em 21/01/2020.

SIGNIFICADO de “gênero” será discutido em Comissão dos Direitos da Mulher. Agência Câmara de Notícias [online], 10/08/2016. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/495425-significado-de-genero-sera-discutido-em-comissao-dos-direitos-da-mulher/>. Acesso em 21/01/2020.

SILVA, Ivanderson. Em busca de significados para a expressão “ideologia de gênero”. **Educação em revista**, Belo Horizonte, MG, v. 34, 2018.

SILVEIRA, Emerson. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. **Reflexão**, Campinas, SP, v. 43, n. 2, p. 289-309, jul./dez. 2018.

_____. Reacionarismo católico ontem, hoje e sempre: Os “vencidos” do catolicismo na modernidade. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 79, n. 314, p. 541-570, set./dez. 2019.

SILVERSTEIN, Jason. Who is George Soros and why is he blamed in so many right-wing conspiracy theories? CBS News [online], 24 out. 2018. Disponível em <https://www.cbsnews.com/news/who-is-george-soros-and-why-is-he-blamed-in-every-right-wing-conspiracy-theory/>. Acesso em 29/03/2021.

SLIMOVICH, Ana. A midiatização contemporânea do político: os discursos presidenciais nas redes sociais e a reação do cidadão argentino. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, BA, n. 16, p. 1-25, set. 2018.

TIBA, Déia e. Entrevistamos Bernardo Küster: Conversão, namoro, Igreja, etc. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (27 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uAiykNXYfoI>. Acesso em 16/03/2021.

TOWNSEND, Mark. Steve Bannon ‘told Italy’s populist leader: Pope Francis is the enemy’. The Guardian [online], 13/04/2019. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2019/apr/13/steve-bannon-matteo-salvini-pope-francis-is-the-enemy>. Acesso em 06/03/2021.

TRIVINHO, Eugenio. A civilização glocal: repercussões social-históricas de uma invenção tecnocultural fundamental do capitalismo tardio. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 10, p. 26-41, 2013.

_____. A condição transpolítica da cibercultura. **Revista FAMECOS**, n. 31, p. 91-101, 2006.

UNION, Oxford. Peter Hitchens: God does Exist. Oxford [s.n.], 2012. 1 vídeo (8 minutos). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VnIH4gomOqc>. Acesso em 16/03/2021.

VAGGIONE, Juan; MACHADO, Maria. Religious Patterns of Neoconservadorism in Latin America. **Politics & Gender**, v. 16, p. 6-10, 2020.

VATICAN NEWS. Francisco fala sobre as imagens jogadas no Tibre. Vatican News [online], 25/10/2019a. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/francisco-fala-das-estatuas-jogadas-no-tibre.html>. Acesso em 12/03/2020.

_____. Papa: as diagnoses feitas pelo Sínodo são a sua vitória. Vatican News [online], 26/10/2019b. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-10/papa-francisco-conclusao-sinodo-amazonico-diagnoses-vitoria.html>. Acesso em 12/03/2020.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014.

VINHAS, Otávio *et al.* Antagonismos discursivos nas hashtags #marqueteirosdojair e #bolsolão no Twitter nas eleições de 2018 no Brasil: contribuições da análise de redes sociais à sociologia digital. **Estud. Sociol.** Araraquara, v. 25, n. 48, p. 37-61, jan./jun. 2020.

VON ARX, Jeffrey. The root of the China-Vatican agreement: Napoleon. America [online], 24/09/2018. Disponível em <https://www.americamagazine.org/faith/2018/09/24/root-china-vatican-agreement-napoleon>. Acesso em 29/03/2021.

ZEZINHO, Padre. Küster: discordância, discórdia e confrontação. Blog do Padre Zezinho [online], 26/02/2018. Disponível em <https://blogdopadrezezinho.catholicus.org.br/discordancia-discordia-e-confrontacao/>. Acesso em 21/01/2020.

ZUAZO, Pedro. Na mira do Vaticano, grupo católico debocha ao ouvir que o Papa Francisco está possuído. EXTRA [online], 26/06/2017. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/na-mira-do-vaticano-grupo-catolico-debocha-ao-ouvir-que-papa-francisco-esta-possuido-21513816.html>. Acesso em 06/03/2021.